

ANNO XXIII ————— Nº 8

10, 25 de Fevereiro de 1929.

————— Preço: 15000 —————

**FON
FON**



— Que tragico momento quando, no meio da festa, sentiu aquella horrivel dôr de cabeça que o fez cahir num sofá, enquanto todos, angustiosos, o rodeavam!

Grças, porém, a um feliz acaso, um amigo seu trazia no bolso CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo d'agua, e... dentro de cinco minutos estava outra vez dançando, tão bem disposto e alegre como d'antes!

Desde então, elle leva sempre comsigo, a toda festa ou reunião social que vae, "para o que possa succeder", um tubo da nobre e excellente



CAFIASPIRINA



Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; neuralgias, enxaquecas e rheumatismo; consequencias das noites passadas em claro, dos excessos alcoolicos, etc.

Não affecta o coração nem os rins.



MA chuva fria, penetrante, cahia sobre a cidade campezina quando lá cheguei, n'uma destas tardes, em visita ao meu amigo Borba, o unico medico da localidade e que estava á minha espera na estação. Seguimos a pé para o seu bangalô, por uma estrada horrivel, entrecortada de buracos, onde se empicava a agua.

Amos vagarosamente, relembrando os tempos da mocidade, passados alegremente na triste Paulicéa. Como n'uma alva téla de um cinematographo, invisível, vi desenrolar deante de meus olhos a pensão da mamã Carlota, onde precisavamos descer as escadas carunchosas cautelosamente, afim de que não desabassem. Annos de muita esperança, mas pouco dinheiro; dias passados rapida e prazenteiramente, apesar do pessimo arroz e do bife detestavel. Não esquecemos de recordar as continuas serenatas, ao luar ou á chuva, realizadas em bairros escuros, infectos, afastados, sob janellas em que floriam cravos e jasmims. As suas consequencias, a maioria das vezes desastrosas, não foram olvidadas...

O meu amigo, mãos atrás das costas, olhava gravemente para o chão, fazendo-me recordar a figura do conselheiro Accacio, do admiravel Eça. Parou um momento, olhou-me fixamente alguns segundos e sentenciosamente falou:

—As autoridades, prohibindo as serenatas, acabaram com uma das melhores tradições paulistas. Lamentavel, muito lamentavel.

Concordei e continuamos a caminhar.

De quando em quando, eramos interrompidos por matutos que humildemente se acercavam do doutor Borba e faziam rapidas consultas:

—“São dotor”; sinto uma horriavel dorzinha aqui...

E fazendo uma contracção nos musculos do rosto, apontavam o ventre ou o peito.

Borba disséra que sua casa ficava a pequena distancia da estação. Todavia, já havíamos andado cerca de meia hora e nem signal da residencia.

Quando, n'uma curva, pela decima vez reatavamos a conversação, se nos depararam dois enterros, que vinham ao nosso encontro. Descobrimo-nos respeitosa e Andámos mais alguns metros e o meu companheiro, compungido, disse, triste e pausadamente:

—Esses dois caixões encerram uma historia triste, de amor, sacrificio e resignação.



A QUE VIVIA DA MORTE ALHEIA

O Commentario

O Carnaval deste anno teve urucubaca. Sem duvida. A coincidência da lua nova trouxe-lhe uma chuvarada teimosa e forte, que esfriou a folia, impedio a sahida dos prestitos e transformou as ruas em horriveis lodaças. E por mais que, nas estidas rapidas, o carioca investisse heroicamente contra o tempo, procurando reavivar a chamma sagrada da alegria, a natureza foi impiedosa e varreu tudo a golpes de agua...

Entretanto, pela madrugada, a agua faltou, não a da chuva, porém a dos encantamentos, impossibilitando o corpo de bombeiros de apagar um dos maiores incendios que têm havido no Rio de Janeiro. O fogo começou num restaurante da rua do Passeio, debaixo da redacção do O Imparcial. Communicou-se ao prédio desse jornal e a outros proximos, devorando rapidamente uma grande area damnificada. O Imparcial desapareceu na voragem terrivel e nós lamentamos profunda e sinceramente a desgraça do nosso collega. Orgão do Partido Democratico, actualmente, elle voltára a gosar do grande favor da opinião publica quando esse golpe do destino o fulminou em pleno combate por altas idéas.

Foi mesmo um carnaval infeliz. Agua e fogo, mas agua que não apagou o fogo...

Interessei-me. O Borba levantou a golla de sua capa de borracha, puxou pela carteira e offereceu-me cigarrilhas. Soltou algumas bafuradas e continuou:

— Todos os cadaveres levam para o tumulo uma novella que a humanidade difficilmente chega a conhecer. Por vias indirectas, cheguei ao conhecimento desta. Has de concordar, depois que a ouvires, que é bella, apesar de muito sentimental, em desaccordo com a nossa época, utilitaria, material e egoista.

ROSA, a Rosinha, como a chamavam os intimos da casa, era filha de ricos fazendeiros. Estudava em um collegio do Rio. Aos dezoito annos, seu pae a fez voltar para a sua companhia, onde veiu a conhecer o administrador da fazenda em que residiam, um moço esbelto, sempre risonho, camarada de seus camaradas, de esmerada educação e cultura, mas com um grande defeito: o de ser extremamente pobre...

Encontraram-se pela primeira vez n'uma clara manhã de primavera, em que o sól se espreguiçava por cima das copadas arvores e era saudado pelos passarinhos que curiosamente sahiam do ninho. O moço contava uma grande manada de bois. Sentiu que alguém se lhe approximava. Voltou-se. Sabia que a filha dos patrões chegára á noite do dia anterior, mas ainda não a vira. Não a imaginava assim tão loira, com uns olhos tão profundamente azues, com um ar tão angelical. Respeitosamente, tirou o seu chapéu de abas largas.

— A menina é a filha do coronel Asdrubal?

Era. Viera alli para que lhe ensinasse onde ficava o caramanchão que lhe fôra reservado para as horas de leitura. Enquanto falava, observava-o. Ambos sentiram qualquer cousa que instinctivamente os approximava. A queda de um garoto que tentava subir em um pequeno cavallo branco, com manchas pretas, fel-a sorrir, entre mostrando duas fieiras de perolas muito brancas.

Foram ao caramanchão. Para lá chegar passaram por um pequeno jardim, escondido no fundo da fazenda. A moça quiz colher umas flores para um ramallete. O rapaz segurava-as e em dado momento suas mãos se tocaram por longo tempo. Vivo rubor subiu ao rosto de boneca de Rosa, que correu a esconder-se no retiro que lhe fôra preparado...

OS continuos passeios aos cafés, ao jardim; as longas horas que passavam a trocar velhas

palavras de amor, sempre renovadas pelos namorados, acabaram por despertar desconfiança no espirito do fazendeiro, que uma noite bruscamente interpellou a filha a respeito. Não soube negar. Com toda a ingenuidade propria da idade, contou ao seu progenitor o que sentia. Furioso, o coronel não se conteve e declarou peremptoriamente que, si não acabasse com "aquillo", mata-a-ia. No dia seguinte, o pobre enamorado era despedido e com a ameaça de morte caso voltasse a namorar a rapariga.

As supplicas de Rosa não demoveram o pae de seu proposito. Continuaram a ver-se, ás escondidas, protegidos por uma preta, muito dedicada á "menina". Vendo baldados os seus esforços, os namorados tomaram uma resolução extrema e que muito lhes custou: fugiram. Foram residir naquella pequenina cidade campezina, onde se casaram.

Durante dois annos viveram felizes, sobrevivendo-lhes, desse amor, uma loira criança. Um dia, porém, o pobre moço, ao passar por um atalho, em direcção ao serviço, foi barbaramente esquarterado por sequezas do pae de sua mulher.

Passados os primeiros mezes de dôr, Rosa demonstrou ser possuidora de um espirito forte: procurou trabalho para o seu e para o sus-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

tento do filho. Fez-se carpideira, ainda que com repugnancia, pois, coração sensível, parecia-lhe excecível chorar os que morriam para poder viver. Ganhava bem. Gastava o estrictamente necessario. Fazia grandes economias afim de fugir do logar onde seu amor re-florira e morrêra.

EM FIM, passados quatro annos destes acontecimentos, conseguiu o tão desejado peculio para poder migrar. Uma noite de janeiro, em que o vento fazia as arvores chorarem melancolicamente, foi velar um pequeno cadaver na rica residencia do chefe politico local. Seria a ultima vez que exerceria esse triste myster. Estava radiante com a perspectiva de uma nova vida, e nessa noite chorou copiosamente, como nunca o fizera.

Sahiu pela madrugada, alquebrada, exausta, a cahir de somno. Cortou caminhos afim de chegar rapidamente ao casebre em que habitava. Offegante, abriu a porta, mas recuou, olhos esbugalhados, a bocca aberta a soltar um grito que

ninguem ouviu. Tremulamente entrou e com toda nitidez viu o quadro lugubre: seu filho, com os olhitos azues desmesuradamente abertos, o corpinho frio, jazia no chão, e estava sendo devorado por pôrcos que haviam entrado pelos fundos.

Aquella mulher, que tantas lagrimas derramára pelos outros, não teve uma sequer para aquelle que era sangue de seu sangue, carne de sua carne. Levou a mão ao coração, que sentia bater apressadamente, e, sem uma só palavra, cahiu redondamente sobre o outro corpo. O soturno baque da inanimada massa humana espantou os sulnos...

Somente quatro dias depois, quando os cadaveres já estavam em adeantado estado de putrefacção, os vizinhos os encontraram.

O dr. Borba calou-se. Chegávamos.

Duas loiras crianças correram ao seu encontro. Beijau-as effusivamente. Voltou-se para mim e disse, emquanto eu lhe observava os olhos cheios d'agua:

— O destino é bem traçoeiro, meu amigo. Nunca revela o que nos reserva...

ARMANDO BRUSSOLO.

— A V I D A —

A vida é um estranho jogo de illusões iridescentes sobre o futuro e tambem sobre o passado, sobre o que poderia occorrer e sobre o que occorrerá. As illusões são a fonte de cada uma de nossas angustias.

E' doce deixar-se embalar pelas illusões. Mas o despertar é amargo. Emquanto o sonho nos é grato, preferimos as desillusões passionaes a uma vida tranquilla e limitada. Quando vivemos a hora da amargura, esta vida nos apparece como um espelho paradisado.

Instinctivamente só consideramos o presente. O passado e o futuro não representam para nós sinão momentos que poderiam renovar-se e transformar-se em actuaes.

Por isso a vida é tão difficil: porque continuamente devemos fazer uma escolha entre os bens de hoje e os de amanhã, entre os bens profundos e os superficiaes; entre os bens que os outros apreciam e os que nós apreciamos; entre os bens permittidos e os prohibidos.

A vida, ou, melhor, as alegrias e ás dôres que a vida nos pôde dar, dependem dessa escolha. A's vezes, por nossos proprios meritos, mais frequentemente por um conjuncto de felizes circumstancias, escolhemos bem, e a vida deslisa facil e unida.

GINA LOMBROSO.

Proteja!



Sim! Proteja a sua familia.
Proteja-a contra os maleficios
de uma alimentação enfermiza.

Lembre-se de que as affecções
do aparelho digestivo são conse-
quentes da ingestão de alimentos
mão conservados. Tenha isso em
mente—e não se esqueça de que taes
affecções debilitam o organismo
mais sadio, deixando-o propenso
a innumeradas outras enfermidades.

Todos devem conjurar esse
grande perigo, sujeitando os ali-
mentos a um processo scientifico
de conservação perfeita. O nosso
clima assim o exige.

Peça-nos detalhes sobre o
Refrigerador "General Electric".

Elle resolve o problema da
conservação dos alimentos mais
delicados. O seu funcionamento
é absolutamente economico, e,
sob a sua guarda, a carne, o
leite, as fructas, etc., não se de-
terioram nem perdem as suas
propriedades nutritivas.

GENERAL ELECTRIC

Avenida Rio Branco, 60/4 - RIO DE JANEIRO

.97.

COUPON

Queira enviar-me seu
boletim sobre Refrigerador
G.E.

Nome: _____

Direcção: _____



Mosca Pretenciosa



orgulho que certas pessoas demonstram é um sentimento inconcebível. Parece que...

Mas não tornemos pedante uma historia breve, ligeira, da qual os leitores extrahirão, naturalmente, a moral que ella comporta.

Havia, pois, uma mosca, uma mosca vulgar, que morava n'uma confeitaria da cidade de Brest. Era verdadeiramente uma mosca nascida de uma mosca qualquer, cujos parentes deviam ter vivido nesse mesmo estabelecimento.

Mas o insecto, impando de orgulho, não admittia a idéa de que tivesse tido uma origem tão modesta. Affirmava tambem aos seus semelhantes que uma visita á bibliotheca municipal lhe havia informado sobre a nobreza da sua extracção e sobre a historia notavel da sua familia.

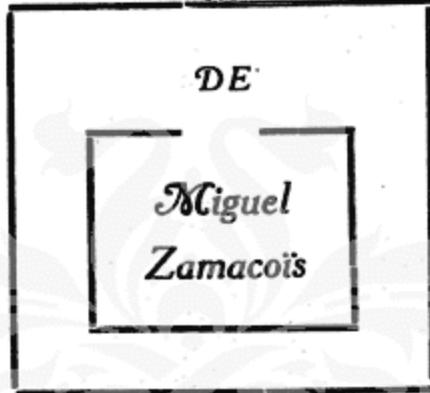
Fôra uma das suas longinquas avós que, pousando ao canto da face de uma favorita persa, no tempo das cruzadas, havia suggerido a moda das famosas "moscas", mais ou menos "assassinas", proprias para dar mais graça á phisionomia das "coquettes".

Tres das suas primas em segundo gráo, em seguida a uma invenção gloriosa, nos negocios da casa, haviam tomado logar nos armarios do Reverendo du Mesnil, o qual traz, como não ignoram: "o escudo dividido, para um, em quatro sinoplas com moscas de ouro; para dois e tres, em cabeças de agula de prata."

Emfim, a mosca sustentava que descendia, em linha recta, de famosa mosca, a cuja energia zumbidôra se devia a circumstancia de certo coche haver chegado ao alto de um caminho ascendente, destroçado, a despeito de uma senhora que cantava e de um monge que lia o seu breviario...

E affirmava que o sr. Jean de La Fontaine devia a sua notoriidade ao facto de se haver constituido o historiographo da familia: "Sem "Le Coche et la Mouche", dizia, todos os seus outros apologos — pueris! — caiam no esquecimento".

E' de ver que uma tal mosca devia fazer um grande ruido na confeitaria de Brest. Da mesma ma-



neira que o seu ancestral illustre excitava o ardor dos seis cavallos, ella estimulava o zelo do pessoal da pastelaria.

Exasperava os empregados com o seu ziguezaguear constante. Zumbia aos seus ouvidos durante o serviço. Vigiava a confecção dos doces. Comia-os. Provava-os outras vezes. Dava a sua opinião sobre os xaropes e os crêmes. Controlava, approvava, criticava. E, depois, tendo acompanhado a mercadoria até á sua installação, assediava infatigavelmente os clientes, pretendendo qual-os na escolha e levar-os á acquisição.

Assim decorria a sua existencia inutilmente agitada, quando, um dia, ella ouviu a patrôa ordenar a um joven aprendiz que fosse levar um "saint-honoré" ao Arsenal. Era um doce para um almoço de gala, que devia ter logar a bordo de um vaso de guerra, o capitanea da esquadra.

A mosca pensou que a commissão não seria bem feita, desde que ella não se mettesse no caso. Pousou no chapéo do empregado e deixou-se conduzir até ao caes, onde o esperava uma embarcação.

Lá, ella considerou que a missão de confiança de que ella se suppunha encarregada, não havia terminado. E trepada no "saint-honoré", ganhou, á força de remos, a formidavel unidade de guerra, amarrada a uma bola.

Com o bolo, ella subiu a escada. Atravessou a copa, penetrou em uma sala de jantar, e quando o monumento de creme immaculado foi posto sobre a toalha, ella se pôz de lado, a montar-lhe guarda.

Terminada a refeição, e desaparecido o "saint-honoré", ella

podia ter regressado. Mas julgou que faria honra ao chefe da esquadra permanecendo no navio.

E sem modestia, se installou na cabine do almirante.

Tomou parte no cruzeiro seguinte, mettendo-se em tudo, sussurrando conselhos aos marinheiros, opiniões aos officiaes de quarto...

Ora, certa manhã, em que o vaso de guerra estava ancorado, á vista de uma costa, foi dada uma salva, e o deslocamento de ar foi tão grande que a mosca foi atirada á agua.

A's vezes, é melhor ser mosca do que imperador. Um imperador teria ido a pique; a mosca, devido ao seu peso especifico, fluctuou; e, como não havia peixes comedores de insectos, nas proximidades, ella escapou com vida...

Não foi sem um grande terror que ella se apercebeu da sua situação...

As suas patas, não sendo proprias para o nado, não lhe permitiam voar para o navio.

Este ia partir e ella ficaria perdida na immensidade liquida.

Ah, si ao menos ella pudesse alcançar uma das grossas correntes da embarcação, que via subir do fundo do mar, com a ancora.

Os seus esforços eram inuteis. Ella rodava no mesmo logar!

Mas, ó milagre! eis que conseguiu erguer o vôo. Encontrou um corpo rijo que a levava para o tombadilho da unidade de guerra. Era uma das pontas da ancora, que havia emergido no ponto onde ella se encontrava.

Adivinha-se o resto: foi conduzida para o interior do vaso e neste seguiu para Brest, e depois para a confeitaria.

Foi lá que, no fim de sua vida, — o outomno, matador das pobres moscas — escreveu as suas memorias (com as suas patas, já se vê...) Nas suas memorias se encontrava esta observação estranha:

"Os homens constroem fantásticas casas fluctuantes, de ferro, guarnecidas de machinas colossais, de canhões, equipagens numerosas, unicamente para que as moscas passem... E têm grande cuidado em prover essas casas gigantescas, de "crampons" grudados a correntes enormes, para retirarem as moscas que caem dentro d'agua."

PAGÉOL

Antiseptico urinario - energico

Age rapida
radicalmente

Evita qualquer
complicação.

Supprime as dôres
da micção



Conselho d'um
velho gallo ao seu filho
- Lome Pageol

O Pagéol descon-
gestiona as mucosas
das vias urinaarias, e
renova os tecidos; é
um agente destrui-
dor do gonococco,
bem como de todos
os microbios que
podem associar-se a
elle. E' a base do
tratamento da ar-
thrite ou do rheu-
matismo blenorrho-
gico, bem como da
propria blenorrho-
gia

D^r BERTRAND,
de Maiseville (France)

Etablissements Chatelet
12 Grandes Premios
Procededores dos Hospitales
de Paris
N.º de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias.

Approvado pelo Departa-
mento Nacional de Saúde
Publica do Rio de Janeiro
N.º 277 - 6 de Maio de 1912

VAMIANINE

Producto scientifico

Syphilis, Doenças da Pelle

Depositarior exclusivos para o Brasil: Antonio J. Ferreira & Cia. - Caixa Postal 624 - Rio. - Recusar todo o pro-
ducto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

UM BOM CONSELHO!

Quando o senhor soffrer
do ESTOMAGO, tome

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D. N. S. P. Sob o N.º 169 em 24-3-1927



ARDORES - DYSPEPCIAS ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS
A venda em todas as pharmacias

Finanças... conjugaes

De XANROF

Mathilde e seu marido Julião, que se casaram ha dois mezes, examinam juntos a conta das despesas da casa. O momento é solenne e comovedor.

Julião — Vamos ver... Quanto gastámos este mez? Creio que terás feito muita economia, conforme prometteste.

Mathilde — Vae ver. (Mostrando-lhe um total no final de uma pagina) — Trezentos e cincoenta e quatro francos!

Julião (Muito satisfeito) — Soberbo! Isto é muito satisfatorio, quando penso que o mez passado gastámos em casa cerca de oitocentos francos, ou mais do dobro.

Mathilde — A' primeira vista parece difficil. Mas quando a gente sabe arranjar-se...

Julião — Assim é que eu gosto.

Mathilde — E' preciso notar, no entanto, que o mez passado incluímos na conta o aluguer da casa, o vinho, teus cigarros e todas as partidas que devem figurar em teus gastos pessoais.

Julião — Mas, si esses gastos, tu os faço á parte, como combinámos. (Consultando sua carteira) Olha, está tudo registado aqui. 157 francos, mais trezentos e cincoenta e quatro, são quinhentos e onze justos; e como só ganho por mez seiscentos e sessenta e seis francos e sessenta e seis centimos, nos restam...

Mathilde — Mas, meu amigo, tambem é preciso ter presentes meus gastos particulares...

Julião — Teus gastos particulares?! E que gastos são esses?

Mathilde — Aquelles que combinámos em chamar assim: a lavagem da roupa, o ordenado da criada e meus trajés...

Julião — E quanto importa tudo isso?

Mathilde — Trezentos francos!

Julião (sommando) — Cinco e tres... Isto é horrivel! Oitocentos e onze francos!... Mais do que o mez passado! Ah, não, não, não! Isto não póde continuar assim!... Oitocentos e onze francos por mez, quando eu ganho apenas seiscentos e sessenta e seis e sessenta e seis centimos!

Mathilde — Não sei o que dizer-te. Mas a culpa não é minha.

Julião (furioso) — Então de quem será? Assim como vae, esta-

mos nos arruinando! Porque, não poderás negar-me que, si não houvesse gasto nada, nos restariam cento e cincoenta e cinco francos!

Mathilde (soluçando) — Juro-te...

Julião — Vejo que não tiras nunca uma conta e jogas o dinheiro pela janella! Eu, em compensação, vivo de privações e economias, abstando-me ás vezes do mais necessario.

Mathilde (com indignação) — Isso não! Prohibo-te que digas isso. Tem graça que me chames gastadora e assegures que distribuo as notas de banco como si fossem prospectos, quando és tu que me arruinas com tuas loucuras!

Julião — Eu!? Era o que me faltava ouvir de ti!

Mathilde (appellando para a irrefutavel eloquencia dos numeros) — Olha! Si não houvesse gasto cento e cincoenta e sete francos em tuas diversões, nos restariam ainda doze francos e sessenta e seis centimos.

Julião (no cumulo da indignação) — Minhas diversões!...

Mathilde — E nas da pessoa a quem talvez mantenhás...

Julião (consternado) — Que eu mantenho uma mulher!...

Mathilde — Sim, senhor, porque não se concebe que tu só gastes cento e cincoenta e sete francos por mez.

Julião (tomando do lapis e fazendo novos calculos no papel) — Cem francos de aluguer... quarenta para o vinho... Olha: só gastei dezeseite francos em cigarros e bonde. (Com ar solenne) Para o mez que vem, ficarei com dezeseite francos e tu te arranjarás como puderes com o resto. Á menos que julgues possa eu, com essa quantia tão elevada, comprar moveis inglezes para minhas amigas e gastar a torto e a direito em festas e farras...

Mathilde (Tomando o lapis de seu marido) — Agora te farei eu outra conta. A criada, teus collarinhos, dois francos de alpiste para o canario, para teu repugnante canario, que se atraca como um condemnado.

Julião — Está bem. Daqui por deante incluirei a manutenção do canario nas despesas para cigarros, com o que ficará muito satisfeito o animalzinho.

Mathilde (prosequindo suas contas) — Biscoitos para os dias de

recepção. Aqui só vêm as mulheres de teus amigos. Meus trajés... Supponho que não acreditarás que me visto para mim!

Julião — Bem, passo por teus trajés...

Mathilde — Pois para isso necessito indispensavelmente cem francos mensaes.

Julião — Nada mais? Está certa disso?

Mathilde — Quando eu o digo!

Julião (sommando) — Vamos ver. Façamos o orçamento para o mez que vem. Trezentos e cincoenta e quatro francos para as despesas de casa, como este mez. Dezeseite francos para mim e cem para ti. Total: quatrocentos e setenta e um francos. (Surpreendido). Mas, segundo vejo, poderíamos economisar cerca de duzentos francos mensaes.

Mathilde (encantada) — Achas?

Julião — Que duvida existe? (Mostrando, triumphalmente, a sua mulher, os calculos que fez). Os numeros não mentem nunca!

Mathilde (com timidez) — Estou de accordo. Mas bem podes augmentar alguma cousa para o vinho e para o aluguer da casa...

Julião — Si é preciso, não ha outro remedio sinão acceder a teus desejos, porque a menos que fossemos viver ao ar livre e nos conformassemos em beber agua...

Mathilde — Nada disso...

Julião — Pena é que não possamos economizar esses duzentos francos de que te falava ha pouco!

Mathilde — Economizal-o-emos.

Julião — Mas, bem pensando, não terei outro remedio sinão ficar com trinta francos para cigarros e bonde.

Mathilde — O mesmo digo eu. Cem francos é muito pouco para poder vestir decentemente.

Julião — Fica com cento e cincoenta.

Mathilde — A questão é que os calculos estão bem feitos.

Julião — E todas as partidas occupam na conta o logar que lhe corresponde.

E Julião e Mathilde se vão deitar bem satisfeitos de si mesmos, como si houvessem resolvido definitivamente o problema de sua felicidade conjugal...



Miserias Femininas

Disse-se da mulher que ella é " a eterna mortificada ". Mas as funções organicas não são penosas, dolorosas, senão quando se não defende o proprio organismo contra tudo quanto possa debilital-o. Enfraquecida, anémica, uma mulher não suportará senão a trôco de mil sofrimêntos as pequenas miserias physiologicas, as quaes ella poderá tolerar sem nenhuma apprehensão, fazendo uso do

QUINIUM LABARRAQUE

Approvado pela Academia de Medicina de Paris



poderoso tonico cuja acção é soberana em todos os casos de depressão physica, fadiga, anemia, formação difficil, cephalalgia, nevropathia, febres nervosas. Tomado antes ou depois das refeições na dóse d'um copo de licôr, este maravilhoso elixir preparado com vinho velho de Malaga levanta rapidamente as forças, excita as secreções gastricas, produz em todo o organismo uma verdadeira regeneração.

A venda : Em todas as boas Pharmacias

Por atcado : Maison FRERE, 19, rue Jacob, Paris (6^e)



As Mãos da Creadinha



De Jean Rameau



UE horror!

Sem duvida, ella tinha uns olhos lindos, e um nariz interessante. Uma bocca que estava sempre disposta a sorrir, á maneira de uma "bogue" de castanheiro, que se abre para offerecer castanhas aos passantes.

E depois, que excellentes qualidades!

Ella não roubava; era prudente; não gostava de vinho, nem de café, nem de licôr. E tão dedicada que era! Amantissima...

A filha da *nourrice* de Madame; e como a *nourrice* adorava Madame, a sua filha se via obrigada a adorar Madame, por sua vez.

Sim, ella possuía boas qualidades, a garôta. Mas que horror, mesmo assim! Poder-se-ia dizer que ella possuía as mais lindas mãos deste mundo? E eis ahí, certamente, uma insolencia, um verdadeiro ultraje!

Madame, a propria Madame era dona de umas mãos grosseiras, curtas, com dedos espatulados, de phalanges deformadas, unhas mais largas do que compridas — e adivinhava-se á primeira vista que essa nova millionaria havia trabalhado nos mais duros mistêres, autigamente...

Com effeito! era ella uma antiga *écailleüre* da rua Montorgueil, e até doze annos, ella havia aberto ostras.

Eis porque Madame detestava a sua creada. Ella não comprehendia que essa filha de camponesa pudesse possuir mãos de princeza, quando ella, Madame...

— Maria, tu esqueceste de limpar o forno. Maria, vae lavar as caçarolas. Maria, é preciso lustrar as botinas de Monsieur!

Assim ordenava, dez vezes por dia, a vingativa patrôa. E Maria limpava, lavava, engraxava, sem que as suas mãos perdessem a brancura, a fineza, a elegancia. — Mãos como aquellas pareciam ter sido feitas para trançar corôas na frente dos poetas.

Inut!mente, Madame obrigava a rapariga a remexer no carvão, manipular acidos, a se humilhar no trabalho abominavel de pegar em toda especie de materias. Eram mãos liliaceas, graças á lavagem constante e a limpeza regular.

— Meus Deus! Que lindas mãos tem a sua empregada! dizia, ás vezes, á antiga *écailleüre* uma convidada *gaffeuse* ou uma amiga urça. Podiam ser modeladas.

Effectivamente, um esculptor que havia feito o busto de Madame e que vinha, quasi sempre, jantar na sua casa, admirava essas mãos, as lindas mãos da pequena empregada, e lhe pediu, certa vez, que viesse posar para elle.

Que escandalo!

Mas houve peor, alguns dias depois. Madame havia encomendado um quadro a um pintor illustre, que não pintava senão duquezas — ou lavadeiras afastadas do *métier*.

Esse artista se atirou immediatamente ao trabalho. Começou pelo rosto! e fez então qualquer coisa de grotesco! Depois, passou ás espaldas, e não se saiu muito mal. Mas quando teve de fazer as mãos... O pintor, que se havia batido em Verdun, pensou consigo si não havia chegado a occasião de bater em retirada.

Algumas semanas se esgotaram. O resto, os braços, a toilette, as joias, tudo estava pintado. Mas no logar dos punhos, havia dois vastos horribes, persistentes, que o artista não podia olhar sem estremecer.

— Que espera, caro mestre? perguntou-lhe Madame, estendendo as suas mãos sobre o velludo do berpete.

Corajosamente, o pintor confessa:

— Espero côres finas. Não tenho "blanc d'argent", "lacas", "earmins", etc. Fiz uma encomenda em Londres.

E corajoso, até a temeridade:

— E' certo, declarou, que, para mãos como as da senhora, côres communs seriam um contrasenso.

A ex-escamadora sorriu de prazer:

— Pois bem! Esperaremos que as côres venham de Londres! disse ella, esticando a mão para o beijo do pintor.

E, satisfeita, partiu para "Côte d'Azur", afim de repousar alguns dias.

Mas que surpresa ao regressar! O artista havia terminado o retrato. Elle o trouxe um dia no seu auto. As mãos estavam pintadas. E que mãos!

— Sim, senhor! Como pôde fazel-as, caro mestre? São bem as minhas mãos...

— Não é?

— O sr. fez alguma das suas duquezas posar?

— Qual, Madame!

— Que foi então?

A creadinha enrubescia no canto. Madame comprehendeu. Ficou pallida.

— Está bem! disse ella. Eu lhe devo vinte e cinco mil francos. creio eu. O sr. receberá um cheque, esta tarde. E passe bem. Até logo.

Assim que o pintor saiu, ella saltou sobre a creada.

— Miseravel! Tu me pagas tudo! Sae daqui, creatura horrivel! Scelerada!

— Oh, Madame! Que fiz eu?

— Que fizeste? Perguntas o que fizeste?

As suas unhas pareciam garças. Evidentemente, ella ia estranhar a imprudente. Teve, porém, uma idéa, assaltada por um desejo de vingança. Maria chorava a olhos pés.

— Muito bem! Fica ahí. Quero esquecer o que fizeste.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

Director:

SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assemblia)

Telephones: Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

Rio de Janeiro

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno 48\$000
Semestre 25\$000

Venda avulsa em todo o
Brasil, 1\$000.

As assignaturas terminam e comecam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
Carvalho Barbosa & Cia.
Caixa Postal 1493.

Repr. na Europa: Davignon,
Bourdette & C. 9, Rua Tronchet,
Paris. — 19, 21, 23, Ludgate
Hill, Londres.

Verdades Duras

Os Mãos Remedios, os Remedios Ruins são Mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

Assim disse e assim escreveu o Dr. Peter Gray, distincto Parteiro e o Medico Especialista de maior clinica na Australia.

Esta é uma Grande Verdade, que o povo não deve nunca esquecer.

De uma carta deste illustre homem de sciencia que recebi em Nova York, transcrevo o seguinte:

"Eu sempre odiei e continúo a odiar os Mãos Remedios, fabricados e annunciados por pessoas ignorantes, que nada entendem de Medicina.

"Saiba, meu caro Sr. Dacio Arthenes de Avila, que os Mãos Remedios são muito mais perigosos do que o Veneno das Cobras!"

"Por isto, eu só receito e aconselho qualquer remedio depois de verificar durante muito tempo e examinar, com todo rigor, se realmente elle merece a minha absoluta confiança; porque não tenho o direito de brincar com a Saude e a Vida dos meus doentes.

"Foi o que fiz com o *Regulador Gesteira* e *Ventre-Livre*, quando elles começaram a ser annunciados nos jornaes da Australia e Nova Zelandia; examinei-os com o maior rigor, durante alguns annos, em minha clinica particular e tambem nos hospitaes, obtendo sempre as mais brilhantes provas de que estes dois remedios são os melhores, sem duvida nenhuma, os melhores que encontrei até hoje.

"São os unicos que inspiram confiança completa e despertam o meu sincero entusiasmo.

"Aqui, em minha clinica, e nos hospitaes, receito e aconselho muito o *Regulador Gesteira* e *Ventre-Livre*, porque, pelos admiraveis resultados que consegui no tratamento das mais graves Molestias, pude certificar-me que são remedios de um Verdadeiro Medico Especialista."

•••

Muita razão tem o glorioso Dr. Peter Gray de fallar assim.

Eu tambem não posso perdoar que certos individuos que não são Medicos Especialistas, individuos que nunca estudaram Obstetricia, nem têm intelligencia bastante para comprehender Gynecologia e outras Especialidades difficillimas da Medicina, tenham a incrível audacia, a criminosa inconsciencia de fabricar e annunciare Mãos Remedios para a cura das mais arriscadas Molestias das Senhoras!

O povo não deve nunca esquecer o que disse o famoso medico australiano:

Os Mãos Remedios, os Remedios Ruins são muito mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

•••

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

mau. E, depois tenho piedade de tua mãe, que soffreria muito.

No dia seguinte, enquanto Maria estava nas compras, Madame entrou no quarto da creada e viu um vaso d'agua, onde ella lavava as mãos. Esvasiou-o. Depois, encheu-o, discretamente, de um certo liquido de que os ourives se serviam, antigamente, para lavar as suas *cuvettes*: acido chlorhydrico.

A seguir, Madame foi massacrar *Massenet* no seu piano. E tocando, ella cantava e resmungava como uma grulha:

— Ah! Tiveste a liberdade, minha garota, de affrontar-me tanto!... Vaes rir agora... As tuas patas vão ficar uma belleza.

Depois, começou a berrar:

*Chorac, chorac, meus olhos!
Tombae, tombae, triste orvalho!*

O' justiça imanente, que fazias tu, nesse dia?

AS MÃOS DA CREADINHA

(Conclusão)

Que fazia? Mas, coisas admiráveis. Isto, por exemplo: introduziu um insecto alado no salão onde a tal dama berrava. E o insecto lhe foi picar um dos olhos.

— Maldita mosca! Maria! Já voltaste? Vem depressa. Agua, agua! Agua e um panno.

Disse isso, severamente, sem reflectir.

E Maria, que acabava de entrar, levou o que ella pedia: agua e o panno... Que agua era aquella?

Certamente a que havia no quarto da creada, para ella lavar as mãos.

E Madame, molhando o panno na agua, approximou-o do olho ferido...

— Ah! gritou ella, atirando a toalha molhada, com horror.

O acido! Ella sentiu a queimadura em um dos dedos. E ficou, algum segundos, petrificada, como si a Fatalidade si houvesse erguido deante della.

O acido! Eram as suas proprias mãos, os seus proprios olhos que, por pouco, ella não deformára...

Mas era uma mulher intelligente. Compreendeu a sua situação. E defendeu-se do melhor modo. Mas como? Assim, simplesmente:

— Que me trouxeste, Maria? Agua? Chamas a isto agua? Isto é vitriolo, creatura damnada. Vitriolo!

Querias estragar-me o rosto? As mãos, os olhos, tudo por ciuice? Para traz! Tu irás para a cadeia! Victor! chamou ella, voltando-se para um rapaz que trabalhava na casa. Vae chamar a policia! Essa miseravel quiz usar vitriolo contra mim. Tu és testemunha! Irás depor em juizo, contra ella. Vamos, Victor, vamos!

COLLABORAÇÃO

SARGENTO MATREIRO

DE LEOPOLDO D. AMARAL

CONHECI um chefe militar muito apegado ás coisas da Igreja. Excessivamente religioso, não perdia missa. Rezava até na repartição, onde, em officios e outros papeis, á sua assignatura juntava as iniciaes — J. M. J. (Jesus, Maria e José).

Tinha elle o posto de coronel.

De grande rigor no serviço e em extremo cumpridor de seus deveres, quem com elle trabalhasse tinha de andar na linha. Não dispensava ninguem do expediente sem um justo motivo.

Servia com esse chefe um sargento materialista, muito descuidado de suas obrigações, e que, constantemente, inventando pretextos, lhe pedia dispensa do serviço da repartição.

Um dia, a mulher, que era parteira, no exercício de sua profissão tinha de deixal-o em casa tomando conta das crianças. Outro dia, um filho adoecera com sarampo; outro, ainda a sogra fôra mordida por um cão hydrophobo e tinha de levall-a ao Instituto Pasteur. Taes as desculpas que elle dava.

Mas o pandego não era casado, nunca teve mulher e filhos, nem tão pouco sogra hydrophoba.

No emtanto, estava-lhe reservada uma desagradavel surpresa. O coronel, depois de dispensal-o muitas vezes, veiu a saber do verdadeiro estado civil de seu auxiliar.

Castigou-o severamente e não mais quiz dar-lhe folga.

O sargento, porém, decidiu demonstrar pelos actos a verdade que desejava deixar patente aos olhos de seu chefe, o que não logravam as palavras, pois suas labias não eram mais levadas a serio.

Comprou um rosario, um livro de orações e entrou a assistir ás missas.

O chefe via-o passar por elle no recinto das Igrejas que frequentava, ajoelhar-se em sua frente, mover os labios rezando... Por isso, começou a tratal-o com deferencia; não mais esperava que o sargento lhe pedisse para sahir; mandava-o sempre para casa descansar.

E, engolfado em suas orações, esquecendo que seu auxiliar era solteiro, ás vezes lhe dizia:

— Sargento, vá ajudar sua mulher e cuidar de seus filhos.

O pandego ria-se interiormente da atrapalhado do chefe, e retirava-se.

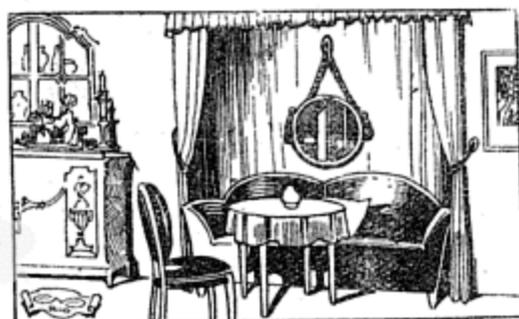
Terminado o tempo de serviço, o sargento, a despeito de ser o emprego uma sinecura, engajou-se para servir noutra guarnição. Perdeu o chefe o seu "optimo" esvair noutra guarnição. Perdeu o chefe o seu "optimo" auxiliar.

Só passados muitos annos depois de haver o mesmo sahido, o coronel veiu a saber que tudo era puro fingimento.

O sargento nunca deixára de ser materialista.

NÃO É MOTIVO

de surpresa que os nossos móveis de arte, tapeçarias finas e decorações modernas causem sensação em toda a parte onde têm aparecido, pois distinguem-se pela sua reconhecida superioridade.



VISITE HOJE MESMO AS NOSSAS GRANDES EXPOSIÇÕES



PREMIADA "HORS CONCOURS" NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

AGUAS

LAMBARY

VIRTUOSAS

A INSUPERAVEL MINERAL NATURAL

LIQUIDO
PURGATIVO

Quem não conhecer o
PURGATIVO LE ROY
deve comprá-lo sem
demora; empregado
desde 1798, elle tem sido
sempre muito apreciado.

LE ROY
PILULAS

PAPILLAUD, Ph^o, Suc^o, PARIS

AD. S. P. N. 11-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100

MATTOS ALÉM (?) — Basta. O senhor, não concordando com a critica que fiz á sua musa capenga, entrou para o dominio do ataque pessoal. Declara que só sabe aneddotas picantes. Bom proveito. Talvez as suas aneddotas estejam na altura do seu espirito.

Como me considéro um intellectual, e não um Aretino, deixo de retribuir as indelicadezas com que me ameaça.

De resto, esta secção não é campo de rinha de gallos.

Dizendo que o senhor soffre de mania de perseguição, por julgar que tenho *parti pris* com o senhor, creio que fui explicito demais.

Parti pris! Mas si eu ignorava, até agora, que o senhor era poeta!

Quem disse que possúo versos de sua lavra?

No *Casamento de Figaro*, de Beaumarchais, ha um personagem curioso: Basilio. Basilio era o symbolo da intriga. Delle ficou celebre esta phrase: "Calumniae, calumniae, que da calumnia alguma coisa ha de ficar!" O senhor terá lido Beaumarchais?

MINNIE (E. do Rio) — A minha vaidade de amator graphologico não me permite sopitar o desejo de transcrever a sua missiva. Ainda bem que V. Ex. é das que confessam, sinceramente, as suas fraquezas.

Deixe que publique a sua missiva. Ella:

"Yves — Julguei que a minha carta não obteria de si uma resposta siquer, porém, servindo tão somente para, cada vez mais, firmar a minha admiração por suas qualidades intellectuales, li, maravilhada, no FON-FON de 22 de Dezembro, a sua resposta á minha carta e, o que mais alegrou-me: ter sido satisfeito, tão gentilmente, o grande desejo que sempre tive de saber, pelo estudo da minha graphia, os traços predominantemente do meu caracter.

O grande favor que recebi de si, com a revelação acertadissima da minha personalidade, que, sinceramente, eu desconhecia, veio trazer-me sério embaraço, pois não sei como agradecer-lhe, "poète-charmeur"...

Reconheço francamente no meu "eu", todas as imperfeições moraes que com tanta facilidade e clareza percebi em minha lettra, e, estando o egoismo em primeiro lugar, não quer encorajar-me, Yves, a corrigir-me d'este enorme e fôssimo defeito?

Não acha que auxiliada por um pouco de força de vontade, poderei conseguil-o?

Entristeceu-me saber que não gosta do perfume que prefiro entre todos, mas, como disse em sua resposta, gostos não se discutem...



Prometto-lhe então, não perfumar as cartas que poderei escrever-lhe...

Não me é possível deixar de dizer-lhe que a pagina mais bella do FON-FON, numero de Natal, é aquella em que apparece, para alegria de nossa alma ávida de sensações boas, o "Silencio" que é, talvez, a meu vêr, a obra prima d'este poeta magnifico: "...poète-charmeur"...

Yves, já estamos em 1929 e si me fôsse dado exigir alguma cousa d'este novo anno, decerto que seria: aventuras, acontecimentos bons, illusões e felicidades... muitas felicidades... para si.

Agradece-lhe mais uma vez e com toda a sinceridade e sympathia, a — Minnie.

Estou satisfeito de saber que o meu estudo correspondeu á verdade dos factos. Mas, fico triste deante da revelação que me faz. Quizera poder auxiliá-la a corrigir os seus defeitos. Mas é tão difficil se modificar um temperamento.

Emfim, tudo depende do meio e da influencia da natureza. Carlyle dizia: "O homem é o resultado daquillo que a natureza põe no seu coração e o meio imprime no fundo do seu espirito."

Um individuo que se adaptar a um meio são, mesmo quando possuía um caracter defeituoso, certamente acabará por aperfeiçoá-lo. Mas esse aperfeiçoamento é obra do tempo, e que se opéra independentemente da nossa vontade.

Si assim não fosse, quanta gente má, reconhecidamente perversa, não daria a vida para se tornar boa e complacente?

CEARENSE (Capital) — Não entendo nada de graphologia.

PLINIO ALVARENGA (?) — Infelizmente, não posso publicar o seu chromo. Está imperfeito.

Quanto ao *O Suave enlevo*, encontrá-o-á, em 3.^a edição, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, ao preço de 4\$000.

ASSIS SOARES (?) — Li attentosamente os seus sonetos, e verifiquei que o senhor é um poeta desastrado. Não tem a menor noção do que seja a arte de fazer versos.

Dahi a ausencia de harmonia que se nota na estrutura dos seus decasyllabos e hexametros.

E' verdade que o senhor está começando. E para começo não é mau o que produz. Mas não esqueça que o FON-FON não é revista de neophitos, que ensinam os primeiros passos, vacillantes como aquelles passaros da descripção de Chateaubriand.

O senhor chega ao absurdo de rimar o adjetivo *intérmina* (palavra proparoxytona) com o substantivo *colina*. (palavra paroxytona). A syllaba tónica, (onde se dá a accentuação) em *intérmina*, é *ter*; a de *colina*, é *li*. Não é um disparate?

Mas o senhor vae mais longe na sua subversão ás regras da poesia. O senhor faz do adjetivo *férina* (palavra paroxytona) um vocabulo esdruxulo (proparoxytona): *férina* — rimando com o substantivo *sina*.

E' de mais!

Para não se dizer que me apêgo a pequeninas cousas, e me torno exigente com os novicos, dou aqui o seu soneto, tal como o escreveu Elle-o:

HYBERNAL

Noite fria e chuvosa. Na colina A alma da brisa se desfaz, chovendo...

E, pela noite, num queixume

Cae a chuva monotona e inter-

[mina.

E a chuva é triste como a dor

Por que definho e lasso vou li-

E a chuva cae, e eu ouço a chuva

Ella é um murmureo feral de in-

Fico, triste, a pensar que a chuva

Dos que hontem sorriram e ama-

E o amor lhes foi um céu todo

Dos que hontem, a sorrir de amor,

Que hoje choram talvez porquê

E hão de sempre chorar por quê

[amado]

No entanto, o motivo que o senhor explôra, é de uma grande belleza poetica. Escrevendo o *Hybernal*, com o seu mau gosto de poeta incipiente, foi como si vestisse uma estueta de Saxe, um marfim embutido em bronze numa camiseta de chita ou de algodão de sacco. Desculpe-me a imagem um pouco textil. Mas para o seu

Hibernial, que começa com "uma noite fria e chuvosa", e tão escuro de arte e bom gosto, só mesmo uma capa de lã ou algodão.

E verdade: por falar nisso, por que não se dedica á vida agrária?

SENSIVEL (?) — Aqui vae a sua carta na inegra. Ella diz tudo e nada diz.

Faz-nos lembrar certos enigmas que avózinhas ditam aos netos, como amáveis esphynges da infancia descuidada. (Este "infancia descuidada" vae por conta do Casimiro de Abreu.)

A sua missiva é assim: lembra os enigmas da infancia.

— Meu netinho, que é, que é: quanto mais se tira, mais fica?

O netinho pensa, longamente, e explóde com um disparate:

— Já sei vovó!

— Que é?

— E' fructa.

— Qual fructo, meu neto.

— E que é, então, avozinha?

— E' a agua de um rio que se retira num cesto.

Pois a sua carta é um enigma: não diz nada e diz tudo.

Çuçamola:

"Senhor Yves — Uma carta é quasi sempre linda, quando escripta por mão de mulher, não acha? Talvez não pense assim, como eu e como quasi toda a gente, ou, quem sabe, sente assim, mas por um tolo orgulho, por uma simples vaidade ou por vontade de ser original não o manifesta, não exterioriza esse sentimento tão elevado quanto natural?! E isto porque as mulheres são quasi sempre boas e as cartas, trahindo-as, deixam ver toda uma alma linda, todo um coração de ouro...

Mas... isso é quasi sempre e não é sempre. Ha poucas excepções, infelizes creaturas femininas possuidoras de intimos pouco generosos, de qualidades pouco apreciáveis, de defeitos lamentáveis: e eu, pobrezinha de mim, sou tão triste e tão pessimista que não me zangaria quando o senhor me dissesse, si assim o quer fazer, tudo de ruim que a minha letra revela, todas as fraquezas e todos os meus defeitos. Sei que tenho alguma cousa, bem no fundo, que não é de todo má: não sei si é alma, si é coração...

Entretanto, posso estar enganada e como é "mais triste a incerteza da felicidade do que a certeza da desgraça", espero na sua vontade, enviando-me, sob o pseudonymo de "Sensível", a minha graphologia.

Desejo para o senhor um Anno Bom cheio de alegria e felicidade e aqui fico, pedindo aceitar os agradecimentos do coração da..."

Ai, ai! Caf n'um poço...

D. *Sensível*, queira preparar a sua *sensibilidade*, para ouvir, *sensivelmente*, aquillo que me parece *sensorial* responder-lhe, embora sem a intenção de *sensibilizá-la*, uma vez que o meu *sentimento* não é magoar uma *sensitiva* que, na certa, deve ser *sentimental* e facil de tornar-se *sentida*, por dá cá aquella palha, fazendo de uma coisa sem importancia um incidente *sensacional*...

1.º — Diz que uma missiva feminina é sempre linda. E põe em duvida a sinceridade das minhas opiniões... Ora, devo declarar, *sans ambages*, que só acho lindas as cartas femininas que não contêm grande numero de *batatas*. Ha algumas, dentre ellas, que não são lindas, mas dão a idéa de um batatal ou de uma roça. A sua, por exemplo, dá a impressão de uma salada... de fructas. Antes assim, não?

2.º — V. Ex. commenta o facto de não saber si o que possui, dentro do seu corpo de *fausse-maigre*, (ou será magra como uma pœmeza?) é alma ou coração... E' difficil dizel-o, na verdade. Em todo o caso, quero crer que, em geral, as filhas de Eva não têm dentro de si senão gaz carbonico. Dahi o motivo porque eu, pelo menos, não consinto que arda a *chamma* do meu amor, quando me approximo dellas... Receir que võem pelos ares... Que acha

MARIA CLAUDIA (São Paulo) — Muito amavel a sua lembrança um livro de Pirandello — *Il fu Mattia Pascal*.

Achei curioso que V. Ex. não se deixasse empolgar pelo delirio carnavalesco, tendo desviado a sua attenção para mim, justamente quando toda gente só pensava nas loucuras de Momo. E' singular!

Na semana de carnaval, o cor-

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão somente que sejam formuladas com clareza e logica.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Peru', 62
Caixa Postal 97 — Telephone
Central 4136.

FON-FON — 23-2-1929

Data da consulta

Nome do consultante

.....

reio me entregava o volume italiano, (que, aliás, já possuia, offerecido pelo escriptor Luis Erbon); reconheci-o pelo seu excel lente perfume, que já se me vae tornando habitual.

"E' de Maria Claudia", disse eu, ao chegar á redacção, e ao ver o pacote sobre a minha banca de trabalho.

Esse seu presente, madame, (ou mademoiselle?) vale para mim, não só por se tratar de uma obra magnífica — como tudo que sae da penna desse admiravel Pirandello — mas ainda pela honrosa dedicatória, — honrosa e original — que me fez, vertendo para a lingua de Dante a mediocridade dos meus versos, *O lado côr de rosa da vida*.

Como isso constitúe um motivo de orgulho e de vaidade para mim, não resisto ao desejo de trazer para esta pagina a sua felicissima versão. Eil-a:

...Ma quanti meditando quel che
[io dico e scrivo,
non soffreranno, forse, co' il pen-
[siero in me?
Chi sa? Sono alcuno che in un
[tierno lamento,
in una dolce parola, o in un gemito
[vano,
porta un pó d'affetto e di profumo
per qualche desolato cuore...

E' nei'acqua dei laghi taciturni
che galleggiano i cigni felici...
Per le ombre notturne
ha sempre una lucciola a brillare
[ed a spenersi...

Sono fantustoso e sognatore.
Amo e soffro. L'anima mia é
[languida ed amorosa...
E per colui che patisce d'amore,
la vita ha la sua parte color di
[rosa...

Ahi está! O seu presente é ainda mais precioso porque está valorizado com o seu trabalho...
...Registrando esse detalhe, não é justo esquecer que o livro se vae tornar historico. Pudera! Si elle possui o suave perfume das suas mãos de seda...

SANTINHO (São Paulo) — Ai! Jisus! Que me conta, Santinho? A sua cartinha *tout á fait charmante* parece que foi escripta por uma *jeune fille*... (Salvo seja!)
Liamos o que me escreveu, meu Santinho...

"Presado amigo Yves — Cumprimentos muito cordiaes — Graphologia? O que é isso, em resumo? O que adianta? Que cousa vale e que pôde interessar?
Horoscopo, igualmente, não o comprehendo de tal ou que tal mysterio possa de util e interessante.

Sou abstrato em cousas taes, o

que sei, o que posso afirmar é que a par de muita *ventura* que me circumdam sou muito desgraçado — muito infeliz — infinitamente infeliz.

Amo ao proximo — a Natureza, os Livros e as *bóas* Revistas.

De FON-FON e CARETA poderia encher uma carroça, cuja preciosa bagagem guardo, cuidadoso, nem sei por que.

Nasci a 1.º de novembro lá nas Alteirosas, por isso, mineiro de nascimento.

Não perfumarei estas *mal traçadas*, porque não possuo o delicado, doce e subtil aroma de flores de rhetórica.

Adeus. — *Santinho.*"

Vamos agora por partes:

1.º — *Graphologia?* O que é isso em resumo?

Resposta: — Nada, *Santinho*. Não queira saber o que vem a ser isso... Um mocinho como o senhor demonstra ser, não deve entrar no conhecimento de certos

peccadilhos... E' feio. Papae não quer, mamãe não deixa... Graphologia é uma especie de bicho Papão... Ai, *Jesus!*

2.º — *Horoscopo?*

Resposta: — E' outro bicho feio, *Santinho*. Fuja delle...

3.º — *Amo ao proximo*, diz o senhor.

Resposta: — Vê-se bem, *Santinho*, que o senhor ama o proximo... E' muito delicado. Parabens. E seja feliz com a sua ventura... de joven...

Diga-me uma coisa, *Santinho*, o senhor usa *rouge?*

LYSE (São Paulo) — No fir da sua carta, "escandalosamente perfumada", como no verso de Bilac, declara, um tanto decepcionada com a minha critica: "Mas ainda que seja só para desilludirme, poderia escrever a impressão que lhe causaram os meus versos" etc.

Ora, mademoiselle, si eu tivesse tempo de fixar a collaboração que me enviavam, todas as semanas, certamente não seria encarregado desta secção.

E isso, justamente, porque o meu tempo é escasso para tudo, até mesmo para fazer esta pagina.

Mesmo que lhe quizesse dizer o que penso dos seus versos, já não me seria possível tratar de tal assumpto, uma vez que não sei onde elles andam.

Si a minha opinião a interessa, queira enviar-me nova cópia delles, e eu lhe direi a impressão que me deixarem.

Quanto á phrase que lhe pareceu uma ironia, devo dizer que o linotypista compoz errado o que escrevi. O que está no meu original é o seguinte: "ingenua como uma LACTANTE" e não LACTANA. *Lactante* é um adjectivo que qualifica os que ainda mamam...

Ora, V. Ex. não acha que lhe faço justiça, dizendo que é *ingenua como uma lactante?*

Escreve V. Ex.: ..."pois tive o prazer de ouvir da sua parte, opinião muito diversa sobre a minha pessoa (já tive a honra de ser-lhe apresentada.)"

Si quer que modifique o meu pensamento, é muito facil. Para mudar de idéas e de opinião, sou voluvel como as filhas de Eva.

De resto, é bom não esquecer o seguinte: si tive aquella phrase, que lhe pareceu ironica, foi simplesmente porque lh'a deveria dizer de longe... Ha absurdos que só se sustentam á distancia. Que diz?

Yves

Creanças Alimentadas com **INGESTA** SILVA ARAUJO



Farinha Lactea Phosphatada VITAMINADA

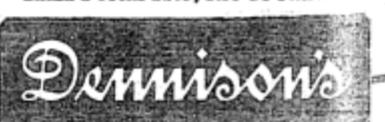
GRATIS



"Como fazer molduras para quadros pelo methodo Dennison"

ESTE é o titulo dum pequeno folheto illustrado, de 6 paginas, que teremos muito prazer em enviar gratuitamente. Ensina-vos a encaixillar os vossos quadros favoritos, com facilidade e pouca despesa, com as molduras Dennison. Encontram-se á venda em toda a parte. Basta escrever-nos a pedir o folheto No. FP. Como Fazer Molduras para Quadros pelo Methodo Dennison."

Dennison Manufacturing Co.
Caixa Postal 2105, Rio de Janeiro





Quanto custa!

Talvez muito barato, talvez muito caro. O Senhor não sabe ao certo porque as contas serão feitas mais tarde, quando o senhor não gostaria de fazel-as.

Mas outros já sabem e têm a obrigação de lhe dizer. Cada Tosse "inoffensiva", cada Resfriado "sem importancia", custa-lhe muitos annos de vida! Não ha Tosse inoffensiva, senhores! A Tosse enfraquece, incommôda, rouba o repouso e é uma porta aberta á tuberculose; quanto mais depressa fôr tratada tanto melhor.

Logo aos primeiros accessos de tosse, tome algumas colheres do

GRINDELIA

DE OLIVEIRA JUNIOR

TOSSE ~ RESFRIADO ~ BRONCHITE ~ ROUQUIDÃO

UM REMEDIO QUE NÃO FALHA!

O DESVIO 49

"Senhor director:

Lembra-se daquelle recluso da cella 134, que na semana passada, quando o senhor o tratou de louco, o insultou deante do inspector? Lembra-se que, antes de pronunciar a palavra loucura — palavra que quasi nunca se pronuncia neste manicómio — o senhor falou de uma estranha monomania? Engana-se, senhor director. Eu, que não sou tão louco como o senhor suppõe, li Ribot o sufficiente para poder dizer-lhe agora que aquillo nem remotamente se produz da fórma que o senhor imagina. O senhor director nunca esteve á beira da loucura, nem conhece também, permitta que lh'o diga, a *videncia retrospectiva* que pôde ter um louco nisso a que vocês, os psychiatras, dão o nome do *momento lucido*. Nesse momento lucido que um jurista comparou a uma *aurora entre dois occasos*. Percebeu bem, senhor director, a imbecilidade da definição legalista? A loucura é uma *chamma perpetua*, e não pode haver uma aurora onde ha uma grande luminosidade. Si existe esse occaso, pode ser que elle não seja outro sinão o da cordura. A *razão é uma chamma incompleta*, que deixa ás escuras muitos logares do individuo. Em seu estado de normalidade physiologica, o homem não conhece mais do que uma infima parte de seus pensamentos e de suas sensações. Só a loucura lhe revela o resto. O senhor director viu de perto muitos loucos, mas estou certo de que o senhor também não chegou a comprehender isso.

Bem. Não era precisamente para explicar-lhe tudo o que houve anteriormente que eu resolvi escrever-lhe esta carta. Eu dizia, acima, que o senhor se enganou lastimavelmente quando quiz explicar aquillo. Não houve tal monomania. Não houve nenhum de todos esses disparates que fizeram com que eu, *em um momento lucido de minha cordura*, o chamasse de imbecil.

Ribot o explica bem nas *Enfermidades da memoria*. Depois daquillo, e antes de vir aqui, li muitos livros para não cahir precisamente nisso que o senhor chama de minha loucura. Não estranhe, pois, que eu, um ignorante guarda-linha, lhe fale de Ribot e lhe recommende que, em seus momentos de ocio, se illustre lendo Gasset. Era o polygono que funcionava mal. Eu o havia notado já em uma infinidade de actos que minha ignorancia de então não me permittia explicar. Recordo-me, por exemplo, que uma vez, exasperado pela imbecilidade do machinista da 421, que confundiu a mudança, o insulto me ficou na bocca. E digo na bocca, senhor director, porque a primeira letra, pelo menos, me chegou á bocca. Só o resto me ficou no cerebro. Mas ficou ali muito tempo: até aquillo...

Depois veiu uma infinidade de detalhes da minha vida domestica. Comecei a procurar os lenços debaixo do lavatorio, e não houve mais em minha casinha logar sufficientemente visivel para que os cigarros não se comprassem tres vezes antes de fumar. A cabeça se me esvaziava. As recordações se dissolviam na laguna de chumbo que la cobrindo, pouco a pouco, de uma inconsciencia pesada, sedante, até a ultima cellula de meu cerebro...

O peor, senhor director, é que eu tinha consciencia daquelle grande laguna de *esquecimento absoluto* que aplainava meu cerebro. Amarrado pela incompreensão, eu seguia passo a passo a desagregação dessa *vida cerebral consciente* que se afundava pouco a pouco na subconsciencia.

Mas, o senhor director não me pôde comprehender. Só quem perdeu a memoria alguma vez pôde sentir toda a angustia que eu senti naquelles dias. As mudanças, sobretudo as mudanças, me obsecam. O senhor, agora, o sabe. Depois daquillo não se terá esquecido muito facilmente do desvio 49. O trem de Vassouras passa ás 19 horas, o rapido paulista chega ás meia hora. E' preciso, também, mudar, nessa meia hora. E' preciso, também, nessa meia hora, a luz vermelha do signaleiro. Agora, veja bem, senhor director: nesse dia eu também *sabia* disso. Sabia-o pela manhã e o soube ainda até as doze. Depois...

Qual foi o trem que passou ás 14 e 15? O 441 ou o 415? Senti que o cerebro começava a dissolver-se. As recordações voltavam a ser cousas pesadas, sedantes, que deixavam na subconsciencia uma angustia agradável. Esperei, sem recordar nada. Esperei em um vacuo absoluto, sem um só pensamento de nada. Esperei muito tempo.

O relógio da casinha começou a dar uma, duas, tres, qua... uma, d... uma, uma...

O vacuo, o chumbo do cerebro... A angustia me estrangulava a garganta. Vi o telephone. O chefe, o ch... No ultimo lampejo de vida consciente comecei a girar o disco:

— Zero, um... oito... oito... oi...

As pernas se me dobraram. O chumbo do cerebro, agora, se me mettia no peito. Com um desesperado esforço de vontade, quiz agarrar-me á ultima fibra da memoria, que eu sentia se me estava derretendo no cerebro. Mas o dedo, enlouquecido, não passava da terceira cifra:

— Zero, um... oito... zero... zero...

O que occorreu depois, o senhor o sabe melhor do que eu. O trem de Vassouras, a noventa kilometros, se chocou com o rapido paulista. Durante quatro mezes, eu não pude comprehender porque me achava encerrado nesta cella, aonde o senhor costumava vir mettido num guarda-pó branco. Depois, minhas recordações começaram a encadear-se. O ruído do choque tirou-me o somno uma semana inteira. A linha, senhor director, a linha! O ultimo vagão havia dado um salto bufonesco. O machinista, com um olho vasado, queria fazer equilibrio em um arame, como um boneco de trapo. Uma mulher mettêra na cabeça o pedaço sanguinolento de uma janella. Toda a linha, a dois mil metros de minha casinha, estava ardendo a fogo lento...

Eu já lhe disse, senhor director, que o senhor era um imbecil. Agora, si isso lhe satisfaz, com o auxilio de Ribot, posso dizer-lhe que o senhor é um imbecil estatico, um imbecil cuja imbecilidade unicamente se conhece quando, sem que isso venha ao caso, se põe a falar de uma estranha monomania..."

AUGUSTO CESAR VATLEONE.



Falla a Borboleta

*Por vós, oh doce mão, mão nivea, mão fina
 O lírio, o jasmim, a rosa matutina,
 Que voluptuosamente eu beijei,
 Por vós, formosa mão, com gosto deixei*

*O teu perfume de frescura e pureza
 E' o melhor, que fez a natureza
 Na sua primavera, clara e risonha
 O teu perfume é da Agua de Colonia.*

DESENHO
 REGISTRADO

N.º 4711. Agua de Colonia



VISITEM A LINDA EXPOSIÇÃO NA
 PERFUMARIA NUNES,
 LARGO DE S. FRANCISCO, 25

Quem quer que seja...

DE CLAUDE MARSEY

o deserto normando. Depois reflectiu... Antes de insubordinar-se, quiz pedir conselho. Algumas amigas, de espirito supersticioso, lhe disseram:

— Por que não vaes falar com madame Salomé? E' uma cartomante excellente.

E Joannita correu, nessa mesma noite, ás escondidas, á casa da cartomante, sendo ahi recebida por uma dama que tinha tanto de senhora viuva como de operaria, retirada, e a quem expoz seus temores e suas duvidas. A outra respondeu-lhe sem vacillar:

— Não precisa preoccupar-se tanto, senhorita! Sente-se aqui... Vou fazer-lhe o grande jogo... São vinte francos... A senhorita ficará satisfeita. Sei dar sorte á juventude. Corte aqui... Muito bem... Uma, duas, tres, quatro, cinco... Vejo um moço moreno, alto, barbeado, com affeições musicas. Dir-lhe-ei mais: toca a guitarra ou o bandolim... Muito apaixonado e muito rico... Fal-a á sua esposa. Será muito feliz e terá muitos filhos...

— Não se trata disso — interrompeu-a Joannita. — Onde encontrarei esse joven?

Madame Salomé reflectiu e novamente tirou as cartas.

— Uma, duas, tres, quatro, cinco... Sua felicidade, a senhorita a encontrará sobre a agua... Não conhece um lugar onde haja um rio?

— Sim, sim... Na Normandia, na propriedade de meus paes.

— Pois bem: é preciso ir ali, senhorita.

Tranquillizada, a joven se levantou, pagou a consulta da cartomante e sahiu. No dia seguinte, quando a senhora Lorteanil perguntou a seu marido: "Quando queres que partamos para o campo?" — interview Joannita, que, com seu ar mais ingenuo, supplicou:

FORA inutilmente que Joannita Lorteanil obrigára sua mãe a acompanhá-la a todos os chás dançantes dauquelle inverno. Não havia encontrado marido! Fôra inutilmente que seu pae a conduzira a todos os logares onde podia exhibir-se... Os rapazes flirtavam cinco minutos com ella, e depois, paff!, iam procurar outra. Nenhum pedido de casamento chegou até o senhor Lorteanil. Joannita estava desesperada. Muitos dirão que é ridiculo, quando se tem vinte annos como ella, e, como ella, um rosto encantador, olhos grandes, uma bocca de cereja que só péde que a colham, muita graça e um andar elegante. Póde ser... Mas, sob a espuma de oiro de seus cabellos loiros, Joannita occultava um cerebro caprichoso: havia tempo, muito tempo, decidira que seu casamento se realizaria antes que ella attingisse á maioridade. Esperar mais lhe parecia muito pouco elegante. Si o tinha jurado a si mesma, e nem o proprio demonio conseguiria faz-la mudar de idéa. Quando a senhora Lorteanil ousava oppôr alguma reserva, a joven, batendo com o pé no chão, respondia a sua mãe:

— Quem quer que seja... pouco me importa; mas quero um marido antes do fim do anno!

Passou tambem a primavera sem modificar a situação. Em casa dos Lorteanil já se começava a falar do proximo veraneio, e Joannita acabou perdendo a pouca paciencia que lhe restava. Sua familia tinha o costume de passar todos os annos alguns mezes numa pequena propriedade que possuía na Normandia, muito linda, muito verde e muito tranquillilla. Mas essa tranquillidade era mais do que a que a joven podia supportar: os vizinhos mais proximos estavam a meia legoa de distancia. Nunca pessoa alguma ia visitá-os. Como seria possível, nessas condições, que Joannita realizasse o desejo de seu inquieto coraçãozinho? E ella esteve quasi a se rebelar, esteve quasi a se oppôr á partida para

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.



O menino CARLOS ROBERTO.
Lindo filhinho do casal João ARTHUR SPERB.
O que nos diz seu pae
Porto-Alegre, 23 de Novembro 1928.
Ilmo. Snr. D. Director da Companhia Nestlé — Rio de Janeiro.

Amigo e Senhor.
E' com a mais viva satisfação que venho ao encontro do desejo de V. S. juntando a esta a photographia de meu filho CARLOS ROBERTO, nascido a 4 de Março do corrente anno.

Desde o mez de junho o pequeno Carlos Roberto se alimenta quasi que exclusivamente com a Farinha Lactea Nestlé, e os resultados obtidos ultrapassaram as mais auspiciosas previsões, pois que o pequeno, com nove mezes incompletos, peza 11 kilos e se encontra forte, sadio e optimamente desenvolvido.

Offerecendo a photographia do meu filho, aproveito o ensejo para externar a V. S. os meus sinceros agradecimentos pelos beneficios que a Companhia Nestlé vem prestando ao meu lar, e, com a autorisação de fazer desta o uso que melhor convier a V. S., firmo-me com elevada estima e consideração.

De V. S. Amgo. Attgo. Obrgdgo.
Assignado — João ARTHUR SPERB — rua dos Andradas n.º 1232

A's mães cujos bebês não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericordia n.º 12 — Rio — a fim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.

Columbia

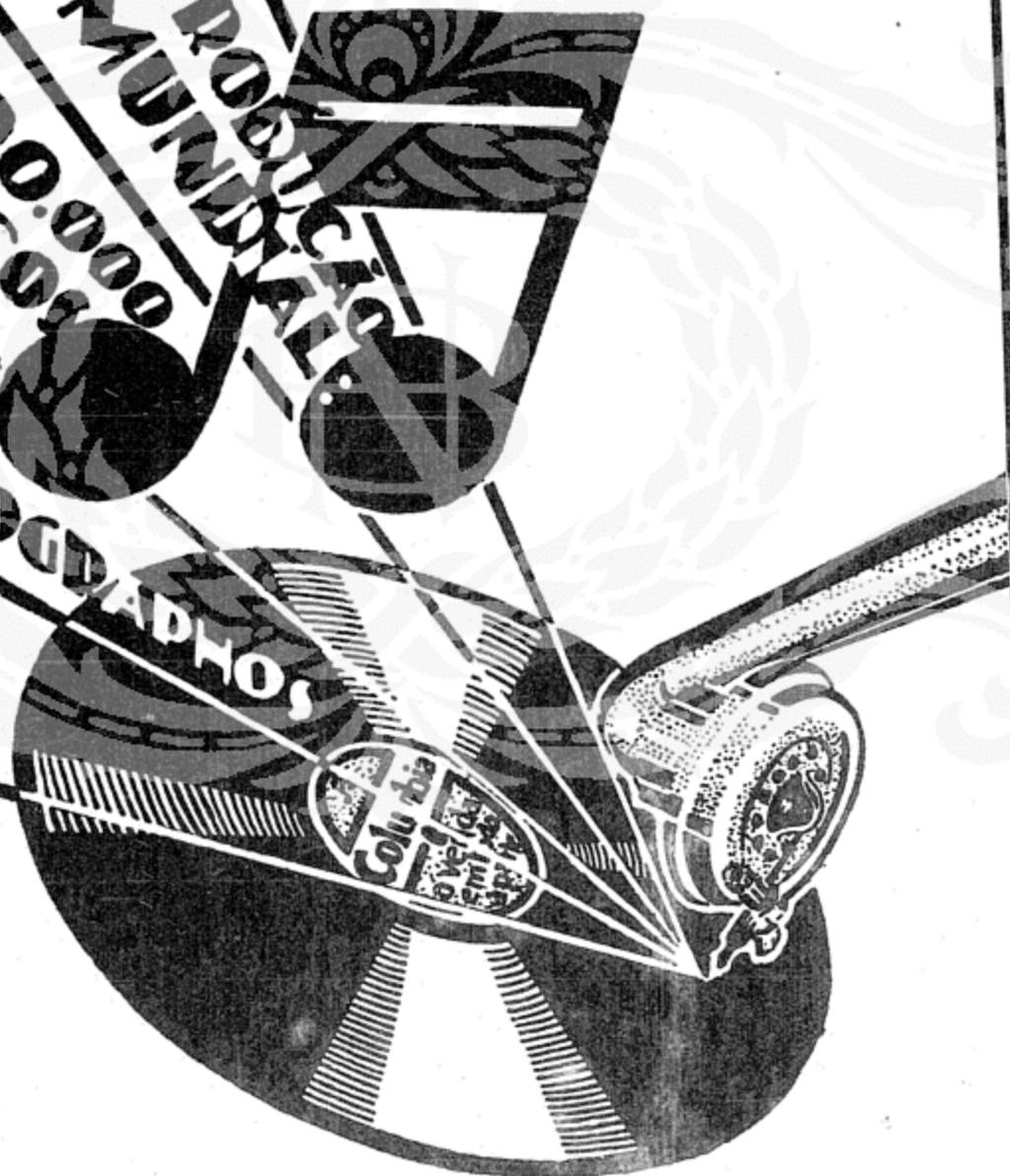
phonographs e discos

1.000.000
DE DISCOS

PRODUTOS
MUNDIAIS

25.000
PHONOGRAPHOS

POR
DIA!!



Distribuidores Gerais:

BYINGTON & CIA.

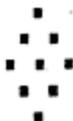
Rio de Janeiro
Rua General Camara, 65

São Paulo
Rua Alvares Pentead, 4

SANTOS - CURITYBA - PORTO ALEGRE - RECIFE - NOVA YORK

QUEM QUER QUE SEJA...

(Conclusão)



— Oh, papae! O mais depressa possível, sim? Adoro as arvores, a herba verde, as gallinhas, as vaccas... e sobretudo o rio...

Nos primeiros dias de julho estavam os Lorteanil installados ás margens do Eure. A herba era ali, com effeito, muito verde. As arvores tremiam suavemente sob a cálida caricia do sol. As gallinhas e as vaccas tambem existiam. Mas isso era tudo. Nunca se via um sêr humano em seus arredores. No entanto, Joannita não soffreu nenhuma decepção. Esperava essa soledade... Mas dessa soledade, ella o sabia, havia de sahir, de repente, o "moço alto, moreno, barbeado, com affeições musicaes..." Ape nas devia estar alerta a sua apparição, e, como o recommendára madame Salomín, Joannita vivia pelas margens do rio. Todos os dias, desde a manhã até a noite, all estava ella. Deitada na herba, com um livro na mão, por pretexto, se entregava a seus sonhos, desanimada pelo calor, os olhos errantes entre o jogo de sombra e luzes que apresentava a superficie da agua.

Grandemente surprehendido pela transformação tão radical, que notava em sua filha, dizia o senhor Lorteanil a sua esposa:

— Parece-me que nossa filha nunca amou tanto á leitura.

E a senhora Lorteanil respondia, orgulhosa:

— Sempre te disse que Joanna era uma intolletual!

Assim decorreram quinze dias. Joannita começava já a duvidar das virtudes da cartomançia, quando, no fim de um bello dia, appareceu, de repente, um barco no rio... Aproximava-se lentamente. No silencio ouvia-se o ligeiro ruído das gottas d'agua levantadas pelo remo, misturando-se aos harmoniosos sons de uma guitarra... Joannita parecia sonhar... Depois se levantou vivamente. No bote se achava um moço alto (embora não muito), moreno (ou não o seria tanto?), barbeado (isso sim); mas do que não podia restar nenhuma duvida era de suas "afeições musicaes", pois vinha pulsando uma guitarra e cantando a meia voz. Era seu destino que a procurava, que vinha para ella!...

Em taes circumstancias, a timidez deve ser posta de lado; e, quando passou o barco, ella, nervosa, excitada, sorriu audazmente. O desconhecido respondeu com outro sorriso e deteve o bote. Olharam-se um momento, sem atrever a falar. Depois, quasi ao mesmo tempo, suspiraram...

— Ah, senhor!... Que bello dia!

— Sim, senhorita... E que bello encontro!

O moço dirigiu o bote para a beira do rio, e Joannita poudo verificar que se não havia enganado: o mysterioso itinerante podia perfeitamente ser o ideal sonhado. Elle, por sua vez, exclamou:

— A senhorita móra aqui perto?

— Sim. Meu Deus, isto não é alegre, nem muito menos agradável... Móro só com meus paes, que são tão desconfiados e aprehensivos, que não me dão liberdade alguma... Não tenho o direito de passear; tenho que permanecer aqui durante todo o dia... Ah, que sorte tem você!...

As moças com intenções casamenteiras sabem men-

tir tão bem, que o moço ficou convencido, e, atrevidamente, propoz:

— Por que não me acompanha a dar uma volta pelo rio?

— Com o maior prazer! — foi a resposta immediata della.

Vermelha de alegria, saltou Joannita, com um agill movimento, dentro do bote, e se sentou no assento de traz. Elle tomou os remos, e, sorridentes, os dois se afastaram da beira. Ao longo da ribeira as arvores inclinadas mergulhavam suas sombras verdes no entardecer. Dos prados longinuos chegava um perfume de terra e de flores silvestres. Elle acabou deixando vagar o barco á mercê da corrente. Tomou de novo sua guitarra e começou a cantar doces canções de amor, enquanto Joannita, transportada de júbilo e de secreta satisfação, o escutava enlevada.

Subito, porém, exclamou, como que despertando de um sonho:

— Ah, meu Deus! Voltemos, por favor!... Devem estar, em casa, á minha espera, para o jantar...

Quando novamente haviam alcançado o ponto de partida, Joannita sentiu-se um pouco cohibida. Parecia-lhe agora que tinha procedido muita leviamente, com muita precipitação... E seu admirador nem sequer lhe havia declarado o nome... Uma reserva tal irritava a joven, que resolveu precipitar os acontecimentos: com um vigoroso aperto de mão, lhe disse:

— Muito lhe agradeço o lindo passeio. Amanhã estarei neste mesmo lugar. Si o senhor passar de novo e o desejar, eu... terei um grande prazer...

Mas elle a interrompeu com vivacidade:

— Desculpe, senhorita... Amanhã não poderei...

— Por que?

Elle enrubesceu, e, perturbado, confessou:

— Amanhã terei que ir á estação... receber minha noiva.

— E' noivo, então?

— Sim; desde este inverno.

Joannita exhalou um gemido tão doloroso, que elle se inquietou. Bloqueada de perguntas, ella suspirou:

— Devo ter-lhe parecido muito atrevida... Mas, dir-lhe-ei... Eu desejaria casar-me quanto antes. Uma cartomante me predisse, ha muito pouco tempo, que minha felicidade viria pela agua e que meu noivo seria "alto, moreno, barbeado e com affeições musicaes..." Como, pois, não pensar que seria o senhor?... Compreende-me agora, não é assim?

— Sim, sim, o comprehendo e estou desolado por sua desillusão. No entanto — proseguiu, após um momento — tudo se poderia arranjar...

— Ah, sim!... Como?

— Tenho um primo, um pouco mais moço do que eu... Um pouco mais alto e um pouco mais moreno e igualmente barbeado e que toca a guitarra melhor do que eu, tendo tambem melhor voz do que eu. Parecemo-nos como dois irmãos... Si a senhorita não se oppõe, amanhã lhe emprestarei minha guitarra e meu bote...

— Oh, sim! Faça isso, senhor, por mim!

E a meia voz ajuntou estas palavras, que o moço não chegou a ouvir:

— Quem quer que seja!... Que mais me dá?...

No dia seguinte, em lugar de um, foi o outro que appareceu pelo rio. Era exactamente como seu primo o havia descripto... Mas, não: Joannita achou este muitissimo mais symphico e encantador... E certamente a boa impressão foi reciproca, pois antes de um anno se cumpriam os desejos da joven.

Confortavel no inverno



fresca no verão



Assim será sua casa, si V. S. revestir seus tectos e paredes com Celotex, o maravilhoso material isolante que tão surprehendedentes resultados está dando em muitos lugares do Brasil.

Com Celotex, os inconvenientes das estações são eliminados completamente.

As paredes revestidas com Celotex impedem a passagem do frio, do calor e dos ruidos.

As habitações forradas com Celotex são seccas, confortaveis no inverno e frescas no verão.

CELOTEX

INSULATING LUMBER



Queiram enviar-me seu boletim sobre Celotex

Nome _____

Direcção _____

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

RECIFE
AV. RIO BRANCO, 139



SÃO PAULO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 152

PORTO ALEGRE
RUA CAPITÃO MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO



ELLE a ella:

"Minha desconcertante amiga: Esperei em vão sua prometida visita. Aquelle...

— como direi? —

aquelle laço que começava a unir-se devia estreitar-se. Você se havia, ante meus olhos, erguidos para o espirito de cada mulher que passa em meu caminho, como a unica, a ideal.

Daquella primeira entrevista, tão espiritual e tão esquisita, me ficou, por varios dias, o coração perfumado.

Seu silencio — seu abandono, deveria dizer melhor — apesar de minhas duas cartas evocativas, muito me mortificou. Confesso-o: essa sua attitude feriu, em primeiro logar, meus sentimentos, e, em segundo, meu amor proprio masculino. Sou humano e esta ultima qualidade não pude desterrar de mim. Por isso soffri tanto: uma mulher tão estranha, tão differente das outas mulheres, desdenhava minha amizade quando eu tão retrahido, tão isolado, tão solitario, lhe havia aberto o coração.

E... (perdôe-me outra confissão, que a uma mulher vulgar não faria): eu estava convencido de que lhe não era indifferente. Fez-me conceber illusões e até insinuou a luz de seus olhos uma promessa Engano-me?

Depois, pretextando não sei que motivo poderoso, que ignoro, me abandonou. Fez mal. E' um grave delicto complicar assim a vida de um homem.

Preciso, talvez para alliviar a ferida do amor proprio — da outra não quero falar — preciso de uma explicação sua.

Escreva-me uma dessas razões sem razão que existem, e lh'o agradecerei.

Seu — Z.Z."

DELLA a elle:

"Meu querido amigo: Sim.

Preciso explicar-me, para alliviar minha consciencia de uma culpa.

Commetti com você o mais horrivel dos delictos: inquietar um homem. Mas minha falta tem uma attenuante: não o fiz por coquetterie. Foi mais o resultado natural de um longo processo, em que foram constituintes seu espirito e meu coração..

Tem razão: você não me era indifferente. Eu estava profundamente apaixonada por seus versos, e ao conhecê-lo pessoalmente, encontro ao lado do poeta, um lindo homem, possuidor das mais altas qualidades que, para mim, pôde ostentar uma pessoa: simplicidade e sinceridade.

Assim as cousas, naturalmente procurei ser, junto de você, o me-

TRES CARTAS

lhor que pude, e isso que lhe pareceu uma *mulher interessante* não era mais do que o reflexo de seu espirito de selecção sobre o meu.

Durante a entrevista, e depois della, sobretudo, comprehendí que si não me punha em guarda, ia apaixonar-me loucamente, ingenuamente. Amar assim, é como se lançar a um abysmo com os olhos fechados sem saber mais nada. Não é verdade? Não! Eu não tenho medo da morte, e justifico, aprovo um suicida que está só no mundo, e a quem não liga affecto algum. Mas eu não estou só.

Um homem me escolheu a mim, entre as mil mulheres que passaram a seu lado, para que o acompanhasse na existencia. Ainda sou, para elle, a unica, a ideal. Elle tambem não defraudou minhas illusões. Então, você me comprehende?

O amor é vontade de querer — repeti mil vezes a mim propria, e ante a catastrophe que ameaçava afundar o coração de um homem amado, e talvez o meu proprio — a gente sabe lá aonde vae quando inicia um amor! — em vez de acovadar-me, em vez de cahir em pranto, me preparei para a luta.

Não fui mais, não pensei mais, isolei minha recordação e encoracei meus sentidos e redobrei meu carinho para com meu querido.

Eis ahí a razão sem razão de... meu abandono. Não fui mais, não quiz deitar fogo á fogueira. Tive medo de que, um dia, nos braços de meu companheiro — tão bom, tão homem, tão nobre como você — houvesse de fechar os olhos para ver outra imagem. Seria horrivel. Seria uma deslealdade tão grande, seria uma tão horrosa mentira — fechar os olhos para ver outro! —, seria uma hypocrisia tão espantosa, que não poderia viver mais si o fizesse.

Imagine você! Enganar assim a uma pessoa que se nos dá por inteiro, ser desleal com o pensamento, a unica cousa que podemos conservar pura na vida, ser desleal para com a pessoa que confia em nós como em si propria... Mil vezes preferivel seria vibrar o golpe em pleno coração, cara a cara, e ir com você para sempre.

Sim... Pudemos ter-nos tratado sem que elle o soubesse... Mas, vendo bem, de homem a homem entre você e meu amado, para que trocar? Elle tambem é joven, são. Você tem a bocca meio centimetro menor? Que

De Herminia C. Brumano

importancia tem isso? Seus olhos são claros e os delle escuros? Que importancia tem a côr, a fórma, o tamanho, si tudo isso decae, morre afinal? Não lhe parece? O importante é a assencia do olhar desses olhos, a luz de ternura que os illumina quando nos contempla.

Quanto á parte moral, qual dos dois seria superior. Mesmo os homens de personalidade, creio eu, são como a mulher que os quer, os faz. E eu que havia trabalhado tanto com meu amado para fazel-o, como eu o quero, ia abandonal-o agora por um *problematico melhoramento*?

Todas estas razões — para alguma cousa nos ha de servir, alguma vez, o raciocinio — conseguiram triumphar em meu espirito.

A enfermidade, tratada energicamente de um principio, declinou. Declinou? Sim, declinou visivelmente. Minha paixão, ou melhor, o perigo de minha paixão, foi cedendo terreno.

Tive que lutar como você não pôde imaginar. Não é em vão que pesam sobre mim vinte seculos de prejuizos, e entre os prejuizos está o de que o amor é algo fulminante, desopilante, independente da vontade, cousa divina e alheia, por completo, á nossa miseravel e terrenal envoltura e alma. Mas, finalmente, triumphei, e agora uma profunda sympathia affectiva, uma cordialidade humana, uma amizade serena e nobre me unem a você.

Triumphei. Mas, supplico-lhe que, quando me vir, não me olhe profundamente nos olhos...

Sua amiga — L. L."

DA escriptora ao director da revista:

"Senhor director:

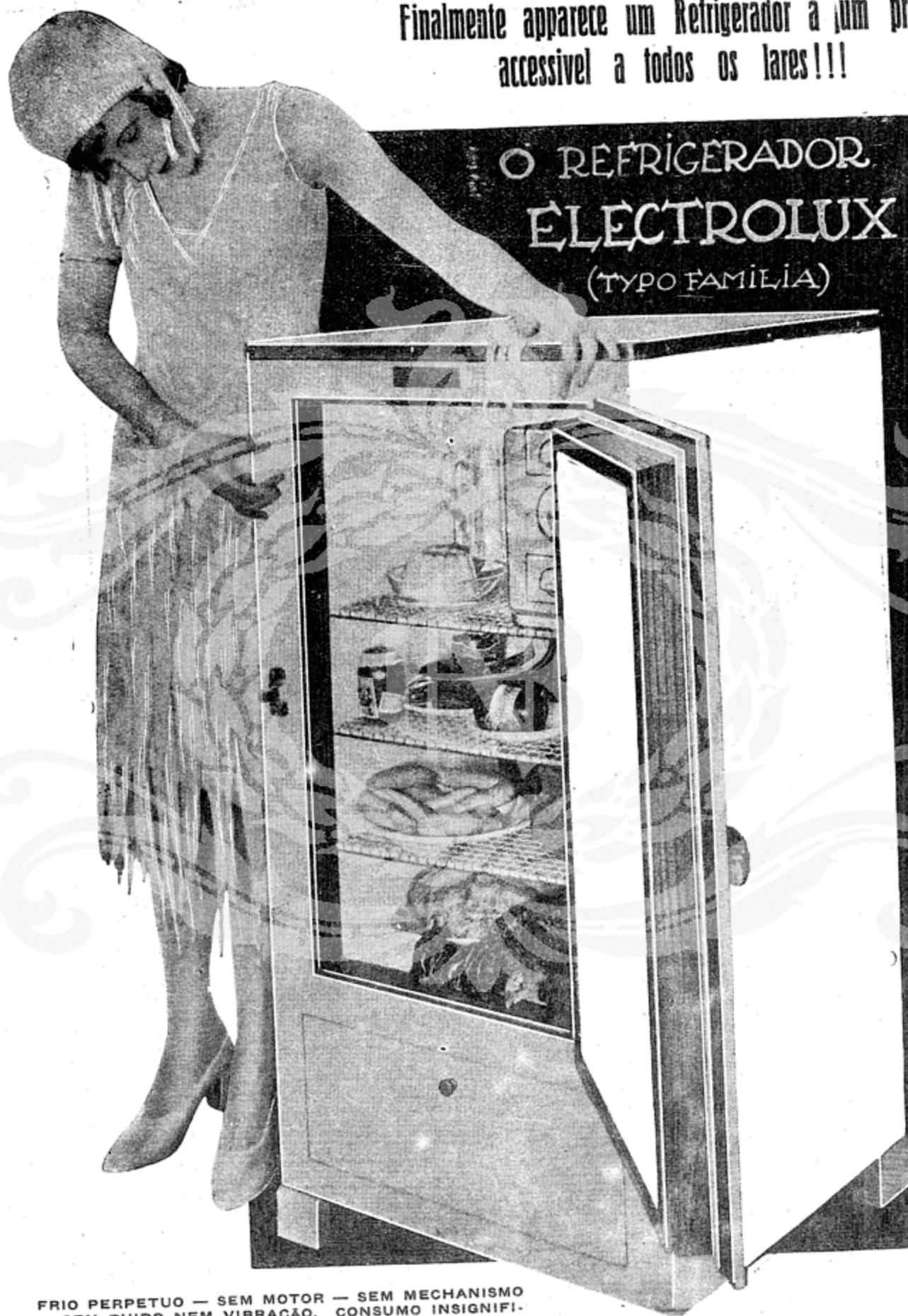
Nesta época de deslealdades, de claudicações, de amor falso, em que homens e mulheres mudam de amado ou amada por pura vaidade, por ociosidade physica ás vezes, ás vezes por inconsciencia — achei interessante remetter-lhe essas duas cartas acima copiadas, e que pertencem a uma ex-amiga minha e a um homem que não conheço.

Pôde ser que orientem algumas consciencias. Pelo menos a mim me agradam. Afinal o senhor julgará.

Cumprimento-o respeitosamente. — H. B."

Finalmente aparece um Refrigerador a um preço
accessível a todos os lares!!!

O REFRIGERADOR
ELECTROLUX
(TYPO FAMILIA)



FRIO PERPETUO — SEM MOTOR — SEM MECHANISMO
— SEM RUÍDO NEM VIBRAÇÃO. CONSUMO INSIGNIFI-
CANTE GARANTIDO. — FUNCIONA A GAZ OU A
ELECTRICIDADE.

Visite hoje mesmo a nossa exposição.

CIA. ELECTROLUX S/A

Edifício Odeon 6º andar — Tel. C. 0263 — RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO — Palacete Alves Lima — Rua Barão de Itapetininga, n. 10 — Tel. 4-7620.



Dentes
como um fio de Perolas

Escovar os dentes com a pasta ODOL e empregar ao mesmo tempo o líquido ODOL é transformar a dentadura num fio de Perolas.

O melhor meio de limpar e clarear os dentes é escová-los com a pasta "Odol". E o melhor meio de prevenir a carie e desinfectar a bocca é usar o líquido "Odol" ao escovar os dentes.

Odol

Pasta dentífrica
Frasco grande
Fingert-Werke A.G.
Dresde
Rio de Janeiro

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1929.



- DE GARIBALDI A MUSSOLINI

(ESPECIALMENTE PARA O FON-FON)

PELO PADRE ASSIS MEMORIA

MIL oitocentos e setenta! Pleno apogeu do Racionalismo e da Encyclopaedia. Renan retornára do Oriente sobraçando a *Vie de Jesus*, o evangelho da irreverencia; Paris erguia a estatua de Voltaire; Emilio Castellar, na Hespanha, em pleno parlamento, investia contra a Fé, em periodos candentes de odio e de injustiça; Portugal, pelo estro de Guerra Junqueiro e Anthero do Quental, e através da prosa seductora de Ortigão e Eça de Queiroz, era toda uma ironia contundente, toda uma rebellião iconoclasta e sacrilega contra a Igreja e as santas tradições. Na Italia o *carbonarismo* culminava em effervescencia. No ambiente europeu, de extremo a extremo, pairava sinistro aquillo a que o proprio Comte chamava a *anarchia occidental*. A peor das anarchias, que é a inversão das idéas, a revolução nos espiritos.

E tudo isso, todo esse immenso acervo de talentos e de privilegiados, de esthetas e de investigadores, a serviço do erro, empolgados pelo sonho do naturalismo e embriagados pelo opio, pela illusão cor de rosa de um mundo melhor, com o retorno ao paganism; tudo isso, sim, só descobria, em meio á dissolução triumphante, um inimigo: Roma; só enxergava no horizonte uma barreira: o Vaticano. Em Roma estava o baluarte da tradição. No Vaticano, o expoente maximo da Fé e da Revelação.

Pio Nono, um santo forrado de um luctador, ao envés de temer, seguro da sua missão divina e confiante na verdade granitica e infallivel do *Tu es Petrus*, gravada mais no seu animo forte do que na cupula da famosa basilica, abriu as portadas solemnes do Vaticano e reuniu o Concilio Ecumenicó, o ultimo

que se realizou na serie ininterrupta de dezenove seculos. E a magna assembleia, ao encerrar as suas sessões, lançou *Urbi*

objectivou-se em factos. A Italia, chefiada, politicamente, por Cavour e Crispi — dois remanescentes retardatarios de



Pio XI e Mussolini, que são as figuras de maior relevo na solução da famosa Questão Romana.

et Orbi a formula provocadora, mas legitima, verdadeira, porque axiomática e incontestavel — a infallibilidade do Papa. E todo aquelle mundo de racionalistas e de sectarios recebeu boquiaberto a proclamação. E os odios acirraram-se. E a revolução, que estava nos espiritos, passou á accção: materializou-se,

Machiaveli e Talleyrand — armou o braco de Garibaldi, indiscutivelmente, um bravo sob a tunica de um *condottiere*. E surgiu, então, corporificada, a idéa sacrilega: unificar a patria, embora com o crime da espoliação, com a iniquidade revoltante do esbulho. Pouco importava! Na tremenda e formidavel lucta das idéas

contra as idéas, dos principios contra os principios, a victoria cabia inteira ao successor dos Apostolos, ao herdeiro d'aquelle que mandava dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar? Pouco importava! A força bruta primaria o direito. E foi o que aconteceu. Garibaldi entra em Roma, proclama a revolução triumphante e, a poder d'armas, unifica a Italia. O Pontifice, que era a idéa, mas, como toda a idéa inerme, pacifica, teve que ceder deante do facto consummado, embora absurdo, inconfessavel embora. E' a hora apocaliptica do *Poder das trevas*...

Volvem annos. Annos de pelejas e annos de infortunios: o prisioneiro em que se tornou o chefe da christandade é um exilado, porque é um coagido. Mas, resigna-se. Elle é o continuador de uma dynastia onde abundam os martyres e proliferam os santos. Do interior da sua prisão continúa a abençoar o mundo e a rogar ao Alto pela paz universal. E' o Christo na oração attribulada do Horto, é o Christo, após o osculo de Judas, á espera da Paixão; mas é tambem o Christo, no Calvario, á sombra de sepulchro, aguardando, sereno e confiante, o *Surrexit* de todos os que soffrem, a aurora brilhante que segue a treva de toda a injustiça: a victoria, em summa, da verdade, que é eterna, contra o erro, que é ephemero.

MIL novecentos e vinte e nove!

A guerra, no seu paroxismo, trouxe ao mundo uma convicção: a inanidade do philosophismo e o conforto da Fé. E quando a humanidade quiz restabelecer-se da immensa dor, de que emergira, ainda tonta do fragor dos canhões e al-



MONSENHOR Aloisi Mosella, nuncio apostolico no Rio de Janeiro, offereceu, sabbado á tarde, no palacio da Nunciatura, uma recepção ao mundo official e diplomatico, commemorando, assim, o anniversario da coroação de Sua Santidade o papa Pio XI.

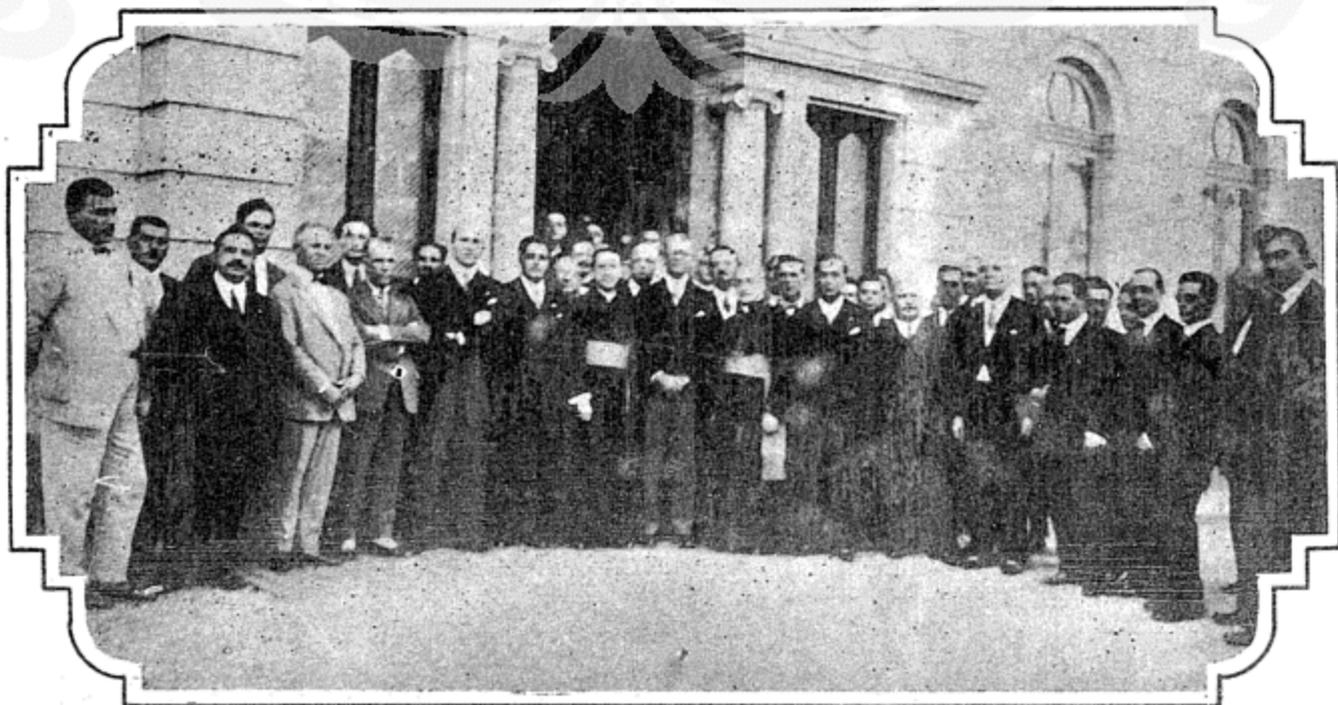
lucinada pelo clarão d'obuzes, só encontrou um oasis em meio ao deserto de ruínas: a Igreja. Só descobriu um refugio: — o Vaticano.
D'ahi, o regresso ás

tradições, a conversão á Verdade.

Isto explica mais o feliz desfecho da Questão Romana do que a habilitade diplomatica de Mus-

solini e o espirito de desprendimento de Pio Undecimo. A necessidade suprema de reparar um grande erro, de sanar uma tremenda injustiça. O desejo, enfim, da paz

da Italia com aquillo que representará sempre o coração, o cerebro da Italia: Roma e o Vaticano. O que Garibaldi, com as suas hostes e com o poder incontrastavel da



Grupo tomado após a recepção com que s. ex. o nuncio apostolico festejou o anniversario da coroação de Pio XI.

GOTTAS ESPIRITUAES

A maior infelicidade que se póde desejar a um inimigo é que ame sem ser correspondido. — LA-BOUTIÈRE.



EM regosijo pela solução da questão romana, e por feliz iniciativa de sua ex. revma. o arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, d. Sebastião Leme, foi celebrado, sabbado à tarde, na cathedral metropolitana, solenne «Te-Deum», no qual officiou o nuncio apostolico, monsenhor Aloisi Mosella. Altas figuras do clero deram, com sua presença, relevo a essa notavel cerimonia religiosa, de que esta pagina offerece alguns detalhes photographicos.



força, não fez —unificar a patria, fel-o Mussolini com a idéa, com a diplomacia e com a visão do crente, sobretudo.

E a concordia entre o Quirinal e o Vaticano, entre a Casa de Saboya e a incomparavel dynastia do Papado, neste momento historico, significa mais do que a simples pacificação de uma nação com a Igreja. E' mais, porque é o penhor seguro da paz internacional. E' que a bandeira symbolica do Vaticano a tremular, como insignia de um chefe de Estado, sempre neutro, mas sempre respeitado, vale, pelo prestigio divino, como o arco-iris do firmamento politico, o biblico signal de aliança de Deus com os homens, da terra com os Céus.

• • •

GOTTAS ESPIRITUAES

O amor é como as enfermidades epidemicas: quanto mais a gente as teme, mais exposto está ao contagio. — CHAMFORT.





— Para nós não houve chuva no carnaval...



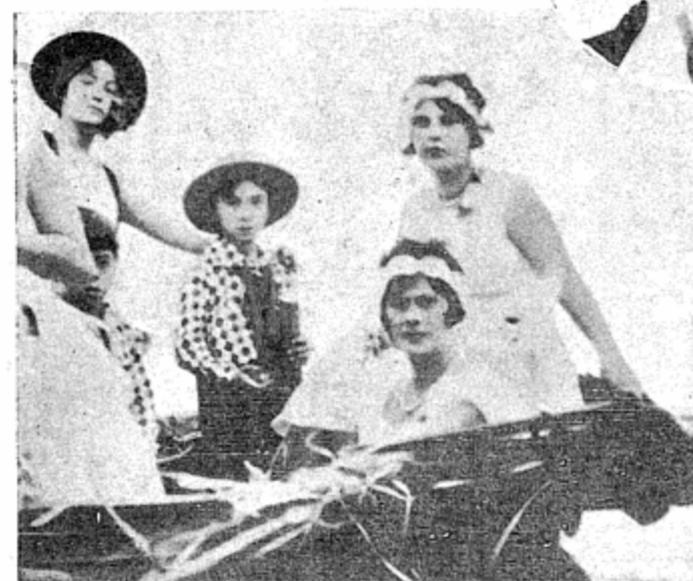
— O nosso cõrso foi feito sob as cataractas do céu...



A «pose» dos «marinheiros» indica que só respeitavam a chuva... de confetti... e de lança-perfume...



TRES «holandezas», legítimas filhas das plagas cariocas. Todas elas têm um sorriso bem holandez...



Evanidade...

— VIDA ERMA E VAZIA —

O tonel das Danaides não será bem o symbolo de certas vidas singulares? A minha existencia ..deve ser como esta imagem: um tonel sem fundo, por onde a agua entra e escapa.

Quando me refiro "á minha existencia", faço a allusão á "minha vida interior", a minha vida feita de sonhos vãos e desejos.

Na verdade, as coisas bellas da vida, que são as que mais amo e procuro, têm vindo, difficilmente, ás minhas mãos. Difficilmente — mas têm vindo.

No entanto, como passam breves! Breves como as nuvens e as rosas.

As nuvens e as rosas! As coisas mais puras e mais lindas, para os olhos e a imaginação.

Si hoje o meu coração está cheio de sonhos e encantamento, — ai de mim! — eu tenho a certeza de que amanhã, acordarei sem elles.

E' o tonel das Danaides.

A's vezes, eu me ponho a sorrir das insolitas surpresas que me traz o destino.

Nesta hora de me lancolia, e de meditação, abro a minha gaveta secreta. Que encontro nella? Todo um pequeno mundo de bellezas. Bellezas do coração e do espirito. Julgo-me um Sardanapalo, um Cresus, um detentor de thesouros.

Mas é só para a minha illusão. Eu sei que tudo isso é ephemero, é falso e inconsistente como tudo que é frágil. E' fugitivo e passageiro como a agua do Tartaro — entrando e fugindo pelo tonel das filhas de Danaus.

De que me serve o mimo daquelle sorriso de mulher, que vejo naquella bocca sangrenta, fixado n'uma photographia que alguém me enviou? Nem sei porque a guardo na minha gaveta confidente.

Amontoam-se as cartas, as phrases felizes, amáveis, estudadas, mas insinceras. Aqui está, por exemplo, este envelope cõr de ouro. Dentro ha uma carta gentil, uma mecha de cabello de seda, perfumado, e uma carinha de "pierrot"... E estas flôres seccas? E este lencinho de cambraia, onde se alarga a mancha de uma lagrima? A lagrima de uns lindos olhos de mulher...

Tudo isso é como si não existisse. Vivendo no presente, são coisas do meu passado.

Contemplando essas ruínas, como Mario sobre as de Carthago, eu me apercebo de que tudo isso representa um pequeno cosmos de coisas bellas e ineffáveis. Mas coisas inúteis! São desejos, sonhos, ambições que se objectivavam na fragilidade ephemera dessas "japoneries"...

Hoje, si procuro vêr o intimo da minha vida, como quem passa uma revista a um exercito mal disciplinado, em cujas refrégas se verificaram victorias e derrotas, encontro tudo vazio, tudo ermo! Porque nem sequer esse exercito representa alguma coisa de real, de positivo e indestructivel.

E vós, ó meus amores ephemeros! Que é feito de vós?

Começo a envelhecer... Trinta e oito annos! Uma vida inutil e cheia de peripécias. Sinto que nada realizei de duradouro e tangivel...

... Hontem, celebrando essa data sem relevo, alguém me offereceu as mais lindas rosas e os mais bellos cravos do seu jardim. Vieram das mãos brancas de uma "Povero fiore"...

No entanto foram como os meus affectos, os meus sonhos, as minhas ambições: — amanheceram mortos, dentro da sua cesta de vime...



NO torvelinho carnavalesco, ellas passaram como duas flores de galanteria...

CHARGE — Verão. Que linda tarde! Parece que o sol derramou todo o seu ouro, rosado e quente, no céu. As praias estão maravilhosas. Não por si mesmas. Mas pelas mulheres bellas, que as enfeitam, como flôres marinhas, ou estrellas do mar... (*Asterias glacialis*, em botânica.)

E' tão linda esta tarde de verão, com as suas praias elegantes e o seu mundanismo rumoroso, que me lembro de ti, e penso de mim para mim: "Ah, si ella estivesse commigo!..."

E então, começo a imaginar um mundo de cousas impossíveis. Impossíveis, mas que me fazem sorrir. Sorrio sozinho.

tão tenho um desejo irresistível de voar, por sobre aquellas aguas e perto daquellas nuvens côr de rosa. Mas voar como, — si não possuimos azas?

E' verdade que, ao pé de ti, sou uma aguia dos Andes. E tu és uma borboleta da Tijuca... Mas só em palavras. Dizes, na tua exaltação obcecadora, que tenho "remígio aquilino"... (Tu amas as phrases complicadas...). Eu, mais commedido, digo que és uma "phalena inconstante"... (A imagem é idiota, mas precisa.)

Ora, muito bem!

A verdade é que sinto desejos de voar. E como tudo isso se passa no dominio da fantasia,

um chilique, e abres a bocca no mundo.

Oh, meu amor! Que *gaffe* tremenda essa tua!

Então, desolados, desistimos da proeza.

A noite começa a descer. Desce como um beijo de perfume e de sombras. E voltamos para as nossas casas, — de omnibus... De omnibus. — Que vulgaridade!

E o lulú? Onde o deixaste? Ah! fugiu com o teu chilique...

REVERIE — DE YVES — Quando me telephonerá novamente?

— Não sei.

— Como não sabe?

— Gosto das surpresas. Amo os imprevistos.



Sete sorrisos, para Momo, que têm a irisação de todas as graças carnavalescas...

«Vendeuses» de bom humor desfilando no curso da Avenida.

Faço a minha festa como Brummel. O Brummel já decadente e sem amigos...

Mas, sabes o que penso?

Figuro que vou contigo pelo braço. Não vou para as praias onde é mais intensa a exhibição de plastica. Vou para uma mais discreta. Mais sosegada. Quando chegamos lá... (lembra-te que te levo pelo braço... E tu arrastas um *loulou*...)

Quando chegamos lá, vemos o céu tão azul, o mar tão grandioso, com as suas velas longinquas, a linha do seu horizonte delimitando as nossas ambições e os nossos planos de viagem... En-

imagino que ha ali por perto um hydro-avião á espera de que o cavalguemos como a um Pégaso.

— Vamos passear sobre a bahia?

— Tenho medo...

— Medo de que?

— De morrer.

— Não morrerás! E si morres, antes de mim, eu te farei um poema futurista; si te preceder, irás "a cercar la mia croce in campo-santo", como no verso de Stecchetti... Queres?

Ainda vacillante, entras para a *nacelle* do avião. Mas quando a helice começa a funcionar, principio a ficar indeciso sem saber como fazer aquella *gaita* subir. Tu tens

— Para mim seria tão bom ouvir sempre. Sempre...

— Por que?

— Porque a sua voz é encantadora.

— Encantadora? Esta phrase é um chavão.

— Ora, mademoiselle, não ha chavões nos labios de um poeta. As phrases sedicãs, em certas bocas, são como as joias falsas nas mãos de uma mulher bonita.

Tudo depende do realce das pessoas.

O telephonema foi interrompido por um detalhe secundario.

Do outro lado do fio, ficava o desânimo frio de uma alma: a minha alma. Do outro... Quem havia de ser? Talvez uma creatura caricata, de attitudes humoristicas; talvez uma dessas princezas radiosas de graça que povoam os bellos contos de Perrault...

Como é mais facil a imaginação conceber as idéas de belleza do que as de fealdade e ridiculo, eu me deixo ficar, n'uma attitude displacente, olhando a nesha janella recorta. Os pés juntos, as pernas hirtas, estiradas, para frente, a cabeça inclinada no painel de jacarandá do salão, penso naquella voz onde ha timbres quentes, cheios de musicalidade e veludo. Quem será a dona daquell'a voz?

Começa, então, a tortura do meu espirito... Si é facil conceber uma apparencia linda de mulher, o pessimismo inherente ao medo das decepções insinúa a imagem pobre de encantos que a minha mente teima em admittir...

E fico indeciso. Entre as duas, prefiro a visão de belleza...

Vejo-a com a imaginação. Mas quando a vejo — bella, — appareceme ao lado de um "outro". Um outro a quem destina todos os suffragios do seu amor, n'um culto de electividade e adoração...

Obstino-me, então, em presentilha feia, advinhal-a irrisoria e grotesca. Não satisfação aos anseios do meu ideal de estheta, mas alegre e contento o meu egoismo de homem que ama um nome de mulher, através a illusão de uma voz...

ESTRELLINHAS — Um vidro de perfume? Alguem me offerece um vidro de perfume. Um nome pequenino, pequenino como um beijo, como o sonho de uma rosa, me diz que elle veio das mãos de uma mulher.

Eu devo ter a alma de algum velho rajah, que viveu entre os mysteriosos perfumes do Oriente, entre tapetes e perfumadores hindús.

Eu devo ter a alma de algum velho rajah, de algum sultão melancolico ou de algum mandarin chinês...



Amo os perfumes, os crepusculos e as rosas.

Amo os crepusculos porque elles me dão a idéa da gloria. ("Sic transit gloria mundi...") Sim, que imagem mais fiel poderíamos conceber da gloria ephemera e traiçoelra, senão a dessa apothese da tarde, em que o poente corôa de rosas de fogo a cabeça moribunda do dia?

E acaso, os crepusculos não serão os mestres mais profundos da philosophia da vida? São elles que nos ensinam a meditar. A meditar na expressão das forças e das grandezas que passam como os thronos e a gloria.

Não; eu devo ter a alma antiga de um rajah...

Amo as rosas porque ellas se assemelham ás mulheres bonitas. As rosas possuem todas as le-

viandades femininas.

Amo os perfumes porque estes suggérem as sensações diversas da nossa vida: a alegria, a dôr, a tristeza, a saudade, o odio, o ciume...

E' é por isso que o perfume das mulheres, esse perfume caracteristico de femina, que possui todos os tons e todas as nuances, ha de permanecer sempre indefinivel...

CHARGE — Um dos meus companheiros pergunta: "Por que é que no Rio ha tanta gente que fala sózinha na rua?"

Ninguém soube responder, de prompto, a razão de tal anomalia. Por que seria?

A interrogação ficou no ar. Varias foram as opiniões a respeito. Mas nenhuma me pareceu coherente.

Mas houve um companheiro que achou o X do problema.

— A razão? — disse elle.

— Sim.

— E' a vida apertada.

E commentou com um sorriso:

— Si qualquer um de nós se dêr ao trabalho de acompanhar um desses cavalheiros que falam sózinhos, veremos que está em desespero de causa.

• • •

— Estamos gostando immenso deste curso.

— Sem dinheiro?
 — Talvez peor situação de vida. E como acontece que a situação de vida é má para todos, segue-se que são muitos os que falam sózinhos.
 — E as mulheres? — pilheria um do grupo.
 — Não fógem á regra geral. Ainda ha pouco tempo, dei-me ao trabalho de seguir os passos de uma melindrosa que falava sózinha. Fazia tregetos, murmurava, pro-

cedor da vida do interior do paiz, aproveitou o ensejo para narrar um episodio interessante, occorrido n'uma cidade de um Estado do Sul.
 — E' um episodio a proposito do carnaval.
 — Do carnaval? — pergutaram todos a *una voce*.
 — Sim. E do tempo em que o *confetti* ainda era pouco conhecido no Brasil.

Conselheiro Accacio, Pacheco e Calino. Na cidade, onde era tido como archi-millionario — e de facto elle o era — explica o narrador — todos os seus conhecidos procuravam exploral-o. Certa vez, um filho delle casou com uma senhorita da melhor sociedade local. O casamento se realizou na semana de carnaval. Havia grande animação, na cidade, pelos dois acontecimentos. Foi nes-

E immeditamente recebeu o seguinte telegramma para o seu correspondente commercial: "Brodoégas — Envie urgencia cem kilos confeitos". Quando o commerciante recebeu o despacho, ficou boquiaberto. Para que o coronel queresse cem kilos de confeitos? Iria elle montar alguma confeitaria?
 Emfim, ordem era ordem. Mandou pesar cem kilos de confeitos



Colombinas do carnaval paulista.

feria imprecações, etc. Tudo indicava que ella estava desesperada.
 — Seguiu-a até onde?
 — Até uma casa de peahor, onde ella entrou.
 E o nosso companheiro terminou:
 — E' por isso que tem cabimento a sátira da canção carnavalesca:
*Não posso me amofinar,
 Não quero falar sózinho.
 Meu santo póde estranhar
 O passo do "meudinho".*

CHARLA — Contavam-se anedotas.
 O dr. X..., homem bastante viajado, e conhe-

— Ha de ser muito interessante! — commentou a voz de uma melindrosa saracoteante.
 — Conte, doutor conte! — pediu uma senhora obesa e bufante como uma phoca.
 Então, o doutor X... tomando uma attitude grave como quem tem a certeza de que ia contar uma historia que faria rir, assim começou:
 — Havia na cidade de Z... um coronelão, — desses da antiga Guarda Nacional — que era de um chatismo deploravel. Mais pascacio do que o

sa altura que um amigo do matuto suggeriu:
 — "Sabe, coronel, que a moda agora é atirar *confetti* nos noivos?"
 — "Que vem a ser isso, homem!" — indagou o coronel.
 — "Homem, eu tambem não sei o que é. Mas li nos jornaes que *confetti* é uma novidade que se atira nas pessoas durante o carnaval."
 O coronel pensou um momento e declarou:
 — "Está bem. Vou mandar buscar cem kilos dessa novidade, na capital".

os remetteu ao coronel...
 Fez uma pausa. Alguem indagou:
 — E que fizeram dos confeitos?
 — Ah! é que está o comico da historia.
 E explicou:
 — O coronel distribuiu um kilo de confeitos a cada convidado. E ordenou: "Quando os noivos sairem da igreja, dêem inicio á manifestação".
 — E o resultado?
 O doutor X... terminou:
 — Quebraram a cabeça dos noivos...

FILIGRANAS

Um matuto, tendo ouvido dum letrado, na cidade, a expressão *por hypothese*, achou-a linda e passou a empregal-a a torto e a direito. Certo dia, conversando com um amigo, abusou da mesma de tal modo, que o outro lhe perguntou o que significava. E elle, grave e serio:

— Por *hypothese*, compadre, é uma coisa que não é, porém que a gente pensa que é e deseja que seja...

A definição do matuto é esplendida de sinceridade e de propriedade na sua singeleza de linguagem e na apparente ingenuidade dos seus termos.



❶ «bal masqué» com que o São Paulo Tennis homenageou o rei da pandega, no domingo de carnaval, foi uma festa rutilante de animação e de belleza, e na qual se exhibiram, como documenta esta pagina movimentada e alegre, as mais lindas e luxuosas fantasias.

□ □ □

REVERBEROS

O regimen da semana ingleza cooperou muito para esse ar de festa que deu vida nova ao triangulo. Mas, sem o sol e o ceu azul que São Paulo teve hontem, pela segunda vez depois dos temporaes, a cidade teria tido mais uma tarde macambuzia sem vida, sem alegria, sem nada: gente encapotaada passando pelas calçadas num passo muito apressado, agua batendo nas vidraças e escorrendo pelas sargetas.

Mas, esse tempo já vai longe. E o sol tão festejado hontem pela nossa gente não ha de querer de certo ir embora tão cedo...

LANTERNAS DE PAPEL

RECHINAM os maracás. Estralejam os récos-récos. Resoam os tambores. Estrondam os bombos. Retinem os timpanos. Esganiçam-se os assobios. Rebóam os córos barbaros. Esfusiam as gargalhadas em destempêro. Rebuznam as gaitas. Estridulam os apitos. Rugem os trombones. Esguelam-se os jazzs.

Selvageria. Licença. Africanismos. Índios e negros semi-nús. Mulheres que saracotêam, perdida a compostura. Côres berrantes. O ar envenenado pelo ether. Multidões ullulantes. Suor.

Carnaval! Carnaval!

E a canção picarésca a brotar de todos os labios, melopéa arras-

AS SETE LANTERNAS DO MEU CARNAVAL

seculo que se detem a um canto da sala! Parece o odor da sua propria belleza, o cheiro da sua propria mocidade. Olhos rasgados e claros. A face pura como a duma Madona do Renascimento. E um pequenino signal negro perto da commissura dos labios. Toda de gazes e de setins celestes. Uma figura de porcelana de Saxe. Para que me sorri, marquezia, fugida de Versalhes? Para que? Um dia eu acharia o teu

sou a loucura!" bradava ella e abria os braços para mim. Escondi-me rapidamente por entre a multidão sapateante, rumorosa.

A LANTERNA DE PAPEL ALARANJADO

São dois os vultos que caminham deante de mim no parque semi-obscuro. Vão abraçados, chilreando confidencias e beijos, vestidos de côres claras. E eu os sigo devagarinho como quem vae vendendo, lentamente, prazerosamente, photographias de outros tempos, como quem vae lendo, pausadamente, gostosamente, cartas do passado...



ECOS DO CARNAVAL CARIOCA — Sem duvida, passou despercebido do grande publico esse bloco de fina elegancia carnavalesca. Por que? Porque só viveu as horas intensas do carnaval no recesso dos salões e no corso das

tada que a gente não sabe si é alegre ou triste:

*Dorinha, meu amor
por que me fazes chorar?...*

A LANTERNA DE PAPEL AMARELLO

Na luz vibrante da sala, a colombina doirada rodopia. A bôcca sensual e rubra mostra os dentes lindos sob a barbete de renda da mascara de velludo negro. Seus olhos atraem a minha indifferença. Fazem-me signal de seguila... Mas eu sigo, displicentemente, outro rumo. Para que desvendar aquelle mysterio? Os mysterios que se desvendam perdem o gosto. Adeus! colombina amarella, vae-te embora!

A LANTERNA DE PAPEL AZUL

Que perfume estonteante trescala aquella marquezia do grande

perfume insupportavel e o teu signalzinho negro horrivel. Deixame passar...

A LANTERNA DE PAPEL VERDE

Ella estava fantasiada de Esperança. Trazia na mão um ramo de flôres, na cabeça uma estrella de diamantes e cobria-se com um vestido e um manto da cor das folhagens vicejantes. Caminhou para mim a sorrir, a sorrir; porém não me encontrou: eu já havia começado a descer as escadarias em retirada...

A LANTERNA DE PAPEL VERMELHO

Aquella mulher toda de rubro parecia uma chamma viva. Era linda e tentadora. Seus olhos muito negros luziam como carbunculos. "Eu sou a folia! Eu

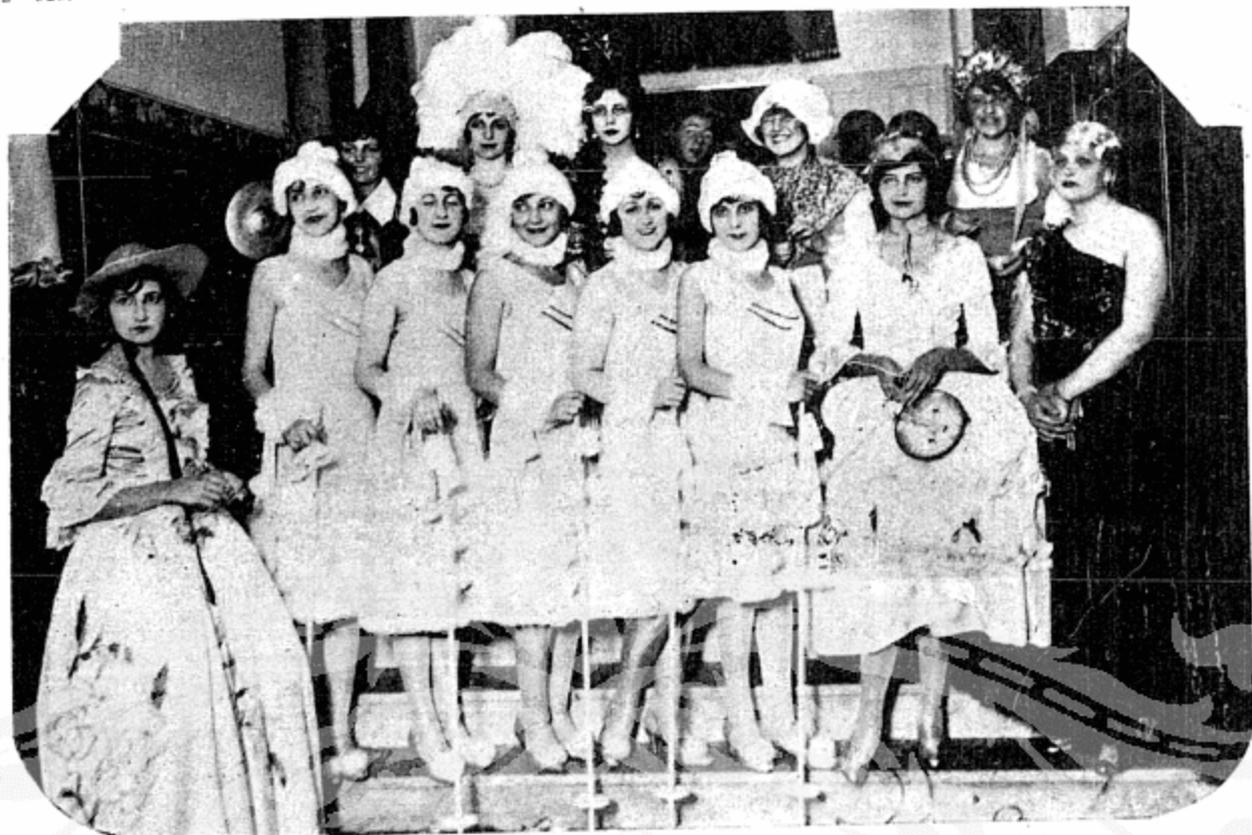
nossas avenidas. Chuva? Qual nada! «Grupo dos Unidinhos», conforme se intitidou nos tres dias de Momo, elle enfrentou as iras dos elementos, triumphando galhardamente do agua-ceiro cruel.

A LANTERNA DE PAPEL VIOLETA

Na rua érma, os meus passos resoam solitarios. Ninguem. Ninguem. Eu e os meus pensamentos. O éco da barbárie carnavalesca perde-se ao longe, na cidade ardente e illuminada. E não perturba mais a calma da minha alma e a resignação do meu pensar...

A LANTERNA DE PAPEL NEGRO

Fecho sobre mim mesmo a porta de casa e, sem accender uma lampada, dispo-me e deito-me na obscuridade. Acabou-se o meu carnaval. Quando será que a mão poderosa do destino fechará definitivamente a porta do carnaval da minha vida?...



TAMBEM a Sociedade Harmonia, de São Paulo, commemorou o triduo universal da pandega, promovendo um baile á fantasia, no qual se movimentaram galantes Colombinas paulistas.

FILIGRANAS

Tão longos os dias solitários!...

A luz quente do sol incandesce o asfalto das ruas e canta na voz estridulante das cigarras.

As arvores ficam paradas, hirtas, mudas como que assombradas de tanta claridade. E a agua dos repuxos, nos jardins desertos, esguicha para o alto o seu pennacho pulverizado.

Ao longe, o mar parece uma placa de metal fundido. Bate-lhe o sol de chapa e a sua refração é intoleravel. Da praia clara e recurva como um alfange tartaro desprende-se um bafôrno horri-

vel. E o zunzum da cidade morre no ar cálido do verão.

Calor! Calor! Calor! Calor!

Tão longos os dias solitários!...

Tão longos!...



Com mascara ou sem mascara, as paulistas são sempre sedutoras...

CO-RIS

GRALHAS E PAVÕES

A coruja,
Com aquella carantonha feia e lúgubre,
é, em verdade
(quem diria?)
é, em verdade, o symbolo
da Sabedoria.
Talvez por isso mesmo,
é o symbolo tambem da Fealdade.

E o pavão, por exemplo, uma ave tão bonita,
com um penacho-diadema e um leque-osten-
[tação.

é, na verdade
(podeis bater a lingua, ó tias-velhas,
quem diria? quem diria?)
na verdade...
mesmo com seu diadema-fantasia,
mesmo com cauda e pose,
é... é o symbolo da Imbecilidade...

Mas, por menos que valha,
o pavão,
vale mais que uma gralha.
Vale mais? Isso, não!
A gralha é uma verdadeira — "aguia" —
pois, sendo gralha apenas,
sem cauda em leque, sem figuração,
põe cinza no olho da aguia e enfia as pennas
do imbecil do pavão...

■ ■ ■

A LINDA "BARATINHA"

Mademoiselle tem uma "barata",
barata-cara, pois só em concertos,
gazolina, pneus e outros enxertos,
essa barata

ao que me consta, mata
o Banco do papae em 3 contos por mez,
e o seu papae, Mademoiselle,
já me disse uma vez
que a "barata" lhe está "custando a pelle",

Barata-cara, é o menos...
Os vestidos são curtos e, entretanto,
as contas são compridas... Conto e tanto.
Em contabilidade, a lei de Venus
é o Maximo no Minimo. Pois não?
Barata cara não é excepção...

Mas a "barata" de Mademoiselle,
mal o motor a impelle,
abre a descarga e sae a papoucar,
a bufar, a roncar,
é bufo, é sopro, é ronco, é estalo, é estouro.
Essa "barata" singular
não é barata, é besouro...

■ ■ ■

CONTA-GOTAS

Philosophia...

Cessa
depressa
o que apressadamente principia.

Pavor de ficar só, que nos faz pressa
de encontrar companhia...

—E' ahí que começa
a desgraça do amor. O amor só interessa,
quando não se annuncia...

LEO FABIO

AS "MIL HISTORIAS SEM FIM". DE MALBA TAHAN

No proximo numero iniciaremos a publicação de uma série de contos orientaes. do notavel escriptor arabe Malba Tahan, sob o titulo: *Mil historias sem fim*.

A originalidade desses trabalhos consiste no facto de se ligarem, entre si, formando um corollario de lendas e episodios da civilização oriental. Cada peça, porém, constitue uma narrativa que se prende sempre á seguinte, podendo o leitor começar, indifferentemente, a leitura tanto do conto inicial, como do centesimo, ou do ducentesimo, sem prejuizo da conexão do assumpto.

Malba Tahan é o famo-



deante dos nossos olhos — trazem o cunho de algo turantemente bizarro, que nos derrama pelos nervos o fremito de uma sensação estranha, por vezes de uma vibração fulminante.

Velando esses quadros da natureza cosmica e humana, o rhapsodo de *Roba-el-Khali* faz descer um véo de mysterio e a sombra de um mysticismo esquisito, que nos penetra o animo como um perfume inquietante, affligente e, ao mesmo tempo, repousante, doce como o proprio opio e o *haschich*.

Malba Tahan, que nos chega através da tradução de um poeta tambem arabe, o prof. Ragy Basile, era filho de um rico mercador mussulmano. Nasceu na velha e pequenina aldeia de *Malba*, nas vizi-



so *conteur* arabe que melhor reflecte a psychologia do seu povo, como a de todas as raças que amam, sofrem e sonham nos velhos paizes do Oriente.

Os seus contos, plasmados numa linguagem clara e incisiva, impressionam pela synthese dos episodios, das scenas e dos factos que nelles se enquadram. Para nós outros, filios de uma civilização que não a sua, os motivos que elle explora, as almas que nos apresenta, as paisagens que põe



O palacio Teçayndaba, em São Paulo, esteve fulgurante no carnaval que se foi. Depois das festas de madame Poças Leitão, que marcaram acontecimentos mundanos de grande esplendor carnavalesco.

nhanças da cidade de Meca, quando a sua familia ahí se achava em peregrinação. Viveu doze annos em Manchester (Inglaterra). Percorreu a Russia, a China, a Persia e a India.

Entre as suas obras mais interessantes convém citar: "*Roba-el-Khali*", "*Al-Samir*", "*Tempo de Guerra*", "*Céo de Allah*" e, agora, "*Mil historias sem fim*".

Malba Tahan morreu como um heróe, defendendo uma pequena tribu da Arabia Central.

ali se realizou o baile de Club da Liberdade, cujas concorrentes mais animadas e mais galantes apparecem nos detalhes photographicos desta pagina.

TREPAÇÕES

O carnaval é, decididamente, a — época das surpresas. E' a época da alegria e dos desmancha-prazeres.

E' esse o caso daquelles namorados, que tanto se queriam.

A linda morena, que é, aliás, uma pianista eximia, estava convencida de que o noivo havia partido para o interior, na semana de carnaval.

Ficou descaçada.

Combinou ir a um baile de segunda-feira com um substituto. O moço, que não havia ido para São Paulo, recebeu uma denuncia dos projectos da pianista. E, na segunda-feira, elle estava firme, no baile onde a leviana se achava... com o substituto.

Elle foi tambem acompanhado de uma substituta da pianista. A pagina tantas, ambos se descobriram. "Elle", com a substituta della; e "ella" com o substituto delle...

Mas o peor é que um ficou com tanto ciume do outro, que mlle. acabou por abandonar o baile, mandando o substituto do rapaz ás ortigas...

E agora estão elles brigados, n'uma luta terrível: elle, sem querer se "curvar", e ella sem querer dar o braço a torcer...

MADemoisELLE depois que esteve no baile do sabbado carnavalesco em um grande hotel, confessou, sem pejo, a um distincto rapaz, que não estava mais para reuniões familiares...

Não podemos penetrar fundo no pensamento de *mademoiselle*, para saber o que ella quiz dizer affirmando que não estava para reuniões familiares...

No hotel havia um conjuncto de familias; aquillo era, nem podia deixar de ser, uma reunião familiar. *Mademoiselle*, porém, sentia-se dentro de um mundo novo, maravilhoso, de sensações fortes...

Era certamente a *fuzarca* que se duzia o lindo palminho de cara, a *fuzarca* em pleno apogeu, que funcionava, empolgando, endoidecendo os cerebros fracos e as creaturas pouco afeitas aos desregramentos dos grandes centros onde a gente se aborrece...

Mademoiselle assentou praça, e agora detesta as reuniões familiares!

Vida maluca a que vivemos, com a cabeça transtornada pelo *champagne*, pelo ether e tantos outros excitantes que as meninas, até ha



Esta gracinha, a mimosa gitanita que aqui está, é Myriam, fihinha querida do casal José Fernandes.

pouco, nem sequer conheciam de nome...

O cavalheiro telephonou:

— Allô! quem fala?

Do outro lado do fio, uma voz de mulher respondeu:

— E' do hotel tal.



O gury está dizendo: «Eu sou da... «Fuzarquilha»...

E o cavalheiro:

— Faz favor de chamar a Rita?

E a voz de mulher:

— Sou eu mesma...

E' claro que a voz de mulher queria trocar do cavalheiro. E o cavalheiro, como sempre acontece, era um desses papalvos, que imaginam uma deusa a mulher desconhecida que lhes fala pelo telephone. E' verdade que a heroína desta "trepação" era uma creaturinha interessante. *Frête*, como um junquillo, esguia, elegante. Cabello de oiro, olhos cõr do céu, pelle de ambar do Oriente... Ora, muito bem.

O cavalheiro apaixonou-se pela sua voz. *Flirt*. Conversa fiada, etc.

Dahí resultou o plano de um encontro no cinema do bairro.

Ella:

— Sou morena, nem alta, nem baixa, e estarei de azul e sapatos pretos.

Elle:

— Estarei de branco; sou moreno estatura regular.

E a seguir:

— Pois até amanhã, á noite, Rita.

— Até amanhã.

No outro dia, a moça loura vae ao cinema com uma toilette encarnada. O cavalheiro de branco lá está, firme.

E, quando, por acaso, entra uma senhorita morena, nem alta, nem baixa e de vestido azul, e sapatos pretos, elle se atira para ella. Teve tanta sorte que, dahi a pouco, encetava um vasto *flirt* com ella.

Rita ficara ao lado do noivo, com o seu vestido encarnado, gozando aquella pilheria do destino...

O casamento foi anunciado, mas — depois não se falou mais no caso. Agora, entretanto, parece que vae entrar novamente no cartaz...

Ao que dizem, não se trata de um matrimonio, producto do affecto de creaturas nascidas uma para a outra.

E' um *negocio*, com raizes no interesse da ligação de duas fortunas, pensado, urdido em conselho de familia, medido e calculado entre os chefes das firmas contractantes...

Si vingar o plano dos *velhos*, naturalmente o acto do matrimonio dispensará a solennidade da Egreja e a presença do pretor.

Bastará o registo do contracto na junta commercial, para legalizar a constituição da nova firma...



O carnaval do Club Terpsichore, de São Paulo, foi, certamente, realizado sob o patrocínio da musa da dança. Imaginem agora o que não fizeram juntos Terpsichore e Momo...

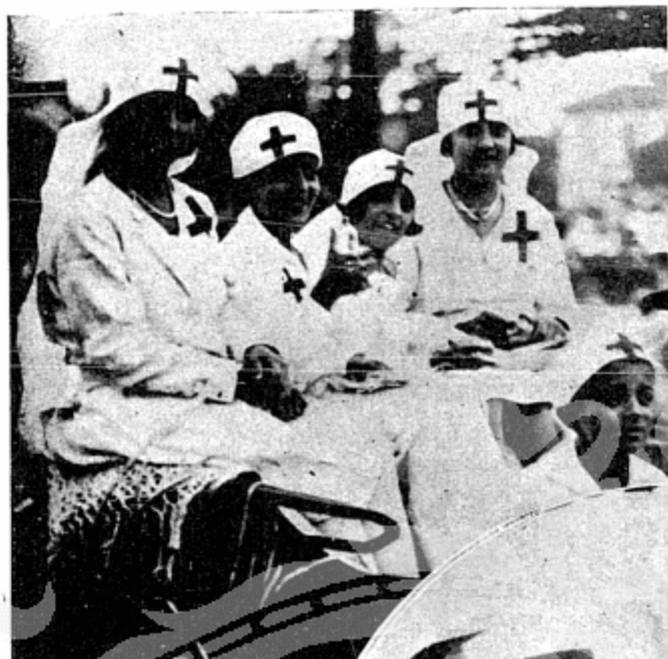


A petizada paulista também é... «da Fuzarca»...

CARNAVAL PAULISTA



JA' não se pôde dizer que só o carioca sabe ser folião. O paulista, digamos as paulistas, lindas e sizadas, emprestaram, sob a chuva, à festa alegre de Momo, a graça moça do seu sorriso, raro é verdade, mas expressivo e encantador. Ahi está um flagrante do corso, longo e rico, que desfilou, nos quatro dias chuvosos de carnaval, pelas elegantes avenidas de S. Paulo. Sob o aguaceiro constante, nuvens de confetti, serpentinas e jactos de ether perfumado, as bellas filhas da terra dos bandeirantes fizeram, como as cariocas, a sua festa de maior alegria no anno...



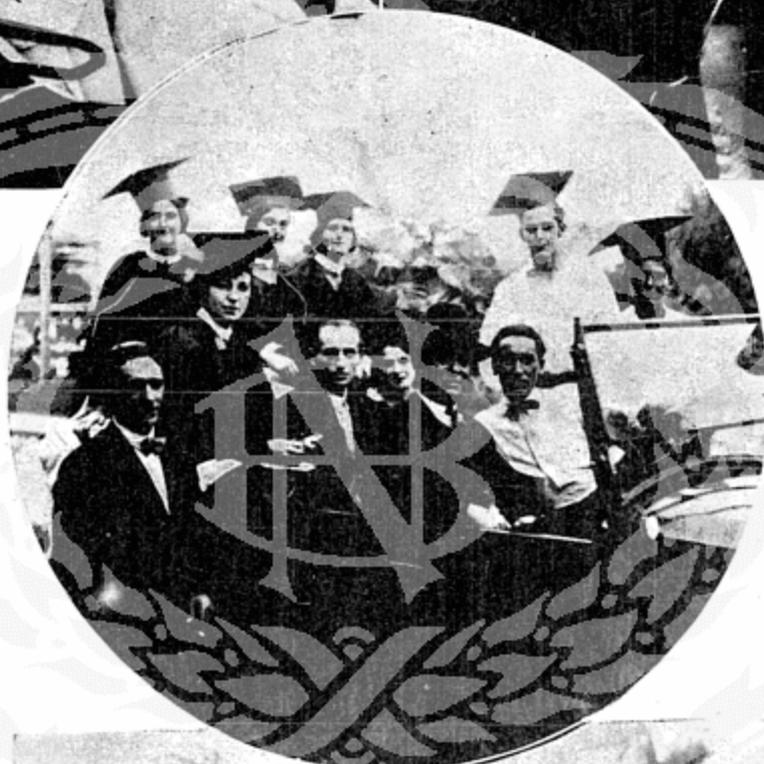
REVERBEROS

— Que pena sabba-
do passado não ter
estado assim!

Por todo São Pau-
lo ouviu-se hontem
esse lamento acom-
panhando esta ou-
tra phrase, que o
paulistano disse a
cada passo, olhando
alegre para o ceu
azul:

— Parece agora
que a coisa endirei-
tou...

Dois dias de sol
já são agora o suf-
iciente para pôr a
cidade em festa. Sem
guardas-chuva pre-
tos e feios, que mo-
lham todo mundo,
cheia de gente ri-
sonha de roupas le-
ves e chapéo de pa-
lha, ella esteve hontem
como poucas ve-
zes. Era difficil mes-
mo andar-se pelo



triangulo sem ser
aos esbarrões.

— Que cidade ma-
ravilhosa é S. Pau-
lo quando não
chove!

— Isso ella é sem-
pre.

E o mais bairsta
continúa:

— Onde vae você
no mundo buscar
contraste mais inte-
ressante do que este?
Repare nessa
gente que passa
apressada, o passo
decidido, e vae indo
para a frente sem
espiar de lado ne-
nhum. Olhe agora
para essas mulhe-
rinhas esgutas, que
andam e gesticulam
devagar, e cujas
gargantas parecem
de pluma, tão ma-
cia têm a voz. Ellas
estacionam um in-
stante em frente a



AS paulistas também sabem ser
alegres... quando querem. E no
carnaval, quando apparecem no cor-
so, como aqui, é para se mostrar
«cariocamente»... animadas...





cada mostruário; observe que olhos grandes faz aquela para a quelle brilhante preto...

— Um namorado não os teria apaixonados assim...

— Porque elles são sempre menos interessantes do que uma pedra como essa. Não fossem homens...

O signal luminoso da praça Antonio Prado mandava o transito passar. E pelo longo da rua de São Bento iam encostados um no outro dezenas de automoveis de todas essas marcas, cujos nomes, como os dos artistas de cinema, são os unicos que quasi São Paulo todo conhece da lingua ingleza...



— Porque as paulistanas preferem sempre ficar nos seus automoveis luxuosos? Afinal, não é ruim andar um pouco.

— Hoje ellas serão obrigadas a isso, ou ficam sem o chá, que o dr. Rudge Ramos não permite que nos sabbados entre nenhum vehiculo na rua Direita. Não lhe parece acertada essa medida? Pelo descongestionamento do transito, e porque assim — que diacho! — ao menos por alguns metros a gente pôde ver mais de perto essas pessoas, que vivem sempre tão de longe...

— Moço! E' prohibido ficar parado.

— Esse dr. Rudge dá cada ordem!...



ESTAS alegres foliãs paulistas, que parecem desafiar a chuva com o seu esplendido sorriso carnavalesco, deram ao curso das avenidas da Paulicéa a nota rutilante na sua graça e da sua belleza.



CARNAVAL PAULISTA

① curso carnavalesco deste anno, em São Paulo, foi, apesar da chuva, que lá, como aqui, molhou os foliões de



Momo, interessante e animado, pelas fantasias exibidas, e pelos lindos sorrisos das paulistas. Sorrisos que foram o unico sol do carnaval paulista...



Flagrantes de tres bailes carnavalescos em São Paulo: o do Club das Perdizes, o do Pallas Club e o do Club Brasil. Tres festas alegres, que deixaram saudades...



Proverbio hindú: "faz pequeno, tão pequeno quanto possas, teu coração". E' o que ensinam as mães hindús a seus filhos, para que estes possam ser... felizes.



Bazar de Bonecas

Feira de vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Lá où il y a plus de sentiment, il y a plus de martyre. Esta phrase, de um dos maiores e mais illuminados espiritos de que a humanidade se pôde orgulhar — Leonardo da Vinci — encerra, no laconismo de suas poucas palavras, todo o sentido e toda a expressão da própria vida. Porque a vida em si, no seu mysterioso trabalho interior, é toda uma trama, delicada ou grosseira, de sentimento. E são os nossos sentimentos, mais ou menos agudos, mais ou menos accentuados, a pedra de toque por que se poderá aferir a maior ou menor intensidade de uma vida. Onde, pois, é mais intenso o sentimento, maior é o soffrimento, e mais profundamente vivida é a própria vida.

E, talvez inspirado nesse criterio da vida como expressão de sentimento, foi que Paul Bourget, em *L'eau profonde*, escreveu estas palavras, palavras que envolvem uma das mais puras e nobres sentenças da justiça humana: *ce ne sont pas les actes qu'il faut juger, dans la vie, ce sont les coeurs.*

E', assim, com essas divagações preliminares sobre o sentimento e sobre o criterio de uma justiça, chamada a julgar os corações e não os actos, que respondo á tua carta, Boneca, á carta em que a tua mãozinha nervosa e inquieta traçou a angustia de teu pequenino coração, afflicta — dizes — que estás, sem saber como julgar certas attitudes, "chocantes e contradictorias", do teu Principe Encantado. E appellas, recorres para mim, para a minha "argucia" de psychologo, como se, de um modo geral, a visão psychologica de todos nós não respondesse tão somente ás inspirações do nosso "caso particular". Por isso mesmo um psychologo escreveu que ha occasiões em que nós — os psychologos — somos como os cavallos: tomamo-nos de inquietação porque vemos nossa propria sombra a balançar-se deante de nós. E aconselhava que o psychologo deveria fazer abstracção de si proprio para ser capaz de ver, porque, a não ser assim, *tout coup d'œil se change alors en "mauvais œil"*.

Attendendo, pois, a que um bom psychologo não deve ter consciencia senão da "generalidade, da conclusão, da resultante", sem se preocupar com as "deducções arbitrarías do caso particular" — do teu "caso", por exemplo — é que ponho deante de tua alma, inquieta

e afflicta, aquella profunda sentença do autor de *Cœur de Femme*. Não são os actos que, na vida, se devem julgar e sim os corações... Inspira-te nella, sempre que te perderes no intrincado labyrinth dos... actos de teu amado, e julga-lhe o coração... Se é que se possa julgar o coração de alguém...

Sê, porém, mulher, sobretudo, muito embora te afastes do ideal feminista contemporaneo. Mulher, cuja *personalidade, independencia e força* estão no querer e saber pertencer a outro. Porque, somente assim, o amor triumpho. E não te esqueças nunca de que, na vida, como nos dramas, o que vence "não é o racional, mas o passional, não é a dureza, mas a generosidade; não é a força, mas a fraqueza."

Sê sempre mulher como aquella meiga e amorosa Solveig, do *Peer Gynt*, de Ibsen:

Peer Gynt — Agora fala-me, dize-me — tu que o sabes — onde tenho estado eu como homem, como o verdadeiro homem?

Solveig — Na minha fé, ra minha esperança, no meu amor.

Peer Gynt — Minha mãe, minha mulher, oh tu, innocente e pura creatura, esconde-me, esconde-me no teu amor!

Solveig — Dorme, oh carissimo filho do meu amor, que eu velarei por ti!



NO carnaval as paulistas são mais lindas... porque sorriem com mais graça. Si a mulher tivesse alma, esta seria o seu sorriso...

BONECA NA AVENIDA

O ar de "spleen", de tédio, de revolta e de tristeza, que tanto vinha alterando as feições da cidade com a impertinencia irritante dos ultimos aguaceiros, acaba de se desfazer com os dias claros, cheios de sol, que trouxeram, de novo, á terra carioca a alegria e o bem estar. A cidade voltou a sorrir, a ter para todos os seus subditos o seu illuminado e fascinante sorriso, através dos labios vermelhos de Boneca. A Avenida, a Ouvidor, as ruas em que passeia e estadeia a elegancia da terra, apresentam-se movimentadas, exhibindo lindas e galantes silhuetas de *Pou-pée*, e, tambem, muitas outras coisas bizarras, coisas e... gentes.

O *grand guignol* da Avenida, então, nestes ultimos dias, tem sido encantador. Marionettes e polichinellos — toda a numerosa *troupe* da galanteria e da elegancia, do *fashionable* carioca — cruzam, irrequietos, sorridentes e mesurosos, a grande arteria central.

E os "numeros"! Os "numeros" e *les petits faits*

dão logar aos mais curiosos, interessantes e maliciosos commentarios.

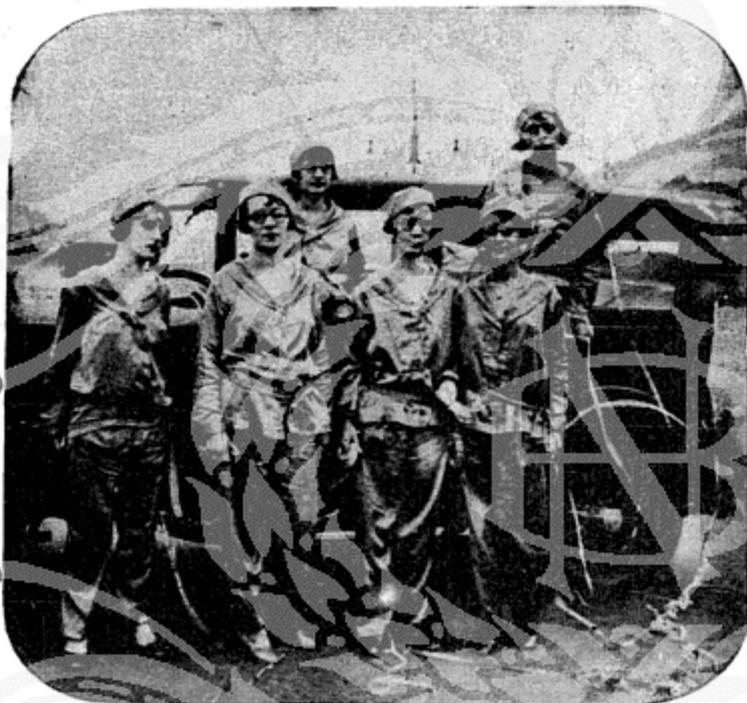
Foi o que aconteceu com uma linda *poupée*, ainda hontem, quando, garbosa, a pisar como uma rôla medrosa, o passeio da Avenida, vinha tão leve e tão *souple*, no seu finissimo traje de verão, que parecia vestida de... sol.

Um "perverso" não se conteve, no seu entusiasmo, que não dissesse, alto, para o companheiro:

— Vê, como ella vem linda, vestida de Raio X!...

ESTRELLAS CADENTES

O caso, á primeira vista, parecerá mentira, mas é verdadeiro: um regente de orchestra a dirigir uma marcha funebre para, ao terminar, cabir fulminado. Foi o que aconteceu, ainda ha pouco, em Steken, com



DIZEM que este foi o «Bluco da Tristeza» — mas só emquanto «ellas» faziam pose...

o compositor e musico de grande talento, M. Van Hove de Saint Paul, quando dirigia uma orchestra nessa localidade belga. Soffrendo, ha tempo, de uma affecção cardiaca, o maestro Van Hove sentiu-se, bruscamente, indisposto, na occasião do concerto, e, tendo um verdadeiro presentimento de sua morte, quebrando o programma do mesmo, deu ordem aos musicos para tocarem uma marcha funebre. Estes protestaram, estranhando a idéa bizarra de atacarem uma marcha funebre num dia de festa e de alegria. Mas, o maestro, insistindo, deu, de novo, a ordem formal para ser atacada a partitura, que a sua batuta dirigia. E, mal as ultimas notas da marcha funebre eram feridas, quando os espectadores, pasmos, viram que a batuta lhe cahia das mãos, enquanto o maestro, desfallecendo, cahia, por sua vez, para não mais se levantar... Morrera no seu posto, morrera ao som da marcha funebre por elle proprio dirigida...

SORRINDO...

Não só quem tem ouvido "capaz de ouvir e de entender estrellas" poderá comprehender os grandes mysterios do amor... Todas as coisas, na vida, mesmo as mais materiaes, têm sua alma e sua expressão propria de sentimento. Os automoveis fonfonam e tambem falam, e têm a sua historia, o seu segredo.

E trocam idéas e recordam factos entre si. Foi o que tive de observar, ainda um dia destes, ao entrar numa "garage" silenciosa, cheirando a gazolina, com o seu chão negro de oleo...

Lancei um olhar perscrutador em roda de mim, e, ao lado de um fino e fidalgo Chrysler Imperial, polido e luzidio, elegante e impeccavel no garbo das suas linhas, descobri, abandonado e coberto de poeira, um outro, velho e bolorento carro dos primeiros dias do automovel.

E conversavam os dois, como antigos conhecidos, um a relembrar os tempos do seu fastigio, outro a decantar as suas façanhas de "querido" das mulheres modernas.

— Escuta — dizia o velho carro — invejo-te sempre que saes á rua, eu, que, ha annos, vivo aqui solitario e esquecido. No entanto, tenho a minha historia, tive a minha época de esplendor.

— Conta lá a tua historia — diz-lhe o Chrysler, superiormente. Desabafa commigo, que isso é sempre uma consolação...

— Obrigado. Ouve lá. Ja ha muitos annos fui adquirido, um dia, por um senhor rico, aqui da terra, e pae de teu actual patrão. Tratavam-me muito; zelavam-me desveladamente. E, de vez em vez, os dois — o senhor e a senhora — confiavam-me ás mãos seguras de meu guia, e ganhavamos estas ruas, a passear... Iamos á casa de um amigo, quando a senhora, só, não sahia para as suas compras. Os olhares de desejo que me botavam! Como eu era apreciado!

Afóra esses passeios, levava o patrão, diariamente, ao escriptorio e, raramente, os dois ao theatro. Ao chegar, novos cuidados, nova limpeza, e recolhiam-me a esta "garage".

— E aventuras? Tuas aventuras?

— Aventuras? Que aventuras?

— Ora! o tolo! Tuas aventuras de amor! Os beijos ardentes trocados dentro de ti, as scenas que observaste, os passeios discretos, fóra da cidade, cortinas cerradas, etc.?

— Ah, não! No meu tempo não havia nada disso. Meus patrões eram de uma austeridade a toda prova e nunca tive de córar de vergonha...

— Córar de vergonha! Como és ingenuo, simplorio e passadista, camarada! Tu — está se vendo — és *vieux jeu*. Estás fóra da moda.

— *Vieux jeu*?...

— Sim. Não digo: sequer não sabe o francez! *Vieux jeu, oui, mon vieux*. Quer dizer — uma coisa, um traste, á antiga, que não tem mais razão de ser na vida moderna. O auto, o auto, hoje, é coisa muito diferente. O typo preferido é assim como eu — o Chrysler de luxo, querido de todo mundo. Para onde te vires me vês, ás centenas, aos milhares, enchendo a vida de conforto, de alegria, de agitação e de febre. Todos me desejam, todos me procuram. E isso não só porque technicamente sou, no meu genero, o prototypo da perfeição, como por outras qualidades que possuo, como ser silencioso e discreto. Tu, ao que vejo, sempre foste barulhento e linguarudo...

— Eu, linguarudo? Barulhento, vá. Linguarudo é que não!

— Ora! quem foi que começou a falar? Eu ou tu?

— Sim, eu. Mas não te zangles, camarada. Ando tão fóra do mundo... As ultimas vezes que ainda sahí era só para levar os meninos ao collegio, inclusive o teu actual patrão...

— Está bem. Vou contentar-te a curiosidade. Vaes ver para que serve um automovel *ernier cri*, como me orgulho e ser, ens visto como me tratam aqui entro. "Chauffeur" enluvado, uniformizado, a rigor,

para gular-me, quando não o fazem o senhor ou a senhora, habéis motoristas ambos.

A senhora! A senhora, então, é um encanto, uma delícia de mulher. Tem uns gestos macios de gata quando se entrega, perfumada e lindamente vestida, á carícia dos meus almofadões. Noto que ella se sente bem, feliz, dentro de mim. E nisso está a minha maior alegria. O meu Chrysler! Com que entusiasmo ella não se refere a mim e aos bons e leaes serviços que lhe presto!

— Deve ser uma delícia! Um fardo assim, leve, cheiroso, vaporoso! Quem me dera estar no teu logar...

— Ora, não sabes de nada. Vou contar-te um caso, mas, desde já, peço-te absoluta reserva. Se o patrão sabe, é capaz de haver uma tragedia!...

— Conta lá. Serei discreto.

— Uma tarde destas — fazia um lindo sol — madame veiu ver-me. Estava encantadora. Fiquei tonto. Aboletou-se, botou-me o motor a trabalhar e sahimos em direcção á Tijuca. Adeante, ella me faz parar e alguém entra. Um moço, que eu conhecia de vista, e que é patrão de um Chrysler igual a mim. Acceleram a marcha. De vez em vez ouço a musica de um beijo. Estamos em plena Tijuca, nas Furnas mesmo. O mais, adivinha... E o patrão não soube — porque elle tambem tem confiança em mim, uma confiança cega, na minha segurança, no meu silencio e no meu bom senso...

— Que belleza! E eu que nunca tive o prazer dessas aventuras!...

— Ora, camarada, a vida é assim mesmo. Tu vieste ao mundo em tempo ruim, e passaste quasi desconhecido. Eu, não. Tive mais sorte. E a minha fama é um facto. Sou a menina dos olhos das mulheres, casadas ou solteiras, e o enlevo dos homens, que sempre fazem o que elles querem.

— E's feliz, camarada Chrysler, muito feliz mesmo.

— Escuta: para ti ainda ha uma consolação. Tenho pena do abandono em que vives, alheado das coisas do mundo. Para consolar-te, de hoje em diante sempre te contarei as minhas aventuras. E riremos e gozaremos ambos, *mon vieuz*.

POMBO-CORREIO

Renunciar? Será que renunciar é sempre signal de fraqueza? Porque eu, apesar do muito que te amo, apesar de não mais comprehender minha vida sem o seu raio de sol, que és tu, sem a sua consolação, que tambem és tu, sem a sua razão de ser, emfim, que ainda és tu mesma, tenho de renunciar á realização do sonho de felicidade que tanto vinhas alimentando, talvez tão só para satisfazer a tua vaidade de mulher.

Por mais que te abra a alma e te abra meu coração; por mais que te faça sentir e ver que te quero com um amor *fort comme la mort*, um amor feito de dedicação extrema e de extrema solicitude, de sinceridade e de carinho, tu não respondes ás mais ternas solicitações de minha alma e de meu coração.

E' que eu não sou a tua alma, nem o teu coração — a alma e o coração que, um dia, procurarás, como eu te procurei, e que, talvez, não te comprehendam e não te ouçam, como tu não me comprehendeste nem me ouviste. Porque o destino é, assim, sempre cheio desses contrastes: as almas e os corações vão passando pela vida, sem se comprehendem. E, raros,

bem raros, são os que têm a felicidade de se entender. Felizes os que se encontram e se entendem e ai daquelles que se encontraram, mas não se entenderam... como eu, como tu, talvez...

SEARA OLHEIA

De Goethe:

Só é digno de viver o homem que não se busca a si proprio.



Si não fossem «ellas», que seria do nosso carnaval molhado e sem os seus quatro prestitos?

PETIT-BLEU

Dizes que me queres, que eu sou o teu amor, e, no emtanto, sinto-te tão longe, tão longe de mim. Parece que te fazes um éco, o éco das vozes de todas as mulheres que falaram de amor e que, realmente, nunca amaram. Falavam por falar, por simples necessidade de manter o prestigio e o encanto da sua eterna fascinação sobre os homens. E tudo que fascina tem alguma coisa de sortilegio, de mentira. Perdôa-me, se *non é vero*...

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

EM dias da semana do carnaval, quando eu já havia dado as ultimas pinceladas ás "sombbras chinezas" do numero anterior de FON-FON, chegou-me ás mãos, com surpresa, uma carta de Melindrosa, não da Melindrosa que amo — dizia — mas de uma outra que ainda viria a amar...

Fiquei, a principio, desconfiado e, por isso ou por aquillo, me puz logo de sobreaviso. Carta de mulher, falando de amor, carta de... Melindrosa... O caso era sério, sério e grave e complicado.

Virei e revirei o envelope, onde uma bella letra, talhada fina e delicadamente, traçara este endereço: "Esau (Sombbras Chinezas), rua Republica do Perú", etc.

Não haveria engano? Seria para mim mesmo, Esau — o de olhos da cor do mar — ou para Jacob, meu irmão de olhos negros como as noites sem lua da nossa terra?

PASSEI-A a Jacob. Abre-a — disse-lhe. Talvez seja para ti. Jacob abriu-a, leu-a, sorriu e deu-m'a, novamente. — E' para ti, Esau... Arranja-te com "ellas". Bem que te preveni. E esta já é uma outra... morena. Melindrosa, e morena... se não tiveres juizo, muito juizo, estás "frito".

— Eu, "frito"? E por que, não me dirás?

— Já provaste um jambo?

— Já...

— E é bom?

— E'.

— E cheiroso?...

— A' bessa!

— E esqueciste o cheiro e o gosto do jambo?

— Não. Nunca. Sempre que delle me lembro, me vem agua á bocca...

— Pois assim são as melindrosas morenas... Tal qual um jambo, um jambo com o seu sabor e o seu perfume de fructa sylvestre, de fructa da nossa terra.

— Tu já saboreaste um "jambozinho" assim, hein Jacob?

— Não, porque tive medo, e livre-me, a tempo, da tentação... Mas, lê a carta.

E comeei a lêr, cada vez mais intrigado e mais desconfiado: "Segunda-feira, 4 de fevereiro. Esau: Quem te escreve hoje é Melindrosa, não aquella que tu amas, mas... esta que talvez venhas a amar. Que te parece, Esau, esta fran-

o coração na mão (não o que trago na bocca): — por que é que uns olhos verdes que me amavam, já não se voltam mais para mim? Porque é que elles buscam outros olhos castanhos, mais feios do que os meus? Que fiz para merecer tão cruel abandono, se era amada e amei tambem?"

O caso, como vêem, começa a complicar-

Responder? Responder o que e a quem, se as Melindrosas são tantas e tão parecidas?...

E essa que eu já amei, que já palpitou e brilhou na minha pupilla verde (como "ellas" são pretenciosas!) não passará, por certo, de um jambo, como diz o Jacob, mas um jambo sem perfume, fructo do carnaval...

MAS, positivamente, a minha Melindrosa morena não tem cabeça, cousa, aliás, nada estranhavel, tratando-se de mulher... Pois não é que, depois de cantar o seu "samba" de falsa Pierrette, não remata a sua carta com este final de acto de dramalhão passadista: "Sê franco e não te assustes quando souberes que Melindrosa deu um tiro nos miolos (se é que os possuc...)"

Uf! Respiro. Ainda bem que ella propria duvida da existencia de seus miolos!...

"Ella (melindrosa) não quer que os olhos verdes percama a sua reputação de trahidores. Imagina que triumpho!... Melindrosa matou-se por... amor. Que tal?"

Melindrosa é mesmo doícinha varrida. Peor, muito peor do que eu que, graças a Deus, ainda sei onde tenho a cabeça.

Aliás, isso é antes um mal do que um bem. O homem verdadeiramente feliz é o que sabe fazer absoluta abstracção de sua cabeça, vivendo sem pensar, guiado tão só pelo instincto e pelo coração, pela fome e pelo amor.

Si eu não tivesse cabeça não estaria, agora, a dar tratos á bola, preocupado com essa linda (o "diabinho" só poderá ser linda) Melindrosa morena, de pelle cor de jambo — ella propria um jambo, que seria um "succo" se não fosse falso, artificial, como é, em geral, (sem malicia) por dentro e por fóra, toda Melindrosa...

ESAU E JACOB



Que bom, si o carnaval durasse o anno inteiro!...

queza, algo, ou, antes, bem pretenciosa?..."

Hum! Franqueza de Melindrosa... "Se tiveres o dom de adivinhar, verias tanta cousa boa no coração de Melindrosa."

Jacob parece que tem razão: já me vem cheirando a jambo a querida Melindrosa morena... com as cousas boas que ella quer que eu adivinhe...

"Mas, já que tu não adivinhas — diz ella — é preciso que eu tenha coragem e te diga com

se como tudo em que ha mulher no meio. Mas, em pleno carnaval, essa pieguice de Melindrosa, travestida de Pierrette, certo que não passará de pilheria.

"Vamos, Esauzinho (Esauzinho! vejã lá que tentação, digo commigo mesmo) não me fites assim tão piedosamente, como quem diz: pobre Melindrosa, que começa a sahir da moda... e responde sem maldade, porque espero tua resposta."



SENHORITA MARIA JOSEFA BARNET

Em Paris, onde se encontrava ha tempo, veio a fallecer ultimamente, a senhorita Maria Josefa Barnet, irmã do sr. dr. J. A. Barnet, illustre ministro plenipotenciario de Cuba junto ao nosso governo e uma das figuras mais representativas do corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado.

A senhorita Barnet era um delicado espirito de mulher, intel-

ligente e culta, possuidora de excelsas qualidades de coração, e, pela sua esmerada e fina educação, logo conquistava, nos altos circulos sociais em que vivia, as sympathias e a admiração de quantos della se aproximavam.

O seu prematuro desaparecimento causou, assim, a maior consternação, não só no seio de sua digna e distincta familia, mas tambem entre as pessoas de suas relações de amizade.



GRUPOS de paulistas que brilharam, com suas fantasias luxuosas e sua graça rutilante, nos bailes da

Associação dos Empregados no Commercio, do Club Excelsior e do Club das Perdizes.



PAINEL DE AZULEJOS

A RADIO-LOUCURA

A radio-loucura já existe. Já foi oficialmente comprovada. E quem tem alto-falantes nas proximidades de sua casa ha de convir que não tardou muito...

Noticias da Nova Zelandia, que é hoje uma das terras mais adiantadas do mundo, contam o apparecimento da radio-loucura. Perante o jury de Auckland, capital daquella ilha, compareceu um individuo accusado de ladrão. As testemunhas que depuzeram á barra do tribunal fôram-lhe favoraveis, declarando que o réo padecia do juizo, devido á sua mania pelo radio.

Afim de ficar bem patente esse facto, apresentaram-se ao mesmo tribunal provas de que o accusado não era, na Nova Zelandia, o unico que soffria das faculdades mentaes pelo mesmo motivo.

O juiz néo-zelandês absolveu o ladrão e deixou consignada em acta a constatação official da loucura pelo radio.

Quem tem altos falantes na vizinhança de sua moradia que fale...

A CHINESA QUE SE VENDEU

Uma chinêsinha de Shanghai, chamada Pan-ly-tsé, estava numa quebradeira rôxa e resolveu vender-se. Encontrou um admirador entusiasta de seus encantos que lhe deu oitenta dollars por elles: seiscentos e quarenta mil réis. A somma não era grande e durou pouco. A pindahya voltou com peor cara e a rapariga celestial decidiu vender-se pela segunda vez. E arranhou um preço menor, de liquidação...

Mas o segundo comprador descobriu que o seu direito de propriedade estava prejudicado pelo do primeiro e levou o caso á côrte mixta de Shanghai.

Este tribunal pronunciou a seguinte sentença: "Pang-ly-tsé tinha o direito de vender-se; porém, desde o dia em que fez isso, ficou sendo propriedade daquelle que a adquirio legalmente, somente podendo libertar-se, indemnizando-o. Vendendo-se a outro homem, a ré roubou o que pertencia ao seu primeiro dono. Seis mezes de cadeia."

Deante desta condemnação, o primeiro occupante decidiu ceder seus direitos ao segundo mediante



Regina Maria é a galante filhinha do casal Alexandre Cardoso Filho.

pequena somma. E a chinêsinha ficou livre...

Por aqui ellas se vendem quantas vezes querem e não pertencem a ninguem...



Maria da Penha Fonseca e Hermiana Carvalho, duas amiguinhas inseparaveis. São de Campos.

O ATTESTADO DE GOETHE

Tendo o grande Goethe despedido sua cozinheira, esta pediu-lhe um attestado e o autor do Fausto deu-lhe o que se segue:

"Carlota Hoyer serviu durante dois annos em minha casa como cozinheira e é, ás vezes, attenciosa, cortez e até divertida. Porém, a inconstancia de sua conducta acabou por tornar-a insupportavel. Ordinariamente só faz o que quer e tempera á sua vontade. E' recalcitrante, importuna, grosseira e faz perder a calma áquelles que têm de dar-lhe ordens. Inquieta e maliciosa, detesta os outros criados e faz-lhes a vida impossivel. Finalmente, além de outros defeitos, tem o de espreitar por traz das portas."

A ANECDOTA INGLEZA

O grande politico inglez Fox vivia sempre devendo por causa da sua vida desorganizada. Certa vez, estava contando uma porção de moedas de oiro, quando lhe appareceu um credor e apresentou-lhe um titulo de divida por elle proprio firmado.

—E'-me impossivel pagar-lhe hoje, respondeu Fox, pois este dinheiro que você está vendo devo entregar a Sheridan, com quem contrahi uma divida de honra.

O credor rasgou o documento e replicou:

—Sr. Fox, agora somente tenho para prova da sua divida a sua palavra de cavalheiro. E' tambem uma divida de honra.

—Certamente, concluiu o estadista inglez, e vou pagar-lhe já o que lhe devo. Pedirei a Sheridan para esperar, porque a divida delle é menos antiga...

CORAÇÃO ABERTO

A ultima producção litteraria de Rodrigo Octavio, o eminente jurista que o governo elevou á Suprema Magistratura, praticando um grande acto de justiça, tem o titulo acima. E' um livro de reminiscencias interessantes, de curiosas paginas vividas, um livro de saudades, bello pela singeleza da sua linguagem e pela sinceridade do seu sentimento. Livro de verdade e de vida na emoção e na forma.

DOM CARLOS.



NA sala das sessões do Conselho Nacional do Ensino, foi solenemente inaugurado, sábado ultimo, o retrato do conde de Affonso Celso, antigo professor e reitor da Universidade de

FILIGRANAS

Rodopiava a loucura carnavalesca sob a neblina teimosa e fria pelas ruas afóra. Gritos, uivos, gargalhadas, pandeiros, réco-récos, maracás, za-

bumbas. Estrepito e alvorogo. Farandolas de mascarados que passam com o seu grasnido em falsête. E, no meio do carnaval que late e gane, esurma e assobia, ri e

canta, a minha serena tristeza caminha silenciosa.

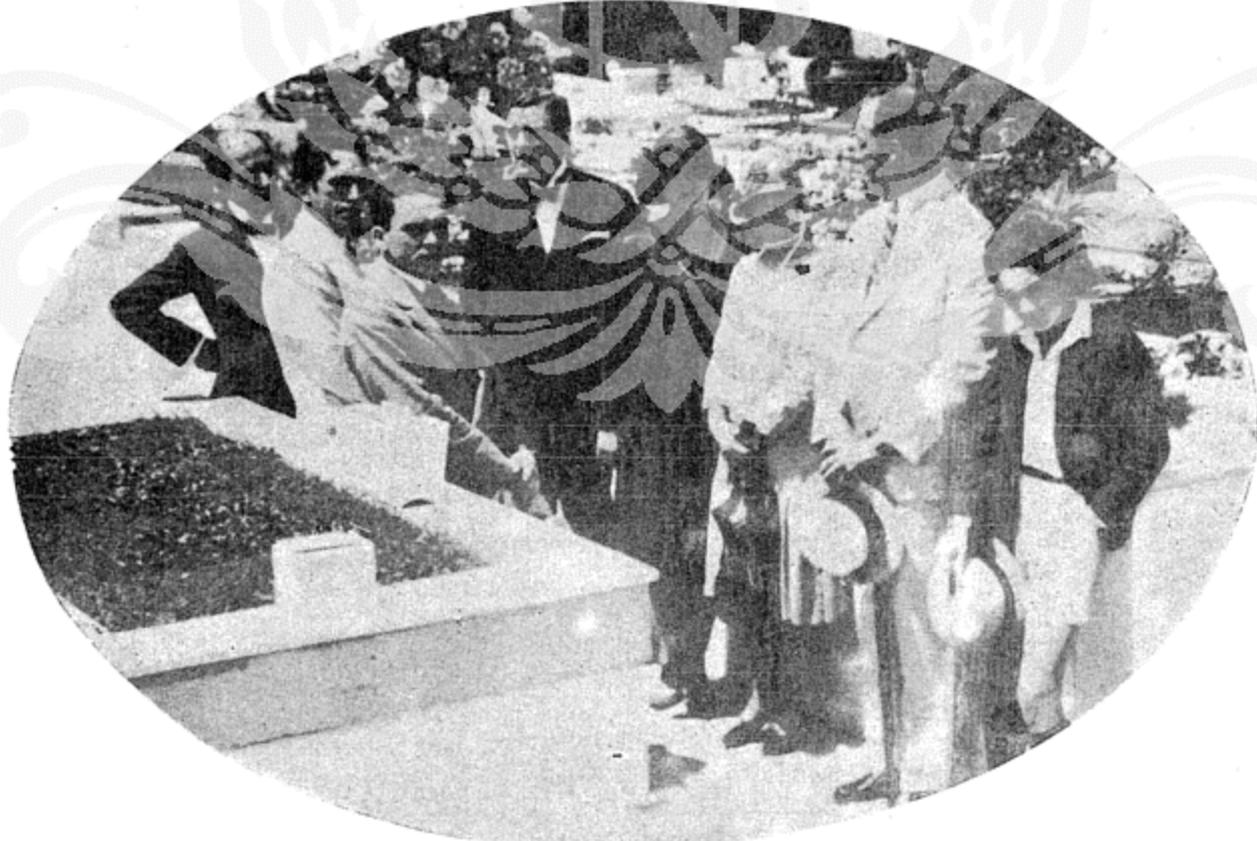
Um dominó negro segura-me o braço.

— Então, não sabes viver? pergunta-me.

Rio de Janeiro. A cerimonia teve a presença do dr. Aloysio de Castro, director do Departamento do Ensino, e de outras pessoas gradas, além do homenageado.

— Tu vivo para dentro de mim e não para fóra, respondo.

E o dominó, desconcertado, perde-se na multidão...



GRUPO feito no cemiterio de S. João Baptista, em volta do tumulo de Osorio Duque Estrada, erigido pelo joven e brilhante escriptor paulista Edvard Carmilo á memoria de seu amigo, com a somma que recebeu da Academia Brasileira como premio de seu livro «Fim da Primavera». Vêm-se, além da senhorita Yedda Chialotto, enteada do fallecido, duma sobrinha e dum sobrinho do mesmo, o nosso companheiro Gustavo Barroso, secretario geral da Academia, que representou a presidencia dessa instituição, e o escriptor Edvard Carmillo, na cerimonia, pronunciando o discurso official; academicos Aloysio de Castro, Olegario Marianno e Luiz Carlos, e o escriptor Povina Cavalcanti.

SONHOS DO HASCHICH



MANHÃ de luz, manhã de sol, de azul e de esplendor...

O verde claro dos morros, banhados em cascatas d'oiro rutilante que lhes escorrem pelas encostas caprichosas, se recorta além. esmeralda magnifica embutida na madreperola do firmamento.

E o mar attrahe e deslumbra, o mar fascina e entonteece com as chispas multiplas irrequietas, incessantes, que nas arestas das ondas palpitam e scintillam, flôres coruscantes de fogo a desabrochar e feneecer num segundo, estrellas cadentes do liquido abysmo, illusorios diamantes de um eserinio encantado. A immensa oscillação da agua incendiada parece o concavo monstruoso e offuscante de um espelho de crystal cujas facetas magicas concentrassem e fizessem explodir em raios delirantes todo o fulgor do sol...

Manhã ébria de vibração e de alegria, manhã entre todas gloriosa!

Vem, querido!

Acorda... Abre teus grandes olhos, jaulas doiradas onde aprisionaste a pura luz da tua alma...

Ergue-te, e vem...

Não vês como o dia é claro, não sentes como a brisa do mar é fresca e saudavel, como é doce o halito das flores apenas despertadas?...

A hora que passa é transparente e sonora como uma amphora preciosa da antiga Bohemia...

Vem... Inebriemo-nos com esta scentelha da Eterna Belleza.

Já se foi a noite longa e triste, a arrastar lentamente pelo sólo seus funebres veus...

Escorreu já na amphuleta a amarga areia da magua e da solidão...

A terra inteira se ergue fremente como o enfermo do seu leito de dôr quando a saude o beija nas faces maceradas...

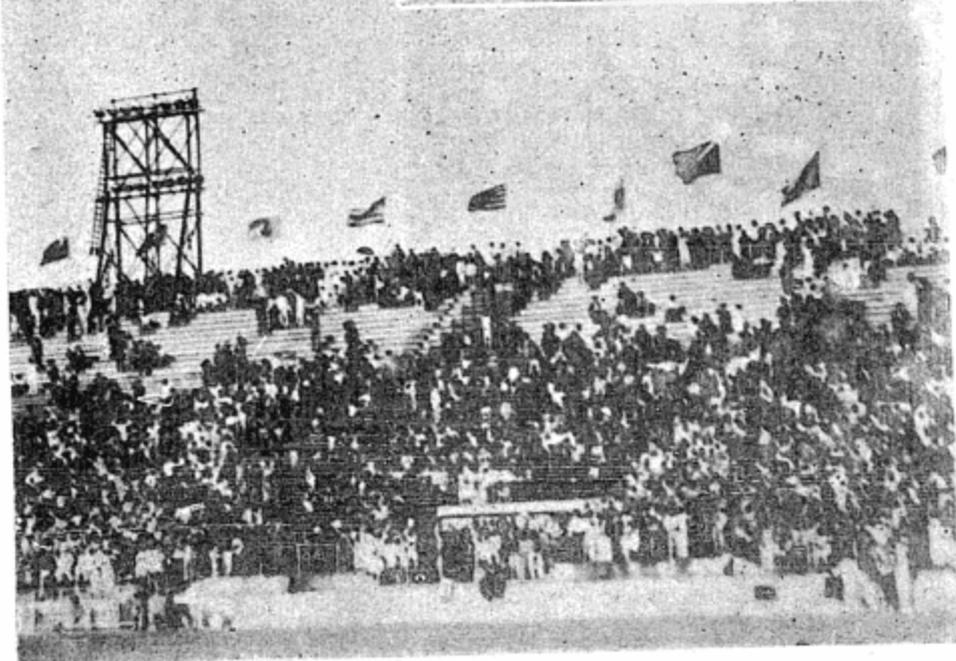
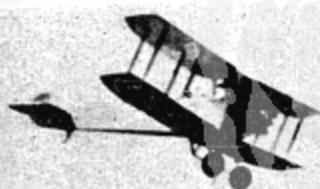
Vem!... Não vês, não sentes a vida que estúa triumphante no infinito do céu e no atomo da poeira?

Vem, que a vida do Universo tambem se chama Amor!





BRASILEIROS
E
URUGUAYOS



OS footballers uruguayos do Rampla Juniors enfrentaram, domingo passado, no «stadium» de São Januario, os jogadores brasileiros do «scratch» da «Amea», que actuaram magnificamente, offerecendo brilhante resistencia aos seus valorosos adversarios.

• • •

LIVROS

Não existem livros mo-
raes ou immoraes. Ha li-
vros bem escriptos e li-
vros mal escriptos. —
OSCAR WILDE.

CYNICO

Que é um cynico? Um
homem que sabe o preço
de todas as coisas e o va-
lor de nenhuma. — OSCAR
WILDE.



NÃO tratarei aqui, debaixo deste titulo, das distrações da cidade, como sejam os theatros, cinemas e outras diversões.

O Rio, malgré tout, ainda é uma capital moderna com poucos theatros e poucos logares de recreio para a gente cultivada.

Falarei das outras distrações, as da gente que pisa nos callos do proximo, que nos dá encontrões nas ruas, que entra nos bancos de vehiculos em que a lotação está completa — emfim, distrações que prejudicam e que são sempre seguidas da phrase sacramental “queira desculpar”, a qual, se não traz ao paciente o allivio para o mal acontecido, pelo menos evita o castigo merecido pelo distrahido.

A distração e o descuido são filhos de uma educação deficiente, ou nulla. Ha até uma classe de ratoneiros, ladrões que se aproveitam do descuido e da distração de um individuo para lhe surriarem objectos.

Na sua gyria, os ladrões chamam a essa classe “descuidistas”

Ha, entretanto, uma classe de gente que, não sendo de ladrões, bem poderia ser chamada de “descuidosos”.

São aquelles que, por distração ou descuido, cpanham nos cabides dos barbeiros o nosso chapéo novo e nos deixam o seu velho e venerando chapéo ensebado; são aquellas que, nos vestiarios dos clubs e nas soirées de sociedade, sdem com echarpes e manteuax com que não entraram; são aquelles que nos pedem lume para o cigarro e guardam nossa caiza de phosphoros, etc.

Um amigo meu entrou em um café, certa vez, e, em vista de se acharem repletas as mesas, pediu licença a um cavalheiro e sentou-se á mesa em que esse se achava.

O cavalheiro havia já tomado o seu café e o meu amigo se fez servir de um guaraná.

Emquanto deixava baixar um pouco a espuma do liquido, o meu amigo olhava para uma outra mesa, sob a qual havia um bello par de meias de seda.

Voltando ao guaraná, viu, com espanto, que elle descia rapidamente pela gueta do cavalheiro.

Baixando o copo, o homem olhou para a cara espantada do meu amigo e, levantando-se, com ar atrapalhado, balbuciou:

— Mil perdões, cavalheiro! Que distração medonha! Eu... eu... eu...

DISTRACÇÕES...

— Não se incomode; está desculpado. Garçon, outro guaraná e outro copo!

O distrahido eclipsou-se.

Ao terminar, o meu amigo perguntou ao rapaz:

— Quanto é isso?

— Dois mil e seiscentos.

— O guaraná está mais caro?

— Não, senhor; são dois guaranás e um café.



Zilah e Nézlina são duas leitoras de FON-FON, residentes em Barra Bonita, e que, honrando com a sua graça o nome de sua linda terra, ensaiam, fidalgamente, um passo de minueto, numa festa de caridade que ali, ha pouco, se realizou.

O meu amigo não se senta mais em mesa que esteja occupada...

Pagar o bonde com uma cedula maior que a de dez tostões é tentar distrahir o conductor; distrahir-se ao ponto de confundir a perna da vizinha de banco com o balaustre do bonde, é perigosissimo; para o homem casado a distração ao ver a hora no relógio pôde levar-o a chegar á casa depois do padeiro.

Das distrações nascem males terriveis, que o “queira desculpar” não remove nem attenúa.

O feijão queimado, por exemplo.

Factor da confusão, o descuido acaba por deixar mal não só o victima do descuidado sinão tambem a elle proprio.

Havia, em certa repartição publica, um empregado que era o prototypo do distrahido; o homem andava sempre de nariz ao ar e o

seu serviço era sempre mal feito devido á sua doença. Um dia, elle tinha que enviar um officio ao director da Saúde Publica, e, distrahido, como era, escreveu:

— Illmo. sr. director da Saúde e Fraternidade.”

E assignou!

Outra vez, não compareceu á repartição, e o chefe, no dia seguinte, o recebeu com a repri-menda engatilhada:

— Então, o senhor, sabendo que ha premencia de serviço, faltou hontem!?

— Perdão, seu chefe; foi por distração. Imagine o senhor que móro no Engenho de Dentro e, como de habito, vim pela estrada de ferro; ao saltar na Central, entrava muita gente ao mesmo tempo que sahia e desse modõ eu me distrahi, metti-me no meio da gente que entrava e, convencido que eram horas de voltar do trabalho, regressi á casa!

O chefe, para não se distrahir, “botou-lhe o dia abaixo”, marcou a falta no mesmo momento.

No tempo em que havia ainda a negra nódoa da escravidão no Brasil, um parocho do interior foi a uma fazenda e fez notar ao fazendeiro que havia falta de catholicismo nella, visto como nenhum dos pretos d’alli havia procurado a igreja para se confessar.

O fazendeiro fez ver ao padre que tal não se dava, porque elle, como toda a gente de sua fazenda, era catholico e o proprio nome da sua propriedade, “Fazenda da Santissima Trindade”, dizia bem do ardor religioso dos seus habitantes.

— Está bem — fez o padre; — mande-me, porém, essa gente, para eu verificar o seu gráo de preparo.

— No dia seguinte, o fazendeiro chamou um preto velho e disse-lhe:

— João, você vá com o Chico e com o moleque Bento á igreja para dar cathecismo ao padre Onofre.

— Sim, sinhó, meu sinhó!

No dia seguinte, o João, (que era um grande distrahido) se apresentou com os dois outros escravos ao padre.

Este dirigiu-se ao “pae João”, que olhava distrahidamente para os dourados do altar, e perguntou-lhe:

— Quem são as pessoas da Santissima Trindade?

— Seu padre; é eu, pae Chico e esse murequinho que tá ahí!

Companhia Italo Brasileira de Seguros Geraes

NOVA INSTALAÇÃO DA FILIAL DA COMPANHIA ITALO BRASILEIRA DE SEGUROS GERAES

Capital Rs. 5.000:000\$000 inteiramente realizado



FUNDADA em Abril de 1921, com o capital social de Rs. 5.000:000\$000, inteiramente realizado, desde 1923, por diversos proeminentes elementos entre os quaes se destaca o primeiro Presidente da Companhia, o Conde Alexandre Siciliano que todo o Brasil conheceu e admirou pelo seu descortino commercial e industrial posto de uma feita até em serviço da valorisação do café brasileiro; o conhecido e eminente Dr. Alvaro de Carvalho que desde a fundação da Companhia exerce o cargo de seu Vice-Presidente e outros vultos do commercio e da industria paulista.



A Companhia Italo Brasileira veio, com a sua fundação, revolucionar a industria de seguros no Brasil com o desenvolvimento de suas operações simultaneamente no ramo de fogo, maritimos, ferroviario, vida, accidentes pessoaes e responsabilidade civil.

Com tarifas modicas de premios para seguros de vida, e com os mais modernos e engenhosos planos a Companhia Italo Brasileira conseguiu conquistar preferencias que mais foram se avolumando ao ponto de tornal-a, como é, uma das Companhias de Seguros mais procuradas.

Possue actualmente em franca actividade Filiaes, Agencias e Sub-Agencias em todo o Brasil, além de uma Filial na Italia com Sede em Milão onde a Companhia tambem opera.

A Filial do Rio de Janeiro está sob a direcção dos provecos e laboriosos Srs. Vicente A. Botelho e Zozimo Bastos, abalisados technicos em seguros, por isso que vão desenvolvendo com intenso progresso as referidas carteiras.



OPERA EM SEGUROS DE VIDA, INFORTUNIOS, RESPONSABILIDADE CIVIL, TRANSPORTES E FOGO

A Filial do Rio de Janeiro da Italo Brasileira acha-se installada á

**Av. Rio Branco n. 143 - 2. andar
Telephone Central 3627**

Caixa Postal 501

MULHER!

(FREDERICO BOUTET)



— S ACÓRDES do jazz e as evoluções dos bailarinos acabavam de cessar para um breve descanso. Sentada ao lado do grande piano de cauda, Cecilia Lefanc falava com Joannita Voul-tier, em casa de cujos paes se realizava a festa.

— Bôa noite, coração! — disse Joannita. — Como vieste tarde!

— Oh! Ha momento que cheguei. Algumas pessoas me detiveram. Quanta gente! E' um successo a festa. Allás, como sempre, em tua casa... Acabo de encontrar, no outro salão, com esse pobre Pedro Avelino.

— Que te disse elle?

— Absolutamente nada. Creio que nem sequer me viu. Não via nada... Pareceu-me que havia lagrimas em seus olhos.

Joannita fez um gesto com os hombros.

— E' cacete... Não pôde imaginar como me aborrece com suas declarações, seus suspiros, seu ar de apaixonado sem ventura...

— Esse pobre rapaz não tem culpa de te amar... Por que és tão linda?

— Imagina que ha dois annos não me deixa em paz. Persegue-me por toda parte com suas assiduidades... Bem... dizendo que me persegue, exagéro: elle não se atreveria. Conforma-se em estar sempre que pôde onde estou, em dirigir-me olhares apaixonados e supplicantes... Depois, si consegue aproximar-se de mim, me diz que me ama e que seu unico sonho é casar-se commigo. Já lhe disse cem vezes que não e elle não desanima, não se aborrece...

— E' que te quer sinceramente...

— Digo-te que me aborrece... E' um chorão. Não é moderno. E' romantico, guitarra velha, pedra fiel e claro de lua... Devia ter nascido ha cem annos. E depois não me convém. Não é nem muito rico, nem de muito boa familia, nem promete, segundo me parece, alcançar altos destinos... E' um bom rapaz, não digo que não. De resto, tu o conheces melhor do que eu, pois elle foi teu collega de infancia.

— Oh!, de infancia não... Mas, realmente, ha muito tempo que o conheço.

— Então, querida, diz-lhe de

uma vez por todas que me deixe em paz... Olha! Ah! vem elle mais fatal que nunca...

Joannita afastou-se rapidamente. Um joven moreno, de rosto regular e pallido, se aproximava.

— Bôa noite, Cecilia! — disse elle, com acento triste, á senhorita Lefanc.

— Bôa noite, Pedro! Que cara lúgubre tem você!

— Não zombe, tambem você, de mim, Cecilia!... Somos velhos amigos. Tenha piedade. Sou tão desgraçado!... Joannita desespera-me. Quero-a com toda minha alma e ella só me corresponde com aspezeza. Que lhe disse de mim?

— Pediu-me que lhe rogue a deixe em paz — disse francamente Cecilia. — E você devia fazel-o — ajuntou, em resposta a um gesto de protesto delle. — Sim, tenho pena, meu pobre Pedro. E' necessario que siga meu conselho: si quer que Joannita lhe dê mais attenção, não faça caso della, ou, pelo menos, apparente não fazel-o. Dissimule seu amor... Até corteje a outra...

— A outra?... Não poderia, Cecilia, juro-lhe. Amo-a demais.

— Pois eu lhe digo que, si cessar em suas declarações, ella ficará surprehendida e se sentirá



interessada por você. Tenha um pouco de força de vontade. Vamos!... Asseguro-lhe que sinto muito o que lhe occorre e quero ajudal-o... Em lugar de passar o tempo aborrecendo-a com seus rógos e suas attenções, converse commigo... E si isso pôde consolar-o, falaremos della todo o tempo... Você me elogiaria seus meritos, me contaria seu amor por ella...

— Cecilia... como você é boa! E cre que assim...?

— Obterá você bom resultado?... Estou certa disso... Comecemos desde já...

Durante toda a festa, elle pouco se separou de Cecilia. Ella teve que empregar, por outro lado, muita energia para impedir que elle fosse receber algumas grosserias de Joannita, aproximando-se della, como varias vezes manifestou desejos de fazel-o.

— Não vá — repetia Cecilia.

Elle obedecia, e á medida que passavam as horas isso lhe custava menos, embora de quando em quando lançasse olhares dolorosos para Joannita, que parecia ter esquecido sua existencia.

O mesmo occorreu nos dias seguintes. Mas, as vezes, muito frequentes, que se encontrava com Joannita, se limitava em cumprimental-a respeitoso, correcto, tremendo de emoção, embora o dissimulasse o melhor que podia. Mas, cada dia era mais dono de si mesmo. Em seguida ia ter com Cecilia. Esta o felicitava por sua coragem, e elle sentia-se orgulhoso de sua aprovação. Falava, então, de seu amor por Joannita e das perfeições desta.

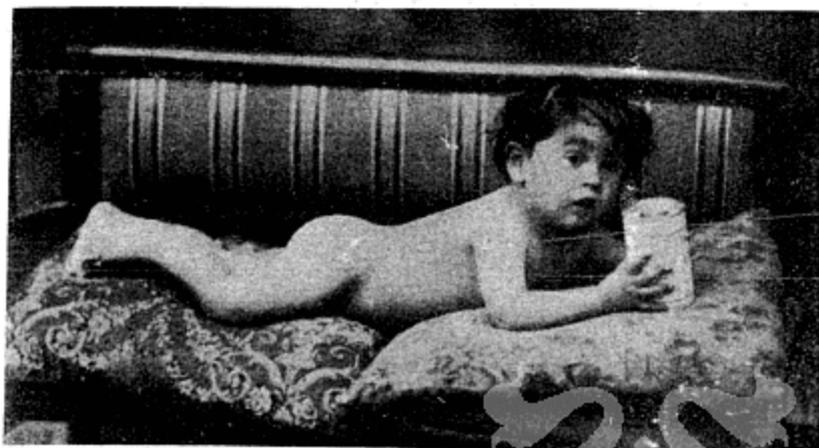
Algumas vezes, muito raramente a principio, depois com mais frequencia, falavam de outra cousa.

Cecilia evocava recordações do passado, interrogava Pedro sobre seus trabalhos, sobre suas ambições, sobre seus projectos. Demonstrava-lhe o interesse mais attento. Elle se assombrava... Que contraste com o desdém humilhante de Joannita! Agora era somente de tempos a tempos, e cada vez mais rapidamente, que se falava de Joannita.

Mas, sem perceber, experimentava muita alegria falando de si mesmo com aquella generosa e attenta Cecilia. Descobria nella uma mulher attrahente. Apreciava sua intelligencia, sua bondade, como tambem a doçura senhadora e travessa de seus olhos castanhos, o encanto, mais poderoso por ser menos deslumbrante de seu delicado rosto...

Uma tarde, em que os dois falavam com intimidade, como de costume, elle notou subitamente o que sentia por ella. E foi quasi com medo que exclamou, de repente, com voz abafada, medrosa:

— Cecilia!... Cecilia!... Mas, si é a você que eu amo!...



A's mães cujos bebês não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericórdia nº. 12 — Rio — afim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.

O lindo menino ROMULO ZBYSZHO.
O menino ROMULO CEZAR.
Lindo filhinho do casal JOSÉ ZBYSZHO.
Assim nos diz seu pae.
Pelotas, 22 de Novembro de 1928.
A' Comp. Nestlé, Caixa postal 760 —
Rio de Janeiro.

Amigos e Srs.

Tenho o prazer de remetter-lhes a photographia de meu filhinho Romulo Cezar de um anno e tres mezes de idade alimentado com o vosso valioso producto FARINHA LACTEA NESTLE, tendo-se dado perfeitamente com esse milagroso producto, venho por meio desta provar-lhes a minha gratidão.

Desejando a essa opulenta Companhia muitas felicidades, subscrevo-me com toda a estima e consideração.

De VV. SS. Amg. Atto, Obrg.

Assignado — Por JOSÉ ZBYSZHO, ZELIA ZBYSZHO.

Immediatamente se sentiu tranquillo e cheio de alegria pelo olhar dos olhos castanhos e o aperto da mão fina que tomára entre as suas.

— Você me ama, Cecilia?... ama!... Como eu sou feliz! Meu Deus!... Você também me

E, ingenuamente, na franqueza de sua alegria, exclamou:

— Que cousa estranha!... Quando penso que foi para aproximar-me de Joannita que quiz você conversar amiúde commigo!... Sem querer, nos deixamos arrastar pelo que era uma comedia...

— Sem querer?...

M U L H E R

(Conclusão)

Ella sorriu sem se explicar mais.

— E' preciso prevenir a Joannita — disse, olhando-o.

— Si você quer... Mas ella pouco se commoverá — respondeu elle, com rancor.

Ao separar-se de Pedro, Cecilia chamou Joannita á parte.

— Que dizes?! — exclamou, violentamente, Joannita, quando comprehendeu a noticia.

— Digo — repetiu Cecilia — que

vou me casar com Pedro Avelino... Mas, que tens, Joannita?... Parece transtornada...

— Isso é demais! — exclamou Joannita, offendida, furiosa, quasi chorando, com toda a sincera indignação de uma menina mimada a quem tomam alguma cousa que não queria usar. Isso é demais!... E' verdade que eu não amava Pedro Avelino... Não queria casar com elle... Mas isso não é uma razão para que elle se case commigo, depois de ter-me cortejado durante tanto tempo...

M. C.



Productos de BELLEZA mundialmente conhecidos, que gosam das sensacionaes propriedades magicas de EMBELLEZAR, REJUVENESCER e ETERNIZAR a mocidade



Pó de Arroz, Oreme e Agua

RAINHA DA HUNGRIA

Peça o Estojo RAINHA DA HUNGRIA, com 7 productos, 7\$000, que transforma a sua pelle em 3 dias numa Belleza incomparavel!

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. Rio Branco, 134 e R. 7 de Setembro 166 — Rio

Concurso Sabonete EUCALOL

Vovó, Mamãe ou Papae...

Quer chova, quer faça sól,

Desta regra ninguem sae:

No banho?... Só EUCALOL.

BALTHASAR BARBALHO.

Rua Avila 114, c. 1 — Rio.

MAGIC evita os damnos do suor

MAGIC é um preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axillas, evitando as manchas dos vestidos e o uso dos horribes sudores de borracha, fazendo desaparecer até o mais pequeno odor que, ás vezes, com o excessivo calor, pôde dar a transpiração. E' o unico garantido, inoffensivo á saude, pelos Drs. Miguel Couto, Austregesilo, Aloysio de Castro e Werneck Machado.

Peçam prospectos gratis a Araujo Freitas, 88, Rua dos Ourives. — Rio. — Vende-se nas pharmacias.

O CALÇADO ELEGANTE



toilette; não o fazem as parisienses e até o gosto moderno é de variar mais o chapéu, a écharpe, o cinto, o calçado, do que o proprio vestido.

A mulher chic deve, de preferencia, mandar fazer seus sapatos sob medida; dizem melhor nos pés e duram mais, por se deformarem com menos facilidade, além de não arriscarem a magoar os dedos por apertados.

O requinte é escolhel-os de um modelo original tirado de um figurino. Ha menos probabilidade de encontrarmos n'uma sala outro pé,



Fig. 1

talvez desgracioso, com um sapato igual, fazendo como que a parodia do nosso. Esse é o valor dos chapéus e vestidos ditos "modelos" pelos quaes pedem as modistas preços tão elevados. A parisiense dá grande importancia a isso: trajar o que só ella possui, o que não raras vezes foi creado exclusivamente para ella, segundo seu typo, dando assim o maximo realce á sua personalidade.

Além disso, com a moderna mania das combinações, se escolhermos nosso calçado por figurino, poderemos mandar fazer bolças ou cintos que formem com elle conjunctos originaes e chics.

Damos aqui dois modelos desses "ensembles". (Figs. 1 e 2).



Fig. 2

VARINHA DE CONDÃO

PARA OS DIAS CHUVOSOS



DEPOIS de tantos dias de dilu- vios continuos, que tanto pre- judicaram o brilho do nosso carnaval, eis que, para maior desespero dos cariocas, o tempo se levantou.

Na ocasião em que escrevemos estes pequenos artigos dedicados ás nossas gentis patriotas, o céu desdobra, azul e triunphante, um sorriso de pura ironia.

Durará, ou não, esta ceihora? E no momento em que nossas leitoras hão de pôr seus olhos de saphira, de esmeralda, ou escuro terciopelo nestas paginas, brilhará ainda o firmamento luminoso, ou terá recommçado a verter as lagrimas de chuva, como se tivera remorso da judiaria que praticou para com os carnavalescos? E' o que de todo ignoramos.

Entretanto, como não escrevemos sómente para o nordeste brasileiro, embora tenhamos a illusão de que talvez por lá tambem alguma amiguinha desconhecida se divirta com estas futilidades da moda, cremos que serão uteis estes dois modelos de graciosas capas de chuva (Figs. 2 e 3).

A mulher actual sae muito, quasi que diariamente, quer para o seu trabalho, quer para seus divertimentos. A chuva não mais a faz recuar... como já não a intimidam as "prosas" dos homens... ellas não podem, pois, dispensar de ter no seu armario uma dessas capas de chuva modernas, de fazendas impermeaveis.

Se quizerem, poderão fazer, para formar "ensemble", um vestidinho de estylo simples combinando com o tom da capa.

Um chapéu pequenino, do mesmo tecido impermeavel dispensa o cacete e antiquado guarda- chuva.



Figs. 2 e 3

O ADORNO DO LAR



NADA mais encantador do que as plantas para enfeitar os recantos das salas.

Si é exacto que ainda hoje a França é a rainha da moda feminina, força é confessar que para a elegancia e conforto do "home" já nenhuma nação consegue superar a Norte America.

Têm os americanos um gosto especial para dispôr moveis harmoniosamente e crearam lindos fundos de janellas com uma cortina de *casea* ou de chitão, uma gaiola de passaro e um vaso colorido (Fig. 5), ou uns potes de begonias floridas (Fig. 6).

Entre nós é muito commum, sobre mesas e columnas, verem-se lindos "cachepots" com palmeiras ou samambaias.

Porém, não somente essas especies vegetaes servem



Fig. 5

para adornos vivos do lar. Outras ha quiçá mais ornamentaes e graciosas, por suas folhagens bizarras e pencas de flores.

Vamos citar algumas:

Bolça de pastor ou Colcolaiar. — Esta planta é muito original pela forma de sua flôr. Semeia-se entre março e junho em pequenos caixotes de madeira ou vasos de barro cheios de terra vegetal misturada com areia de agua doce. O vaso ou caixão deve cobrir-se com uma placa de vidro, para evitar que o vento carregue com as sementes, pois, visto serem estas muito finas, não podem ser cobertas com terra, a qual, pesando demais, impediria o seu desenvolvimento.

Rega-se com um regador de furos bem finos.

Cineraria hybrida. — Prefere clima fresco. Semeia-se entre março e maio, da forma já dita. Transplanta-se em vasos pequenos quando está com tres folhas e replanta-se no vaso definitivo dois mezes depois.

Primula obconica. — Dá em clima moderado. Tratam-se as sementes da mesma forma.

Ranunculos. — Linda flôr em forma de rosa, que prefere clima fresco e logar sombrio. Epoca de sementeira: março a maio.

Melhores talvez do que as plantas que nascem de semente, são, pela maior facilidade de cultura, as que têm bulbos ou raizes vivaces.

Begonia hybrida dobrada e singela. — Disponível de novembro até agosto dá flores lindas em forma de rosas ou camélias, em côres muito variadas; do branco mais puro e amarello claro, até o vermelho

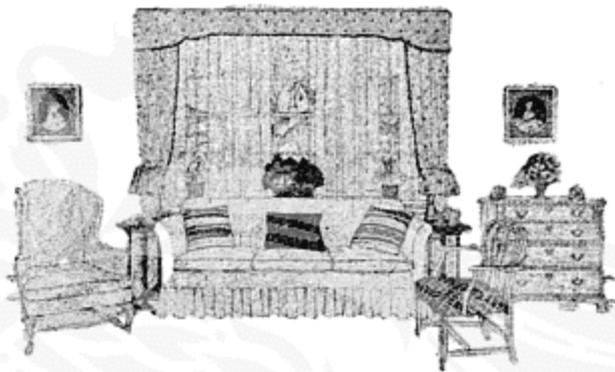


Fig. 6

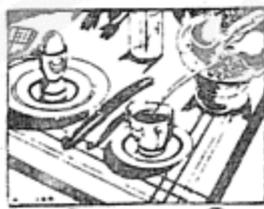
escuro. E' preferivel plantal-a em vasos e cuidal-a em logar meio sombrio, ou estufas temperadas. Requer terra vegetal com areia de agua doce. Quando a planta estiver secca, é necessario deixal-a no vaso e conserval-a sem molhar, até que principie a brotar de novo. Deve então ser mudada para outro vaso com terra nova.

Gloxinia hybrida. — Linda planta com flores grandes em forma de campainha, com as mais bellas côres, desde o branco puro ao azul e vermelho aveludado. Cultura semelhante á das Begonias.

Aconselhamos tambem as varias especies de tinhorões e de avencas.

A ALIMENTAÇÃO SÁDIA

E' habito brasileiro inveterado o café com leite matinal, com biscoitos ou pão e manteiga. Depois dessa refeição levissima, os homens vão para seus serviços e as mulheres para seus empregos ou iniciam os affazeres do lar. E até



a hora do almoço nada de mais solido tomam, consolandos o estomago com chicaras e chicaras de café puro, que excita e não alimenta.

Mais intelligentemente agem os americanos, preparando-se para seus trabalhos quotidianos com um farto "breakfast".

O que é o "breakfast" americano? E' o nosso café com leite matinal, acompanhado, porém, de ovos com presunto ou queste, cereaes sob forma de papas e mingaus e fructas.

Ficam assim capazes de esperar serenamente a refeição de meio dia (*lunch*). Chegada esta hora, como não estão mortos de fome, comem razoavelmente, o que melhor lhes permite encetar o trabalho da tarde.

E' um habito que deveriamos introduzir entre nós, adaptando o "menu" ao nosso paladar, pois já não estamos nos bons tempos em que o almoço era, em geral, servido ás 10 horas.

CINDERELA.

AVIAÇÃO E DESLEALDADE

De JOSÉ M. BRAÑA

COMENTAVAM-SE em rodas de amigos os ultimos acontecimentos de aviação. Então Hygino Vélez, o mais versado, sem duvida, nessa arte da navegação aerea, pediu a palavra, para fazer a sua exposição.

— A aeronavegação — disse — está considerada como um dos mais altos expoentes do talento e do espirito inquisidor dos homens. A conquista do espaço foi sempre um dos seus ideaes desde os tempos preteritos, e digo preteritos, porque, que homem não disse, consigo, alguma vez, vendo voar as aves livremente: "Ah, si eu tambem tivesse azas!"?

"Até ha pouco mais de um quarto de seculo conheciamos os mysterios das profundezas do mar, das intrincadas selvas, e tambem os do Polo, que a toda parte havia chegado o homem, em seu irreprimivel desejo de gloria e em sua curiosidade avassaladora. Mas ainda lhe faltava conhecer — ou conhecer melhor — as immensidades do espaço. Faltava-lhe saber o que ha lá em cima, lá onde não chega a nossa vista. Como todas as grandes empresas, esta custou muitas vidas. Mas, que grande passo deu o homem, elevando-se a alturas quasi inatingíveis e fendendo a atmospheria a uma velocidade phantastica de centenas de kilometros por hora!

"Hoje vemos voar sobre nossas casas os aeroplanos, com sua crispadora cantilena de elyteros, e apenas levantamos a vista para olhal-os. A força dos costumes nos fez indifferentes ante esses passaros mecanicos tão poderosos e de indiscutível utilidade no futuro. Não obstante, como nos surprehenderam, um dia, os ensaios dos Wright e de Santos Dumont, e pouco depois a audacia de Blériot atravessando o canal da Mancha, e mais tarde a do nosso compatriota Fels aventurando-se sobre nosso estuario, e, em 1926, a de Ramon Franco em seu vôo desde a Hespanha! E' verdade que a façanha do glorioso gallego foi depois eclipsada por outros vôos mais transcendentales. Mas, que serão estes amanhã, quando a aeronavegação tiver attingido o seu grão maximo de perfeição!"

Chegando a este ponto, Hygino Vélez foi interrompido por um dos circumstantes, que disse:

— Bem, senhor Vélez, que quer dizer-nos com esse enthusiasmo oratorio, mais proprio de um fabricante de aeroplanos que de um simples amator?

Vermelho como um camarão, Hygino Vélez replicou:

— Nada que possa interessar-lhes, seguramente, mas toquei este thema por dois motivos: porque veiu ao caso e porque, em outras occasiões, vocês tocaram no que quizeram, e eu os escutei pacientemente. Além disso...

— Que? — Interrogaram, curiosos, os ouvintes.

— Além disso — continuou Hygino Vélez, com voz dura, e contrahindo as feições — a aviação tem recordações bem ingratas para mim, a despeito de admiral-a e proclamal-a. Durante a grande guerra fui piloto militar na França. Então a vida para mim tinha um ideal: ser util aos outros. E creio tel-o sido. Não direi que, como aviador, tenha feito prodigios de heróe legendario, mas cabe-me a honra de haver realizado proezas que hoje, friamente, não seria capaz de reeditar. Com a machina ardente em virtude de um curto circuito produzido pela extraordinaria pressão do motor, em

certa occasião persegui um aeroplano inimigo através da negrura da noite, e salvei milagrosamente minha vida, graças á minha audacia, deixando-me cahir sobre as quietas aguas de um riacho. Mas isto não é nada, comparado com o que constitue minha mais dolorosa recordação de meu tempo de piloto. Um braço ou uma perna que houvesse perdido então, talvez não sentisse tanto como senti perder o que perdi.

Hygino Vélez fez uma pausa. E, como nenhum dos circumstantes se atrevesse a indagar o que elle havia perdido, embora todos o adivinhassem, assim proseguiu Vélez sua narrativa:

— Perdi, por causa da aviação, o maior dos bens: a felicidade. Um dia, tive a má idéa de levar minha noiva ao aerodromo civil de X. Era um dia de céu cinzento e forte vento, a proposito para soffrer o mais terrivel dos revezes. Conduzi-a ao hangar do aerodromo e fil-a admirar meu poderoso A. U., que, segundo minhas indicações, um dos mecanicos alistava, revistando, uma por uma, as peças do motor.

"O A. U. já tinha sido retirado do hangar, e seu tanque já estava cheio da sufficiente naphtha para um vôo breve, que eu realizaria levando Mary, minha noiva, como companheira, quando chegou junto a nós Carlo Boldi, um dos mais habéis pilotos de então, heróe na guerra contra os austriacos. Carlo Boldi — soube-o depois — estava loucamente apaixonado por Mary, que o admirava porque elle era mais audaz do que eu, e realizava acrobacias dignas de ser cantadas por um Homero. Em seus alardes de valentia se elevava rapidamente a phantasticas alturas, e dellas, dando innumeraveis voltas no oceano, se precipitava á terra verticalmente, contendo a quéda bem perto do chão. Então, tornava a elevar-se em um vôo majestoso, para perder-se além das nuvens, e tornava a apparecer em uma descida que pilotos e publico segulam com a respiração contida pela ansiedade e o terror.

"Carlo Boldi saudou-nos affectuosamente. Não reparei que saudava Mary com uma effusão mais intima, emquanto seus olhos — os olhos de ambos — trocavam um olhar de intelligencia. Em seguida, após uma ligeira troca de impressões commigo, Carlo Boldi disse a Mary, com a maior cortezia:

— "Senhorita Mary: seria tão gentil que me acompanhasse num passeio de aeroplano em redor do aerodromo?"

"Mary, emocionada, olhou-me nos olhos, e, sem olhar Carlo Boldi, lhe respondeu:

— "Casualmente vou realizar um passeio semelhante com Hygino. Si não fosse isso..."

"Que fazer eu? Conduzi-me como faria qualquer cavalheiro em meu logar. Assim, respondi:

— "Não acho inconveniente algum em que realize este passeio com meu amigo Boldi. Elle é o melhor piloto que eu e tu correrás menos perigo.

"Menos perigo? Com effeito. Ella não correu nenhum perigo. O mesmo, porém, não acontecendo commigo, que eu, inconscientemente, destrui minha felicidade e minha vida. Gentil, innocente do mal que me fazia a mim proprio, offereci-lhes meu A. U. para realizarem o passeio.

"Depois de verificar que a machina se encon-

FESTAS — VIZITEM A

CASA RODRIGUES

Completo Sortimento de Artigos para Presentes

O MAIOR DEPOSITO DE MEIAS NO BRASIL

VENDAS POR ATACADO



**CAMISARIA, ALFAIATARIA
CIVIL E MILITAR**

Especialista em uniformes collegiaes
para todos os collegios do Brasil.

A. RODRIGUES

15, Rua dos Andradas, 17

TEL. NORTE 332

RIO DE JANEIRO



Que diferença!

COM O USO DO

Cilion

MOURA BRASIL

Podéis obter esta transformação



CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras,
desenvolve os CILIOS, combate os Terções e todas
as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO - Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 37

Aviação e deslealdade — (conclusão)

trava em perfeitas condições, Carlo Boldi se dispoz a iniciar o vôo. Occupou seu assento e convidou Mary a occupar o outro, indicando-lhe:

— Amarre-se, senhorita, com essas correias, que constituem o cinturão de segurança.

— Depois ordenou aos mecânicos:

— Larguem amarras!

Um minuto depois o A. U., com o motor já trabalhando se elevava no espaço. Enquanto Mary tremula me acenava com a mão Carlo Boldi me atirava uma carta. Vendo esse gesto de meu amigo, — daquelle que eu julgava meu amigo, — tive um estremecimento de terror e senti-me vacillante no solo. Rasguei, tremulo o envelope, tirei o papel que elle encerrava, e li, então, cheio de assombro e de indignação: "Não esperes nosso regresso. Amamo-nos. Vamos agora para a felicidade."

"Ah! Senti que o coração queria arrebentar-

se-me no peito. Levantei a vista para olhar aonde se dirigia o aparelho, e o A. U. era pouco mais que uma avezinha que se perdia ao longe, entre as nuvens.

"Sahir em perseguição dos traidores era uma loucura. A vantagem que levavam era pouco menos que impossível de descontar. Além do mais, e isto era o peor, não havia um só aparelho em condições"...

"Hygino Vélez calou-se por um momento, como para abafar um gemido, e assim concluiu sua historia:

— A aviação, repito, foi que me roubou a felicidade. No entanto, ella, compendio do saber e da ambição dos homens, me vingou. Ao contribuir para a realização do diabolico plano do destructor de minha felicidade, castigou o culpado. Carlo Boldi não é feliz ao lado dessa mulher que, no entanto, pôde fazer-me o homem mais feliz de quantos riem sob o olhar dos astros..."

A O meio dia o marido chegava e sentava-se directamente deante da mesinha prompta para o almoço, na sala de jantar, em frente ao dormitório.

Havia um outro compartimento menor — o dormitório dos filhos — e a cozinha.

Depois que a mulher trazia a travessa fumegante, o casal se installava e comia em paz e silencio, com o bizarro appetite da gente do trabalho. Falavam geralmente pouco. Mastigavam muito, e com energia. Regavam os alimentos com grandes copos de vinho e limpavam a bocca, antes e depois de cada trago, com o dorso da mão.

Comendo ainda, elle enterrava na cabeça o gorro com as iniciaes da Central do Brasil, que havia pendurado para traz, se espreguiçava, abotoava o casaco, batia no ventre com a palma da mão e, sentindo-se farto, deixava a mesa e sahia.

Ella, depois de seguiu-o algum tempo com o olhar, se dirige á mesinha: deita na travessa os restos dos pratos, os pedaços de pão, volta á cozinha e, momentos depois, reaparece com um grande tacho fumegante.

Desce do corredor, avança alguns metros pelo campo coberto de pasto verde, deposita o recipiente no chão, apoia as mãos nas cadeleiras e grita:

— Mariazinha!... Miguelinho!...

Tonico!...

Seus gritos são potentes, gutturaes, agudos.

— Gentil!... Lucia!...

A casinha está isolada em um extenso terreno cercado de arvores e de trepadeiras que cobrem o muro quasi destruido.

Apparecem entre os arbustos dois, tres, quatro garotinhos de ambos os sexos, sujos, descalços, cabelludos, apenas vestidos uns, os

COMO OS PASSARINHOS

menores nós da cintura, para cima.

A mãe continúa chamando, enquanto os outros não apparecem. — Paulino!... Pedro!...

E' o menor, de tres annos escassos, que falta.

Já chegaram todos: são nove e atropelam o tacho uns com colheres que apanharam no chão, outros com um palito, os demais com os dedos, transformados em colheres.

No tacho ha de tudo, até as sobras do banquete conjugal. Tudo misturado. E' questão de sorte e de não perder o tempo.

Os meninos comem de pé ou sentados no pasto.

Ella contempla, satisfeita, o quadro, favorece com um pedaço de carne ou de pão fervido o menorzinho de todos, e ao verificar que todos vivem, comem em paz e estão gordos e saos, como sempre, se retira, encantada.

Assisti, casualmente, a esse assombroso espectáculo, com a fortuna de poder justificar uma breve visita e inteirar-me de alguns outros detalhes.

O marido apenas via seus filhos aos domingos. A mulher, opulenta napolitana, cosia para uma casa de confeccões.

Os filhos, deixando o dormitório geral, recebiam cada um um pão, beblam agua e se espalhavam pelo campo.

Depois do almoço, desapareciam de novo.

Era raro que algum delles viesse antes da hora do café com leite e pão, que tomavam antes de dormir.

De CONSTANCIO C. VIGIL

A's oito da noite, quando o marido chegava, se reproduzia no corredor a scena do meio dia. Com igual paz e appetite, falavam mais e beblam um pouco mais.

Contou-me ella que os filhos eram, ao todo, treze. Todos se creavam como uma bençam de Deus, cheios de saúde, com as carnes curadas pela terra, tostadas pelo sol, lavando apenas a cara e as mãos aos domingos, e nem sempre; sem necessidade de calçados nem de outras roupas além das que eu pudéra ver, que eram bem poucas e rudimentares.

Mas, que occorria?

Que, de repente, lhe faltava algum, o maior, homem ou mulher. Não attendia ao chamado para o almoço. Desapparecera...

A' noite, punha o marido ao corrente da novidade, e a acceitava, como elle, resignadamente.

O homem dizia:

— Ora! Quando o pardal já é grande e tem azas para voar, vôa do ninho...

Era o natural, o corrente, o razoavel. Todos os seres procediam de igual maneira.

Passado algum tempo, o passaro voltava. Mas, já limpo, muito bem vestido, independente. Saudava aos paes, não via nenhum dos irmãos, ás vezes deixava algum presente á mãe... e novamente voava.

Restavam nove ainda.

— Ora! Questão de tempo. E' só crearem azas, se vão tambem...

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MAO — E . . . DETESTAVEL

O FILHO DE AGAR

(Film allemão)

Cinema ODEON — Si alguma cousa pôde prejudicar esta pellicula germanica é o seu character regionalista, que mais fortemente se accentúa nas primeiras partes, embora depois, no restante do film, o publico a elle se habitue, nem o notando sequer. O scenario é brilhante pelo rigor do detalhe. Abordando-se, no decorrer da acção, uns certos lances tragicos, o final, que é uma conclusão inesperada e illogica, dispõe bem o publico sentimental. Mady Christians, com a sua formosa e alegre figura de mulher, animou a sua personagem d'aquelle fogo de sensualidade que é a sua caracteristica hystrionica. Mas dentre todos os interpretes, saliente-se Gertrudes Lalsky, que foi d'um realismo soberbo na sua figura perversa. Magistral a parte technica, talvez a melhor qualidade d'este film.

Cotação — BOM

PARAISO IMAGINARIO

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Si o film fôsse ou devesse ser considerado apenas como uma lição de moral social, estariamos deante d'uma obra de efeitos beneficos indiscutíveis. Mas o cinema é, antes de tudo, uma arte — ainda que haja quem todos os dias trabalhe para a tornar uma simples industria. Não se desejando que ella se desenvolva n'um simples intuito de arte pela arte, mas que alcance o seu objectivo dentro da evolução do espirito humano, ella tende ou deve tender em crear expressões de belleza. Para tan-

to é preciso que não seja tão cacête como esta pellicula, que vale por um sermão dominical em qualquer igreja evangelica. E' pouco. Esthe: Ralston fez um trabalho mediocre. Hobart Bosworth, um grande artista, trabalhou sem grande esforço. Não tem explicação no argumento aquella sua mudança de typo e de indumentaria. No meio de tudo, uma grande, formidavel artista, Mary Alden, que posou n'um papel de cinco minutos.

Cotação — SOFFRIVEL

CORISTAS SEDUCTORAS

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Um *cast* bem interessante o d'esta pellicula da Universal, que é uma comedia fina, de bom espirito, com um *scenario* bem interessante, sem complicações nem *bluffs*. Matt Moore é uma artista que provoca gargalhadas com a sua expressão meio aparvalhada; Alice Day, Edmund Burns e Lilyan Tashman, são artistas de figuras populares e sympathicas. Mas não é precisamente a interpretação que valoriza esta pellicula. O argumento, com situações provocantes de hilaridade, é que merece os melhores encomios, de quem teve o prazer de o vêr desenrolar-se no *ecran*. A direcção n'este genero de trabalhos é quem marca. E n'este film da

anti-EPILEPTICO de Liège

Combate todas as Affecções nervosas.

É nos mais graves casos que elle alcança mais exito.

JULIEN & ROUSSEAU, Caixa 484, RIO DE JANEIRO

Appr. D.N.S.P. N.º 1091, 5/12/1922

RUBINAT LLORACH

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA

ACAUTELAR-SE DAS CONTRAFAÇÔES NACIONAES OU ESTRANGEIRAS

Ap. D. N. S. P.
N.º 276, de 2-7-1913

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

Universal, é boa. Boa também a parte technica, que honra o studio da Universal.

Cotação — BOM

TIMIDO HEROE

DA FOX

Cinema PATHE' — Rex Bell vae substituindo, em quanto lhe é possível, o desthronado Tom. Não lhe será possível, mórmente entre nós, conquistar tanta popularidade quanta aquelle adquiriu. E, na realidade, elle não possui as qualidades de sympathia que caracterizam Mix, e vêm já quando o publico está completamente saturado desse genero de films, que não lhe produzem sensação alguma, pois que se repetem, devido á estreiteza do ambiente em que decorrem. *Timido heroe* dá, por excepção, embora forçando a verosimilhança, um grupo de mulheres de plastica perfeita. Não aborrece, mas não incita curiosidade, nem emoção.

Cotação — SOFFRIVEL

O GRANDE BEMFEITOR

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Queremos crêr que, nos *ecrans* populares da America do Norte, estas historias romanescas em torno da figura lendaria

DECLAMAÇÃO, DICÇÃO, TRAGEDIA, EM
FRANCEZ, PORTUGUEZ, ITALIANO
E DECLAMAÇÃO LYRICA

M.^{ME} DANITZA

Ex-alumna do Conservatorio de Paris

26 Rua Rodrigo Silva — 1.º andar

de Kit Carson sejam de um successo estupendo, sobretudo na bilheteria. Passando o Equador, metade do espirito da historia desaparece, evapora-se, e deixa frio o sul-americano deante de quem exhibem cousas, figuras e factos, que elle mal comprehende e que não sente. E' certo

MODO DE FAZER DESAPARECER UMA MÁ

EPIDERME

(Do "London Fashions")

Os cosmeticos nunca melhoram uma má epiderme e frequentemente são damninhos. O modo racional de livrar-se do véo escuro, morte do rosto, é deixar que a pelle nova que está em baixo, possa sahir e respirar mostrando sua frescura e juventude. Isso se faz de uma maneira muito simples e suave. Applique-se ao rosto cera pura mercolized em inglez (pure mercolized wax) pela noite como se fôra cold cream, e lava-se pela manhã. A boa pure mercolized wax se adquire em qualquer pharmacia importante.

Absorve a pelle desfigurada de uma maneira suave e sem dôr, deixando a cutis natural e brilhante. Tira, naturalmente, quasi todas as imperfeições do rosto, como manchas arrocheadas, pallidez, sardas e queimaduras do sol, etc., etc.

Como inimigo das sardas e aformoseador geral da cutis, esse antigo remedio não tem rival.

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilatação dos póros cutaneos do rosto, são molestias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, que, ao se dissolver, produz uma enrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolizada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros saem da cutis para desaparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca, sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embelezamento um caracter permanente e definitivo.

CIDALGINA

Contra qualquer

dor

Não ataca os rins Não affecta o coração
Basta uma só Capsula

AGENTES INFANTE & C.º - Rua Chile 27 4.º ANDAR TEL. CENTRAL 164 RIO DE JANEIRO





LAVAR A CABEÇA

GOLPES
FERIDAS

QUEIMADURAS

Tinha que vir!

Ha 25 annos foi entregue ao consumo o primeiro vidro do Aristolino.

Ha 25 annos que o consumo vem augmentando de anno para anno porque os consumidores vem conhecendo melhor as 48 applicações do Aristolino. Era justo offerecer não só uma vantagem como tambem maior commodidade aos consumidores.

O Aristolino grande era uma necessidade. Eil-o!

Tem o preço de 4 vidros pequenos mas contem tanto quanto 5 vidros communs.

Gaste vidros grandes do

PARA A
BARBAAFFECÇÕES
CUTANÉASQUEIMADURAS
DO SOL

ARISTOLINO

UM SABÃO QUE É UM REMÉDIO -
UM REMÉDIO QUE É UM SABÃO

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Conclusão)

que temos de dizer da pellicula, sem curar d'essas cousas; mas não é menos certo que além d'isso pouco mais fica dentro dos valores essenciaes do film. Fred Thomson e Nora Lane deram vida, expressão, ás duas figuras principaes. O scenario é interessante, mas não contém novidade. Razoavel direcção e surprehendedentes effectos photographicos. Não se estará talvez longe da verdade, affirmando que o melhor do film é o trabalho dos *cameramen*.

Cotação — SOFFRIVEL

CONDESSA MARIZA

DA SASCHA

Cinema GLORIA — Raros são os films que, adaptados de operetas celebres, podem dar uma impressão vibrante na tela, equilibrando-se á do palco. Por mais que a direcção — e a d'este film é cuidada — se esforce por concatenar o delineamento da acção, ha sempre uma sensível falta de sequencia. Pula-se, evidentemente. Ha manifesta preocupação de não perder os pontos capitaes da obra theatral, aquelles que mais successo produziram, do que resulta falta da liberdade para o director. Este film deu-nos essa impressão. De resto, a montagem, verdadeiramente brilhante d'esta pellicula, supprime esse ponto fraco. Da interpretação, Colette Bretel pulou, pela naturalidade, sobre Vivian Gibson. Dos homens marca Fritz Spira.

Cotação — BOM

AMORES DE VERÃO

DA F. B. O.

Cinema PATHE'-PALACE — Ora ahi está um film que se encontra no seu lugar, ou melhor dito, no seu tempo. E' nas pelliculas d'este ge-

nero que se tem originado a grande evolução (entenda-se evolução no sentido do melhor ou do peor) da nossa mocidade, mormente d'aquella que se dedica a toda a especie de *sport*. E' um film de verão e um film de *sportman*. Bom?... Mau?... Não se póde affirmar nem uma cousa, nem outra. Bom não se póde dizer que seja, no sentido justo do termo, porque o enredo é futil e velho, a interpretação mediocre, a direcção sem relevo. Mau não se póde dizer que seja. Far-se-ia uma grave injustiça, porque tem um certo enthusiasmo na realização e a parte technica agrada. Que se deve adiantar, pois? Que é um film, que, agradando soffrivelmente, não sáe, sob nenhum ponto de vista, de uma mediocridade aceitavel e que, por esses motivos, leva com justiça a

Cotação — SOFFRIVEL

CAVALLEIRO DA ESPERANCA

DA FIRST NATIONAL

Cinema CENTRAL — *Cabarets*, chapéus largos, heroes do murro, traíçoeiros, mulheres faeis, pancadaria, candieiros partidos, box barato, "sheriffs", "cow-boy", vagabundagem de mesa de jogo. Chega. Misture tudo isto bem misturado; dê-lhe o appetitivo de uma ou outra *pay-sagem* interessante, e metta no meio um cavallo que faça algumas proezas; e terá, não um, nem dois, mas centenas de *films* que ha quinze annos têm passado, nas telas do Rio, com varios nomes, mas com o mesmo scenario. E' uma collecção! Este da First não foge á regra. Tem todos aquelles ingredientes, algumas vezes mal dispostos, mas produzindo impressão em platéas incultas.

Porque a parte technica não póde merecer reparos, é que leva a

Cotação — SOFFRIVEL

CAPITAN

É o novo romance de MICHEL ZEVACO

QUE SAHIU NO DIA 13 DO CORRENTE

Encontra-se em todos os pontos de jornaes

UM EDEMA ESPANTOSO! IMMOBILIDADE COMPLETA!



Alecio Gallo

... "a ferida era espantosa, pois tomava toda a perna. Submetti-me a diversas conferencias medicas. Imobilidade completa. Com poucos frascos de "ELIXIR DE NOGUEIRA" do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira fiquei completamente curado. Tenho a enorme cicatriz para mostrar a quem duvidar.

Pelotas, 7 de Fevereiro de 1918.

Atestado (resumo) confirmado por um medico.
(Firmas reconhecidas.)

O ELIXIR DE NOGUEIRA É O UNICO
DEPURATI-
VO DO SANGUE QUE POSSUE MILHARES
DE ATTESTADOS MEDICOS E DE PES-
SOAS CURADAS.

HYGIENISE
A SUA
BOGGA
COM
PASTA
Oriental
O DENTIFRICO
IDEAL

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS
A *Perfumaria*
Lopes

RIO R. TIRADENTES, 34-36-38
RUA URUGUAYANA, 44
AVENIDA RIO BRANCO, 134
S. PAULO - R. S. ANDRÉ, 20

Gosta de Cinema?..

Leia SELECTA, a melhor e mais barata revista cinematographica. Além das mais recentes informações cinematographicas, enredos e critica de films, etc.

Prefere leitura amena?

Leia então o Romance de Fon-Fon que sae em fasciculos semanais, todas as quartas-feiras.

O NOVO DECCA

Antes de appareição do novo Decca 66, nunca um phonographo tinha podido reproduzir uma tão grande variedade de notas. Desde as mais agudas notas até ao baixo mais profundo, tanto a qualidade como o som attingem a maior perfeição.

O novo Decca é elegante e compacto, podendo ser transportados, no interior do instrumento, sete discos de 10 pollegadas.

A venda nas lojas de todos os Commerciantes de Phonographos.

Informações Commerciaes:
FRITZ HAERING & Cia.
— Rio de Janeiro —

O MILAGRE



Maravilhosa reprodução!

Nos discos «Odeon» Je canto, ha uma naturalidade incomparavel na voz do artista.

Nos instrumentaes, a reprodução dos sons dos instrumentos musicaes é absolutamente fiel e nitida.

Nos discos de orchestras, o volume do som é formidavel e, em todos, a ausencia de estridencia metallica é absoluta.

Com o novo processo de fabricação desaparece todo o chiado produzido pela agulha e aumenta consideravelmente a duração dos discos.

“ODEON” O DISCO DE MAIOR VENDA NO BRASIL.

Distribuidores:

CASA EDISON

Rua 7 Setembro, 90 — Ouvidor, 135

— Rio de Janeiro —

CASA ODEON LTD.

Rua São Bento, 54 — SÃO PAULO



ROBERTO pela vegetação luxuriante e damnhina de um extenso parque, cercado de um muro limoso, infiltrado de humidade, onde a hera subia, abrangendo tudo no seu abraço fatal, ainda assim era bello, da belleza triste e sombria das majestades vencidas... Chamavam-n'o o “Castello” e todos falavam delle com religioso temor.

Parecia abandonado, mas alli viviam duas creaturas, para quem o Destino fóra bem impiedoso! No entanto, em tempos passados, a ventura lhes sorria:

Por uma tarde de verão, num dos bancos daquelle mesmo parque, que estava desabrochado em flores e carinhosamente tratado, D. Diogo deixára-se ficar enlevado, fechando o livro, que mal começára a ler, para poder apreciar melhor a maravilha daquelle des-cambar do dia.

Voitou a cabeça, ouvindo, pela alameda, um leve roçar de sédas.

Era a sua neta. — Vinha pensativa; uma sombra de melancolia velava-lhe o olhar...

— Que tem a minha querida?! Tão séria... E' de estranhar!...

— Ora, avó, tollices... — respondeu-lhe Adriana, sorrindo num desafogo, como quem afasta para longe um sonho mau. Levou ainda alguns momentos quieta, a seu lado, mas, por fim, falou-lhe francamente:

— Illudi á sua vigilancia, mereço até um castigo, e fui á beira do monte consultar a pythonisa, de quem tanto falamos. Voltei triste... O futuro que me espera não é dos mais risonhos, pois, olhando fixamente a esphera de crystal, ella me disse, num tom tão convicto que, sem querer, estremei: “Lgrimas... muita dor...” Mas, agora, já estou novamente alegre; nem sei por que me impressionei tanto!... Que linda tarde!...

E, rindo, ergueu a cabeça, dourada pelos ultimos beijos do sol, e ficou a ouvir o canto estridido das cigarras, que saudavam o entardecer. Nessa occasião, porém, vivo rubor tingiu-lhe as faces: D. Rogerio subia, distrahido, a escada. Adriana acompanhou-o, longamente, com o olhar, apreciando-lhe o porte altivo, de tanta distincção, e sorriu, enleada, ao ver-se surpreendida por D. Diogo na sua muda contemplação.

Havia em tudo a tonalidade daquelle occaso sangrento... No lago, indolentemente, vogavam cysnes brancos...

Poucos annos mais tarde, realizavam-se os esponsaes de Adriana e D. Rogerio, com a pompa e o encantamento de um sonho!... As carruagens, em fila, no esplendor das luzes, faziam sobresaahir mais ainda as toilttes e a belleza das damas. Num altar, todo illuminado, entre flores muito brancas, Jesus sorria docemente, estendendo os braços, numa benção, ao joven par...

Foram felizes. Amavam-se tanto, comprehendiam-se tão bem!

... ..
Era a primeira cavalgada do anno. No parque do “Castello”, aprestavam-se os cavallos.

Adriana acariciava a cabeça do mais lindo animal, satisfeita ao ver com que garbo e impaciencia movia as pernas finas e nervosas, batendo as patas no lagedo, sacudindo a crina negra e luzidia. Começaram a chegar os convidados e, em pouco, puzeram-se a caminho.

A manhã estava bellissima!

ADEUS RUGAS!

3.000 dollares de premios se ellas não desapparecerem

Uma viração muito fresca ondulava ligeiramente as folhas do arvoredo; nada faltava para o encanto daquelle passeio matinal.

Iam todos rindo e conversando alegremente, respirando o perfume fresco da matta, ainda orvalhada, através da estrada, que ia serpeando o morro, tão estreita em alguns trechos, que só dava passagem a um cavalleiro.

O panorama apresentava os mais variados aspectos: ora a vegetação rasteira, ora a matta cerrada; aqui, uma cruz de madeira, tosca, carcomida pelo tempo; alli, um agrupamento de casas; mais adiante, um ranchinho abandonado...

Já haviam subido muito e, embora a estrada fosse larga, era cheia de curvas, tornando-se assim mais difficil a escalada, e elles só tinham por scenario a rocha escarpada e nua... Nisso, um grito estridente, horrivel, encheu-os de assombro.

Adriana distanciara-se muito e o cavallo disparou, sem que ella o pudesse dominar. Tonta, espavorida, cahira para a estrada no momento, justamente, em que Rogerio, vindo para soccorrel-a, passava as mãos nas redeas, rolando com o animal pelo despeñadeiro. Teve morte quasi instantanea. Adriana parece que, num relance, comprehendêra todo aquelle horror. Sofrêra varias contusões, estava sem sentidos aturada na estrada... Ao voltar a si, havia, no seu riso convulsivo e no fulgor estranho do seu olhar, os dolorosos signaes da loucura...

Natal! Natal! O bimbalar dos sinos, como risos de crystal, chegára até aquelle recanto, onde outr'ora tudo fôra alegria.

D. Diogo contemplava, arrependido, o oratorio vazio das imagens, que elle, em louco desespero, despedaçara uma a uma, quando a desgraça cruelmente o ferira.

Nunca mais soubêra rezar e a sua alma vibrava, num grito de angustia e de revolta...

Approximára-se da janela, attraído pelo encanto daquelle noite fria. O luar, muito claro, envolvia, numa poeira de prata, a estrada, que ia dar á egreja, toda engalanada, numa grande festa...

Os sinos repicavam... Sentia-se enternecido, evocando os outros dias de Natal, em que as portas do "Castello" se abriam de par em par, recebendo todas as creanças da redondeza, enchendo-lhes as mãos de brincados e os corações de alegria... Como tudo mudára! Só havia alli a desolação, a dôr profunda e torturante! Raras pessoas o procuravam, vivia isolado do mundo com Adriana, a sua pobre Adriana, sempre a seu lado, a sorrir inexpressivamente, com o olhar indifferente a tudo, vago, perdido, como perdida fôra tão cedo a sua ventura.

Os sinos repicavam mais e mais... Intensa commoção o dominava e, insensivelmente, foi curvando os joelhos e, baixando a cabeça muito branca pela idade e mais ainda pelo soffrimento, murmurou, cheio de unção, o doce nome de Jesus. Ouviu passos atraz de si, mas não se voltou, dominado por uma força estranha que o prendia alli. Adriana veio se chegando e ficou a olhar para tudo, com o mesmo desprendimento, sem fixar a attenção em nada...

D. Diogo soluçava. O carrilhão arrastava as ultimas badaladas da meia noite. Nesse momento o luar clareou tanto, que o pobre velho ergueu a cabeça deslumbrado! Adriana estava toda envolvida por essa claridade argentea, que lhe emprestava um resplendor de santa. A sua physionomia tinha uma expressão de extase e os seus olhos haviam readquirido a ternura e a bondade de outr'ora. Pouco depois, lagrimas ardentes rolavam pelas suas faces pallidas e ella cahia nos braços de D. Diogo...

Era a luz da razão que Jesus lhe enviava!...

ATALÁ DO NASCIMENTO SILVA.

A mulher em toda a idade pôde se rejuvenescer e embelezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embeleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta innumerables imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não accete substitutos, exigindo sempre:

RUGOL



Mme. Hary Vigier escreve: "Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"...

Mme. Sousa Valencio escreve: "Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afetiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desappareição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam.

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: **ALVIM & FREITAS**, Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz, nº. 23 — Sobrado — Caixa, 1379. S. PAULO

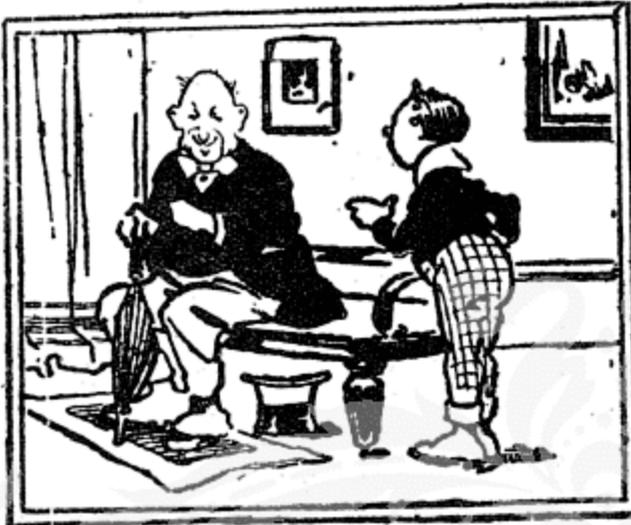
COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 - S. Paulo. Peço-lhes enviar-me pelo Correio o **TRATAMENTO SCIENTIFICO PARA EMBELLEZAR O ROSTO.**

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA!)

ESPIRITO ALHEIO



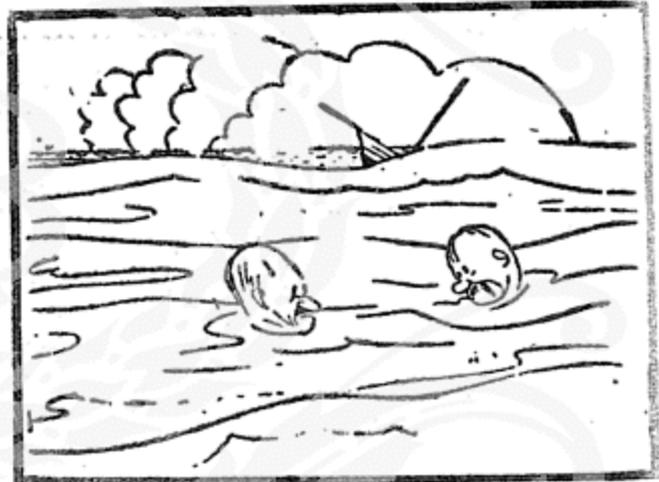
Pedrinho?
 A visita. — Já ajudas a tua mamãe, não é verdade,
 O menino. — Sim, "seu" Bonifácio. Ajudo-a a contar
 as colherinhas, quando as visitam sahem...



— Quando roubaste a torta, não te disse a consciencia
 que fazias mal?
 — Sim. Mas, a senhora não me disse que a gente não
 deve acreditar em tudo o que nos dizem?...



— Todos os detalhes de minha vida cruzaram por mi-
 nha mente no momento do naufragio.
 — Também te recordaste dos cinquenta mil réis que
 me deves?



— Perdão, mas o senhor não se chama Antonio Gon-
 galves, e é de Cascadura?
 — Exactamente.
 — Pois eu sou Pantaleão, o vendeiro
 — Oh, "seu" Pantaleão, faça o favor de sentar-se...



— Então Joãozinho, que apprendeste hontem?
 — A senhora deve saber, professora: não foi a senhora
 quem me ensinou?



— Em minha terra faz tanto calor, que as moscas mor-
 rem abraçadas.
 — Pois, na minha faz ainda mais calor. E tanto, tanto,
 que alimentamos as gallinhas com gelados, para que ellas
 ponham ovos frescos...

Melhor do que Voronoff... é o poder de um grande RESTAURADOR



VELHOS E VELHAS COM RESISTENCIA DE JOVENS
MAGROS COM AUGMENTO DE NUTRICAÇÃO E PESO.
FACES ROSADAS SEM AUXILIO DE PINTURA.
RACHITICOS EM FRANCO DESENVOLVIMENTO E
A CURA RADICAL DOS ANEMICOS É O QUE SE CONSEGUE COM O USO DO

"VINHO RESTAURADOR CERQUEIRA LINA"
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DE PRIMEIRA ORDEN



EIS AQUI

a MARCA da ELEGANCIA
e do BOM GOSTO

que sempre levam

CAMISAS, CEROULAS, PYJAMAS

BERTHOLET

CAMILLERI & C^{ia}, Suc^{tes}

82, Rue d'Hauteville, 82 - PARIS
que faz a roupa de luxo à mão e à medida.

ACEITAMOS PEDIDOS POR CORRESPONDENCIA

Dame Française

ENSEIGNE SON IDIOME AVEC METHODE
TRÈS FACILE, AU DOMICILE DES
ÉLÈVES.

Telephone B. M. 2338

Leiam todas as quartas-feiras

CAPITAN

Romance historico de Michel Zevaco

**PO' DE
ARROZ**



**É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO**

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS A'
PERFUMARIA LOPES

RIO - R. TI RADENTES, 34-36 e 38
RUA URUGUAYANA, 44
AV. RIO BRANCO, 134
S. PAULO - R. S^o ANDRÉ, 20



**QUER GANHAR SEMPRE
NA LOTERIA?**

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Gulando-me pela data de nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369, Buenos-Aires — Republica Argentina. — "Cite-se esta Revista".

Luisa de La Vallière ou a fidelidade



ARSENIO Houssaye, que escreveu muito, e bem, sobre La Vallière, fala de um retrato de mademoiselle, joven ainda, pintado por Mignard. A expressão é doce e serena. Houssaye diz da favorita: "Mademoiselle de La

Vallière não é uma heroína de novela. E' a decima musa."

Com effeito, poucas figuras têm o encanto ambiguo de sua figura imprecisa, daquella amavel melancolia amorosa realçada em uma especial distincção.

Continuou sendo dama de honra da rainha durante muito tempo depois de ser a amante publica do rei. Madame, aquella pobre rainha resignada a tudo, gostava della e a mimava. Acostumada a favoritas soberbas, que passavam a seu lado sem cumprimental-a siquer, o encanto daquella menina, parecia innocente até de seu proprio peccado, a seduzia.

Desde o principio, aquella daminha, de uma belleza pueril quasi inadvertida até quando teve o realce da predilecção do rei Sol, abrigou o sonho de ser amada por Luis XIV.

Era Luisa de La Vallière de nobreza burgueza e pouco significada. A principio, criticaram seu coxear, quasi discreto, e sua delgadeza.

Escolhida, como se sabe, de proposito para que o rei se aproximasse da duqueza de Orléans, sua querida e cunhada, depressa occupou o mais dilecto logar no coração real. Não soube ou não quiz resistir. Não tinha essa malicia elemental de *se fazer difficil*, e cedeu ao rei, que a conseguiu totalmente, em poucas semanas.

As entrevistas de Luis XIV com la Vallière foram, a principio, discretas. Elles apenas se viam durante o dia. A' noite, Luis passava á cadeira de mão de La Vallière, baixando as cortinazinhas como palpebras propensas ao sono em uma hora de amor.

Foi um amor idyllico de tapete. Os jovens amantes viviam só para amar-se. Luis chegou a se esquecer de sua condição quando a doce Luisa não pensava mais que seu amante era rei de França.

Um dia, em uma festa dada no parque de Versalhes, se desencadeou uma tormenta. Todos correram a refugiar-se no castello.

Duas pessoas, indifferentes á chuva e aos relampagos, se achavam no jardim, com as mãos unidas. Era o rei e La Vallière. Ella coxeava e elle queria coxear do mesmo pé.

— Meu coração — disse Luis — esperava esta tormenta para dizer-vos, mais perto do que nunca, que vos amo.

Ella dava explicações pueris a sua perturbação:

— Olhae como chove...

— Contae — disse elle — as gottas de chuva e eu vos darei tantas perolas quantas gottas contardes.

Eram Enéas e Dido.

No dia seguinte, o rei escreveu-lhe uma extensa carta falando de seu amor. La Vallière, para responder-lhe, pediu auxilio ao poeta Benserade. Este, á tarde, foi chamado pelo rei, que lhe pediu respondesse a la Vallière com uns bellos versos. Durante algum tempo, Benserade, que a nenhum dos dois descobriu a comedia, escrevia



as cartas de um e respondia ao mesmo que elle havia escripto pondo em verso os pensamentos do outro.

Sum sympathia é tal, que a rainha, sciente de tudo, commenta benevolamente:

— Foram as novellas de Hespanha que enlouqueceram a cabecinha da pobre La Vallière.

Seu espirito era perspicaz e tímido. Offendida por alguma critica dos nobres e das damas, La Vallière se retirou, um bello dia, para o convento de Chaillot. O rei se indigna ao conhecer a noticia, e vóa para lá. Consegue vê-la, e chorando como uma criança, recrimina sua amada:

— Como pouco vos recordaes de quem vos ama com todo o seu coração.

Fal-a voltar á côrte. Aquella reconciliação deve ter sido apaixonada em extremo.

Luis XIV deu-lhe, então, o palacio de Viron e o titulo de duqueza, fazendo-a chamar madame de La Vallière. Em seguida lhe offerece o baronato de São Christovam e a faz apresentar officialmente á rainha.

Ella, comtudo, continúa sendo a propria modestia. Madame de Sevigny disse que estava sempre envergonhada de ser amante, de ser mãe e de ser duqueza.

As possessões de La Vallière augmentavam com as possessões que o rei fazia de sua pessoa. E' curioso que em seu palacio de Chambord estreou Molière *O burguez gentilhomem*. Durante a primeira representação, o rei se aborrecia visivelmente e não quiz tomar o incommodo de applaudir uma unica vez. A adulação cortezá, attenta só em imitar o rei, acolheu a obra com visiveis mostras de desagrado. Foi preciso que La Vallière ponderasse a Luis os meritos extraordinarios de Molière e sua obra para que, na segunda representação, o rei applaudisse e felicitasse seu autor. Na saia tudo eram ovações e palmas a Molière. A fina intelligencia da favorita havia transformado um fracasso em retumbante éxito.

La Vallière foi, depois, perdendo todos os seus encantos. Dia a dia se ia transformando em uma pobre cousa gasta e flacida. O rei, antes apaixonado, se cansou visivelmente della. Um dia, tem com a pobre Luisa um gesto de cocheiro. Atira-lhe um pequeno cão á cara e diz-lhe:

— Com este, tendes bastante companhia.

Em sua decadencia — uma prematura decadencia aos trinta annos — o duque de Longueville quiz casar com ella. La Vallière renunciou a sua vida de esplendor e foi, novamente, para o convento.

A 3 de junho de 1675 professou. A' cerimonia compareceu toda a côrte. A rainha offereceu-lhe o véo.

La Vallière esteve trinta e seis annos no convento. Morreu a 6 de junho de 1710. Segundo os chronistas de seu tempo, em plena santidade.

GLYCÉROPHOSPHATO ROBIN



*Latação
Gravidez
Crescença
das crianças*

App. pelo D.N.S.P.

Nº 533-3 Setembro 1931

Laboratorios M. ROBIN, 15, rue de Polassy, PARIS

Representante exclusivo e responsável: R. AUBÉTEL, Caixa 1344, RIO DE JANEIRO

EXISTE REMEDIO NÃO DESESPERE.

Força, saúde abundante e olhos brilhantes são as forças magnéticas que atraem as mulheres. Ellas têm pena, porém não poderão amar um homem que se acha prematuramente envelhecido e com uma apparencia triste, olhos sem brilho — um farrapo humano. O homem conhece o seu mal mas não conhece o remedio para combatel-o. Finalmente a sciencia veiu em seu auxilio. O ELIXIR SORÉT porá fim a essa anormalidade, revigorando todo o sistema nervoso; fazendo do homem velho um homem novo em todo o sentido.

LEIAM
SELECTA
A'S QUARTAS-FEIRAS
A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAL

Fonte da saúde

O SANGUE é a fonte da saúde. Se perde a sua pureza, o corpo adocece.

A Salsaparrilha de Bristol, recommendada pelos medicos ha cerca de um seculo, purifica o sangue sem transtornar o organismo, porque não contem drogas nocivas.

Tome-se ás refeições. A legitima tem o nome em relevo no frasco. A venda nas pharmacias e drogarias, em frascos grandes e pequenos.



5078



ANTES

DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das
PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 26-6-1911)

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmaceutico
45, Rue de l'Ecluse, PARIS
Agente Geral: A. DE COURNAND
87, Rua dos Ourives, Rio de Janeiro.
A venda em todas as Pharmacias.

CALLOS

Extraordinario método que curou mais do que 3.000.000 de pessoas soffrendo de callos dolorosos. Uma gota d'este preparado scientifico mata a dôr em 3 segundos,—enruga o callo e o desprende. Á venda em toda a parte. Cuidado com as imitações!



“GETS-IT”
Chicago, E. U. A.

Porque Razão Quaker Oats é acondicionado em latas?

QUAKER OATS é enlatado sob a formidável pressão de 10.000 kilos, processo que elimina todo o ar contido no interior da lata. Por isso QUAKER OATS nunca se deteriora, como succede vulgarmente a certos cereaes acondicionados á larga. Antes, conserva todo o seu rico sabor natural e suas admiraveis qualidades nutritivas. QUAKER OATS chega ás mãos do consumidor tão puro como no dia em que foi enlatado.

Além disso, como o conteúdo é fortemente comprimido, o consumidor obtem maior quantidade na lata Quaker do que em latas similares, ás vezes muito maiores, mas nas quaes o cereal é acondicionado á larga.

Experimente QUAKER OATS. E' de um sabor delicioso e deve fazer parte da alimentação diaria de todas as pessoas. Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter o genuino QUAKER OATS.



Quaker Oats

074

O Bandido Celebre

-- Viajantes para o Briol, Limoges e Paris!

De um lado a outro do expresso se prolongava o chamado, seguido do choque das primeiras portinholas que se fecham...

A joven senhora Printemps dá uma exclamação de alegria: seus lindos olhos violeta, um pouco myopes, que interrogavam ansiosamente a fila de vagões, acabam de ver o cartaz salvador: *Senhoras sós*. Viva, meáda, a viajante se precipita, sóbe ao estribo, entra no carro, verifica, de uma rapida olhadela, que não perdeu nenhum de seus pacotes e senta-se, por fim, enquanto o trem começa a andar.

Só então Margarida Printemps respira, tranquilla:

— Urr!...

Quando uma mulher faz pouco tempo que é senhora, e a nova vida lhe é ainda quasi desconhecida, não acha muito divertido viajar sem mentor. Foi necessario, para decidir Margarida Printemps, que uma grave enfermidade de sua mãe a obrigasse a ir até Quercy, em pleno inverno, justamente em uma época em que seu marido não podla acompanhá-la... Esse marido adorado, André, sahido não ha muito da Escola Central com um numero magnifico, e cuja situação de engenheiro é já muito brilhante...

Através da distancia, Margarida sorri a André. Depois tira da bolsinha uma carta de seu senhor e dono, a ultima que recebeu, e que vae reler para tornar mais doces as horas de viagem. A joven senhora tem por companheira apenas uma velha ingleza, envolta em seu *plaid* e com o nariz afundado no *Times*. Como a vizinhança é pouco incommoda, Margarida pôde saborear tranquillamente a missiva.

"Minha querida: enfim, voltas!... Esperar-te-ei em Orsay, na quarta-feira, ás seis e meia da tarde, porque já sabes que, com todas essas historias de assaltos e roubos, quero que viajes de dia. Aqui não se fala sinão nas façanhas do famoso Cariol, o bandido auvernez, a quem a policia não consegue deitar as mãos, e que se especializou nos ataques aos trens nocturnos..."

Margarida interrompe a leitura, tremendo. Não só em Paris se fala de Cariol. Elle é celebre, tambem, no Limousin, que é onde actúa ha varios annos. Lá é o terror das granjas mal guardadas e das casas solitarias.

Margarida evoca as reuniões onde se contam, tremendo, as façanhas do invisivel ladrão. Um bello dia, elle desappareceu mysteriosamente, e a região inteira respirou. Tinha, nas tenebrosas selvas dos montes de Auvèrnia, esconderijos que desafiavam os mais finos detectives. Não era um delinquente vulgar. Sussurrava-se que era summamente sympathico e que em muitos logares encontrava asylo.

De repente, em meio da tranquillidade geral, um ataque audacioso punha novamente em fôco seu nome: Cariol dedicava-se a operar na linha de Orléans.

Tudo isso não dava muita coragem á senhora Printemps, que volta á leitura para encontrar um reconfortante. E o acha sem demora, porque André con-

DE ARNED VILAR

tinúa: "Durante o dia, nada tens que temer. Toma o vagão de *senhoras sós* e pensa na felicidade de encontrar-nos..."

Seguem-se phrases de ternura, que enlevam a joven senhora, envolvendo-a num sonho delicioso.

O trem chega a uma estação: é Brive. Na *gare*, a multidão se comprime, e os empregados, atarefados, correm daqui para ali. A portinhola se abre com estrepito: uma carinhosa mamã faz subir seus quatro filhinhos, entrega-lhes uma quantidade enorme de pacotes e sobe depois. A porta do corredor abre-se, por sua vez, para dar passagem a um viajante. Um viajante que deve ter, approxlmadamente, uns sessenta annos, a julgar pela longa barba. Esconde seus olhos atraz de enormes oculos azues. Seu aspecto é de *summa* correcção.

— O senhor, de certo, está enganado — diz a mamã dos quatro filhos. — Este carro é o reservado ás *senhoras sós*.

— Aoh!... Yes! — approva a ingleza.

Margarida não se atreve a dizer nada.

— Senhoras — respondeu o desconhecido, tirando attentamente o chapéo — eu vos peço desculpa, mas os outros vagões estão repletos. Tenho uma ferida em uma perna e é-me impossivel permanecer de pé no corredor... Si quizesseis me permittir, com a vossa bondade feminina, que eu occupasse este assento livre...

A mamã, bom coração, começa a tirar pacotes, amontoando-os na rede de arame. O desconhecido agradece, installa-se e abre um jornal...

E o trem continúa sua marcha, enquanto a ingleza resmungava qualquer cousa no idioma de Shakespeare.

Em Limoges, enquanto Margarida devora uns *sandwiches*, a *miss* vae ao carro-restaurant, para de lá só voltar quando o trem chega a Chatedoroux, estação onde desceu a senhora das quatro creanças.

Nas paradas seguintes nada perturba o repouso dos viajantes do carro reservado ás senhoras.

Cahiu a tarde e os vidros estão empanados. O expresso parece acommettido de uma vertigem e precipita loucamente sua carreira através da planura. Não se ouve sinão a cadencia monótona do rodar dos vagões. O isolamento põe um pouco de angustia no coração de Margarida. De soslaio, ella observa o viajante desconhecido: não se moveu. Terminada a leitura do jornal, elle deitou o chapéo sobre os olhos, e parece dormir.

A ingleza cochilla: seu *plaid*, entretanto, deixa ver uma enorme cadeia de ouro, da qual pende uma perola do Cabo, de tamanho inverosimil. Margarida julga notar que o viajante desconhecido olha, dissimuladamente, aquillo. Será um ladrão? Mas o desconhecido se volta, para mudar de posição, dando um suspiro, seguido, bem depressa, de sonoros rouquidos. E a senhora Printemps tem vontade de rir do mêdo de que foi acommettida. Por sua vez, cerra as palpebras, e seu cerebro se vae embotando pouco a pouco...



As massas de
semolina **AYMORE**
são especialmente
indicadas para crian-
cas, dada a sua pure-
za e valor nutritivo.

Peça:

MASSAS ALIMENTICIAS
AYMORE

SECC. PROP.
MOINHO INGLEZ
J.P.



O BANDIDO CELEBRE

(Conclusão)

E, de repente, se desperta, sobresaltada. O viajante está de pé deante da ingleza. Margarida solta um grito de espanto, ao qual responde uma detonação: da porta do corredor, aberta sem o menor ruído, surgiu um homem mascarado, de revolver na mão. E' elle quem acaba de atirar para o ar e quem grita: "Mãos para cima!"

O viajante levanta o braço direito e sôa outro tiro. Dessa vez foi elle quem atirou no bandido, sem feril-o, porém. O homem, furioso, atira de novo, o viajante responde e é uma verdadeira saraivada de balas.

Margarida cahiu de joelhos. A ingleza agarrou-se desesperadamente á campainha de alarma.

O bandido, attingido por uma bala, cêe por terra, exhalando um juramento. Outro individuo, também mascarado, penetra no carro, levanta seu companheiro, abre violentamente a portinhola, e os dois desaparecem em um segundo. O expresso pára. Grande tumulto. Os viajantes, espantados, saltam e se interpellam com angustia.

— Pickpocket! — grita a ingleza.

O chefe do trem corre, indaga... Dois vagões de segunda classe foram saqueados sem que fosse possível a resistencia.

Sem a valorosa intervenção do viajante do carro de senhoras sós, outras pessoas teriam sido despojadas do que levassem. As pessoas se agrupam em torno do heróe, que, ferido ligeiramente na mão, agradece as felicitações.

— O que me permittiu defender-me — diz elle — é que já havia sentido ruidos estranhos: levantei-me para saber o que occorria e, instinctivamente, tomei a *browning*.

Margarida é toda ouvidos, e assim comprehende a estranha attitude do viajante deante da ingleza adormecida.

A ordem se restabelece, e como, dada a escuridão, é impossivel perseguir os malfeitos, o trem partiu. O perigo commum correu nos vagões uma corrente de sympathy familiar. Os roubados contam a aventura a quem queira ouvil-os.

— Seria o illustre Cariol? — perguntou alguém.

— Não o creio — respondeu Margarida. — Ouvei falar muito d'elle no Limousin, e deve ser de mais idade que os ladrões que nos atacaram.

O trem passou Austerlitz, e dentro de alguns minutos Margarida estará nos braços de André.

Com os olhos, procura seu salvador. Desejaria saber como se chama elle. E o viajante já correu o ferrolho da portinhola, e se prepara para descer.

— Senhor — disse Margarida, sorrindo, — não esquecerei nunca o que lhe devo, e, para conservar melhor sua recordação, peço-lhe que me diga seu nome. Quero falar do senhor a meu marido.

O desconhecido sorri, e responde:

— Não gosto de confiar meu nome a ninguém, e v. ex. vae saber por que. Ha pouco, ao ouvir sua conversação, fiquei sabendo que não somos... amigos, e é esta uma razão para que responda francamente... Eu sou Cariol!...

M. C.



Reflexões



"Não ser, porém, a voz do povo a voz de Deus, manifestou-se naquella sexta-feira santa, quando a população, uivando, gritava: crucifigae-o! crucifigae-o!"

...

A um espirito supremo e original devem dar-lhe summo e pleno contentamento, em certas circumstancias, não as homenagens e ovações, ainda espontaneas, mas precisamente os apodos e imprecações do velho e ronco rebanho de Panurgo do genero humano.

A razão é muito facil de ver, bem que tenha o asserto o seu quê de paradoxal.

Os tolos, como os maus, estão ainda hoje, como sempre, em maioria esmagadora: *Stultorum numerus est infinitus*.

Isto posto, é, ordinariamente, o sectarismo, sincero ou mentido, dessa maioria nefasta, a mais cabal e desoladora prova da malicia ou inferioridade de F., comprehendido e amado, desfructado e acceto pelos taes.

Ao passo que o antagonismo, ultróneo ou affectado, da onda impulsiva e abjecta é, não poucas vezes, a mais bella e expressiva demonstração da superioridade e excellencia de S., pelos mesmos incomprehendido e inestimado, deslogrado e dasaceto.

No primeiro caso, temos *cré com cré, lé com lé*, connubio natural e legitimo, — a menos que se trate de uma consagração devida ao são prestigio dos idoneos e insuspeitos mentores da massa inconsciente e irresponsavel; no segundo, *cré e lé, ou lé e cré*, que instinctiva e mutuamente se repellem.

Em summa, a malquerença e execração publica é, em certas circumstancias, — pelo menos emquanto dura o aporfiar desesperado da vida, — a mais eloquente e desejavael affirmação do merito verdadeiro e excepcional.

OTHONIEL BELLEZA.

(Dos Ensaios de Philosophia e Critica Geral.)

SABONETE

Dorly

PREÇO POR PREÇO,
É O MELHOR



PEÇAM AMOSTRA/ GRATV

A *Perfumaria*
Lopes

RIO R. TIRADENTES, 34-36-38
RUA URUGUAYANA, 44
AVENIDA RIO BRANCO, 134
S. PAULO - RUA S. ANDRÉ, 20

GLAXO PARA BEBÊS MÃES QUE CRIAM. CRIANÇAS PESSOAS DE IDADE

O Glaxo é um alimento completo e eficaz para crianças de peito e para crianças maiores, e o melhor alimento para pessoas de sua idade em virtude de sua pureza e grande digestibilidade por estar isento de microbios prejudiciais.

GLAXO, 56, OSNABURGH STREET, N.W.1 LONDRES

CRIA ROBUSTOS BEBÊS

porque :

- GLAXO** é tão digestível, limpo e nutritivo como o leite materno.
- GLAXO** não tem microbios nocivos e até os recém-nascidos o assimilam.
- GLAXO** é puramente leite, que se dissolve em água acabada de ferver.

Experimente-o para o seu Bebê.

O SEU ESTOMAGO É O SEU BAROMETRO

para lhe indicar se a sua digestão anuncia "Bóia Digestão" ou se esta o está pondo no caminho de uma tempestade. Que os seus incommodos digestivos sejam azias, pesadume, azedia, inchações, eructações acidas ou as indigestões, chamma-as V. S. simplesmente "Dóres de Estomago" e na maior parte, dos casos as doenças de que soffre provém de um excesso de acidez do succo gastrico. Para se tirar a causa do mal, tome meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco de água depois das suas refeições ou logo que a dôr se faz sentir. Graças as suas propriedades alcalinas, a Magnesia Bisurada neutralisa muito rapidamente o excesso de acidez, impede a fermentação dos alimentos e evita a inflamação das mucosas delicadas do estomago. A Magnesia Bisurada, a qual deve a sua fama á sua efficacia, acha-se á venda em todas as pharmacias.

SENHORAS

Tendes cabellos superfluos no rosto, testa, braços, etc? Ouvi então nosso conselho. Use o maravilhoso producto de invento norte-americano — **DEPILINA SARAH** — pois assegurar-vos-ha completa efficacia. E' de facil applicação e de effeito instantaneo. Ao contrario de todos os depilatorios que só fazem o effeito de uma navalha, **DEPILINA SARAH** extrahe os cabellos com as raizes. Póde-se usar este preparado em qualquer parte do corpo, sem receio de que vá irritar a pelle ou produzir dôr. Qualquer creança póde usal-o, pois as materias no mesmo empregadas são completamente inoffensivas. Devolveremos a importancia se não produzir o resultado desejado. — Encontra-se á venda nas Pharmacias, Drogarias e Perfumarias de primeira ordem. Depositarios:



HEITOR GOMES & C^a

Rua da Alfandega 95 — Caixa Postal 2398.
RIO DE JANEIRO — Um tubo, 20\$000, pelo correio 21\$000.

MAGNIFICA COMBINAÇÃO DE

EFFICACIA incontestavel! São palavras do distincto clinico Dr. Alvaro Barcellos, ao comunicar o resultado das experiencias levadas a effeito na Santa Casa de Pelotas, com o grande depurativo-tonico



LUESOL

de SOUZA SOARES

Tão completo foi o successo deste medicamento no modelar hospital, que passou a ser um dos poucos remedios ali adoptados.

A VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

TOSSES CATARRHOS BRONCHITES CHRONICAS

GOUTTES LIVONIENNES

Laboratoires TROUETTE-PERRET
15, Rue des Immeubles-Industriels, PARIS (XII^e)

ENCONTRA-SE EM TODAS Drogarias e Pharmacias

A ADULTERA

AOS seus ouvidos, terrivelmente, matando-lhe todas as illusões, todos os sonhos, soavam aquellas duas palavras — *nunca mais!* Duas apenas, mas que tinham o poder de tudo destruir...

Agora, desamparada, só, bem triste deveria ser o seu fim, pela situação em que a tinham collocado... E o que mais a martyrizava era não existir propriamente um motivo para que a cruel phrase fosse proferida.

Na verdade, o seu marido a pilhára em colloquio, em um banco de jardim publico, com o homem que a maledicencia humana propalára ser seu amante. Na roda social frequentada pela se-

traduziam para elle como de duas pessoas que se queriam desinteressadamente... Alguma coisa mesmo havia de criminoso, pensava. Depois, parecia-lhe que os demais se riam delle. Um dia, não podendo mais occultar a agonia da duvida, interpellou a esposa. Grande, immensa, foi a decepção da senhora Silva. Como?! O seu marido, os seus amigos suspeitavam

viam. Era uma relação de familia.

Ao ser interrogada pelo esposo, a senhora Silva respondêra-lhe altivamente, com profundo desprezo, desprezo de um amor proprio offendido... Soffreu muito com o que ouviu, e padeceu muito mais por ter partido delle a sciencia de uma falta que não ousaria nunca commetter; delle a quem idolatrava... Uns dias le-

marido. Precisava, porém, avisar ao seu supposto amante, explicar-lhe tudo... E foi na occasião em que, cheia de pudor, tudo confessava ao seu amigo de infancia, que o marido, atormentado pela duvida, passando, os vira juntos. Toda a desconfiança para elle se positivou naquelle encontro. Pensou em desafrentar-se alli mesmo. Uma idéa, porém, passou-lhe pela mente, contendo-o... E, resoluta, lavrou uma sentença para a esposa: expulsal-a da casa! E o fez. Era a sua maior repulsa, e vergonha para ella. Requereria a separação depois.

Inuteis foram os protestos da senhora Silva. *Que se fosse... e nunca*

VERSOS

'QUANDO TU PASSAS...

*Quando passas esquiva, caprichosa,
Rescendendo perfumes de Ceylão,
Alva e macia a pelle setinosa,
Nos labios de coral um coração.*

*Quando, leve, tu passas, vaporosa,
Qual se fóra uma sombra, uma visão,
Eu sonho uma chimera côr de rosa
No castello de prata da illusão.*

*Sonho que vamos juntos pela estrada,
E a tua carne fina, assetinada,
Na minha carne encostas, sorridente...*

*Mas eis que se desfaz o doce encanto,
E, regada no orvalho do meu pranto,
A visão vae fugindo, lentamente...*

JORGE DUARTE RIBEIRO.



nhora Silva tinha surgido uma desconfiança das relações criminosas suas com o grande industrial Lopes. Em muito breve essa desconfiança, espalhada, se transformára, para os amigos do casal Silva, em realidade. Ella, nunca, nem por sombra, suspeitára do mal que lhe faziam, da falta que lhe attribuíam. O senhor Silva, até então, nada vira de criticavel naquella relação da esposa. Um dia, porém, uma carta anonyma veio crear-lhe um verdadeiro inferno na imaginação... Não, devia haver algo de verdadeiro naquelle aviso... E, nessa situação de terrivel duvida, não mais vivendo em paz, se poz a vigiar a esposa. Os sorrisos trocados, as palestras em salão, da esposa com o senhor Lopes, não mais se

de sua conducta?! Não sabiam que o homem que diziam ser seu amante fóra seu companheiro de infancia e collega de escola?... Nada mais natural e humano do que aquella grande amizade. E era tão grande esse sentimento e tão respeitoso, que nunca lhes passára pela idéa a mais vaga lumbança de que poderiam deduzir mal daquelle contentamento com que se

vou sem vel-o, chorando por um crime que não praticará... Finalmente, resolveu apparecer ao senhor Silva para fazer-lhe sentir que muito a magoára a offensa recebida. Queria dar-lhe uma occasião para desculpar-se.

O senhor Silva ouviu-a revoltada, entre lagrimas, e respondeu-lhe apenas: "Prohibo-te que lhe fales!". Cheia de indignação, accitou a ordem do



mais!... firmemente repetira-lhe o esposo.

Ella se foi, cheia de um grande amor, de uma grande revolta, cheia de uma grande dôr e de um grande medo... E, emquanto seguia, vendo todas as suas illusões debadas, um pensamento máo fê-la recuar...

O mundo a julgava adúltera... Ella, entretanto, temia sel-o... Temia... porque, agora só, desamparada, não mais se fitariam, dadas as circunstancias em que se achavam, ella e o homem que lhe diziam amarem, sem corar... E, pejo, daquelle natural trahimento com que se haviam de deparar... facil seria o amor un...

PEDRO P. FARIA ROCHA

ARTIGOS ESPECIAIS
D'ALGODÃO, LINHO E SEDA
PARA TRABALHOS DE SENHORA



ALGODÕES PARA BORDAR D-M-C. ALGODÕES PERLÉS... D-M-C
LINHAS PARA COSER... D-M-C. ALGODÕES PARA TRICOT D-M-C
ALGODÕES PARA PASSAJAR D-M-C. CORDONNETS... D-M-C
SEDA PARA BORDAR... D-M-C. FIOS DE LINHO... D-M-C
TRANÇAS D'ALGODÃO D-M-C

DOLLFUS-MIEG & C^{as}, SOC. AN.
MULHOUSE - BELFORT - PARIS

Os productos da marca D-M-C vendem-se em todas
as casas de retroceiro e trabalhos de senhora.



Pela sua inconfundível perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto. FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: Hors Concours. A' venda em todas as boas casas da Capital e dos Estados

FABRICA
FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 80.

— RIO DE JANEIRO —

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 3957 Villa



DIARIAS DESDE 15\$000

CHRISTOPH CLUB

Com dois sorteios semanais - Carta Patente N. 72



Portátil 2-35
95000.



Machinas Fallantes "VICTOR"

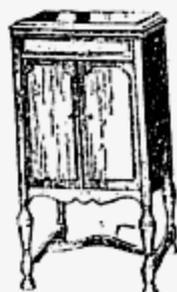
TODOS DEVEM POSSUIR

VICTROLAS ORTHOPHONICAS

A maior maravilha musical é o melhor presente porque é um presente para a familia inteira

DISCOS

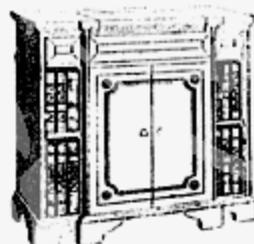
Por preço infimo, pôde V. S. ouvir os melhores artistas do mundo.



Motor de corda 4-3
32\$600.



Para cima da mesa 1-79
14\$400



Modelo 8-36 -- 96\$000

POR QUE ESCREVER A' MÃO?

Quando a machina de escrever UNDERWOOD está ao alcance de todos? Uma machina leve, em artistico estojo, facil de transportar, não occupando lugar e com todos os caracteristicos das machinas grandes, inclusive o teclado universal, eis o que é a UNDERWOOD PORTATIL.



Portátil 20\$000



S - 12 -- 34\$000

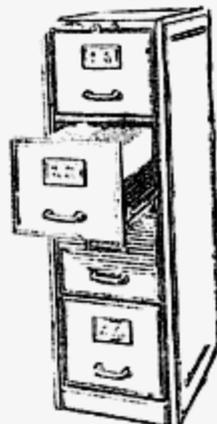
BASTA DE EXPERIENCIAS! USE A UNDERWOOD

A vencedora de todos os campeonatos A machina cuja reputação de excellencia e durabilidade a accção do tempo comprova e consolida

Quem tem um escritorio deve exigir nelle sempre **ORDEM E SYSTEMA.**

Os Archivos, Armarios, Duplicadores, Machinas de endereçar, Rotoclypes e sistemas de classificação são os mais perfectos.

RONEO



001 - 18\$000

Peçam Catalogos Especiales
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 83
São Paulo